

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Sociologia, Filosofia e Política
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Dissertação



A direita reage e se reinventa:
a irrupção de Cabildo Abierto no cenário político uruguaio

Agustina Martiarena Pazos

Pelotas, 2022

Agustina Martiarena Pazos

A direita reage e se reinventa:

a irrupção de Cabildo Abierto no cenário político uruguaio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Pedro Robertt

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P348d Pazos, Agustina Valeria Martiarena

A direita reage e se reinventa: a irrupção de Cabildo Abierto no cenário político uruguaio / Agustina Valeria Martiarena Pazos; Pedro Robertt, orientador. — Pelotas, 2022.

176 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Democracia. 2. Direita. 3. Uruguai. 4. Cabildo abierto.
I. Robertt, Pedro, orient. II. Título.

CDD : 321.8

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB:
10/1733

Agustina Valeria Martiarena Pazos

A direita reage e se reinventa: a irrupção de Cabildo Abierto no cenário político uruguaio

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência Política, do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29/06/2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Robertt (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Alvaro Barreto. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Prof. Dr. Ricardo Severo. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo apoio, incentivo, carinho e paciência, e por terem sido, sem nenhuma pretensão, minha fonte de inspiração. Sem eles, não teria traçado ou atingido a maioria das minhas metas, menos ainda acreditado na possibilidade de finalizar um mestrado. E à minha família toda, por estar sempre, longe ou perto, comemorando todas as minhas conquistas como se fossem próprias.

A Gui, por me ajudar a acreditar em mim e ter paciência nas longas e cansativas jornadas, especialmente durante a escrita desta dissertação. Por me apoiar e respeitar meus tempos, por me cozinhar comida quase uruguaia, ser meu motorista e ajudar com as burocracias de ser estrangeira no Brasil.

Ao meu orientador, Pedro, que me orientou para além da dissertação, ajudando na vida acadêmica, na burocracia e nos conselhos e apoio para compatibilizar a saúde mental com um bom mestrado. Porque, apesar de a orientação ter sido quase toda on-line, mostrou-se sempre prestativo, compreensivo e fez ótimas correções no texto.

À banca de qualificação, composta pelos professores Álvaro Barreto e Carlos Gallo, porque, desde suas considerações na qualificação, consegui crescer, amadurecer os conhecimentos e prestar atenção em minha visão muito uruguaia para um público brasileiro.

Ao professor Barreto, por novamente me acompanhar na banca de dissertação, e a Ricardo Severo, por aceitar o convite. A ambos, agradeço por terem tido a paciência de ler a dissertação e me acompanhar no final dessa caminhada.

Aos meus colegas de mestrado, que, desde a virtualidade, deram sempre apoio, avisando de eventos e editais, buscando cortar as distâncias de um mestrado inteiramente on-line.

Ao PPGCPol, pela acolhida e pela oportunidade de realizar um mestrado. Porque sempre buscou apoiar os alunos, especialmente com as dificuldades da pandemia e no financiamento dos eventos e encontros. Também à secretária, pela disposição e rápidas repostas sobre dúvidas e soluções de problemas.

Finalmente, agradeço à CAPES, pela bolsa que me auxiliou na realização do mestrado com dedicação integral e exclusiva à pesquisa, resultando nesta dissertação.

Resumo

Resumo MARTIARENA, Agustina Pazos. **A direita reage e se reinventa: a irrupção de Cabildo Abierto no cenário político uruguaio**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

Esta dissertação questiona a atual reemergência das direitas nos sistemas democráticos. Trata especificamente do caso uruguaio, no qual a irrupção e rápido crescimento do partido Cabildo Abierto, pouco antes das eleições nacionais de 2019, alertou a academia sobre a entrada de um novo ator no jogo político. Esse partido é abordado na presente dissertação como uma direita que se reinventa. A pesquisa partiu da hipótese de que o partido conseguiu unificar, dar forma e representar uma direita latente, a partir do nacionalismo conservador *artiguista*. Contudo, comprovou que essa direita funcionou como unificadora e canalizadora desse sentimento conservador latente no Uruguai, não somente mediante o nacionalismo conservador, mas mediante a adaptação das características orgânicas da direita à atualidade, coincidindo, assim, com a caracterização das direitas globais. A pesquisa se baseou em um estudo de caso qualitativo, a partir da análise de documentos do partido, de fontes secundárias para compreender a visão dos fundadores e, finalmente, da análise de discursos dos representantes eleitos, na rádio e nas câmaras.

Palavras-chave: DEMOCRACIA; DIREITA; URUGUAI; CABILDO ABIERTO.

Abstract

Abstract MARTIARENA, Agustina Pazos. **The right reacts and reinvent: The rise of Cabildo Abierto on the Uruguayan political scenario**. 2021. Dissertation (Master in Political Science), Federal University of Pelotas, Pelotas, RS, 2022.

This dissertation questions about the actual reemerges of the rights in the democratic systems. Specifically in the Uruguayan case, in were the rise of Cabildo Abierto short time before the 2019 national election alerted the academy with the entrance of a new actor in the political game. This political party is studied in the present dissertation like a reinvented right. The dissertation hypothesis is that Cabildo Abierto succeed in unifaces, shapes and represent a dormant right by using the conservatory nationalism *artiguismo*. Although proves that this right functioned unifying and canalizing this dormant sense of conservatism by adapting the organic characteristics of the right at the actual moment, coinciding with the characterization of the actual new right. The dissertation based on a qualitative case of study analyzing the party documents; secondary sources that presents the point of view of the founding members e finally by analyzing speeches of the elected representatives in radio or in chambers.

Key words: Democracy; Right; Uruguay; Cabildo Abierto

Lista de Figuras

Figura 1	Características orgânicas das direitas uruguaias.....	70
Figura 2	Ferramentas para disputar hegemonia.....	71
Figura 3	Características orgânicas das direitas uruguaias em Cabildo Abierto.....	105
Figura 4	Ferramentas de Cabildo Abierto para disputar hegemonia.....	105
Figura 5	Cabildo Abierto como uma direita reinventada.....	161

Lista de Abreviaturas e Siglas

CA	Cabildo Abierto
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
Dinarp	Dirección Nacional de Relaciones Públicas
DSN	Doutrina da Segurança Nacional
FA	Frente Amplio
FEEUU	Federación de Estudiantes Universitarios
INDDHH	Instituto Nacional de Derechos Humanos
LUC	Ley de Urgente Consideración
JUP	Juventud Uruguaya de Pie
JSP	Juventud Salteña de Pie
LAPOP	Latin American Public Opinion Project
PC	Partido Colorado
PCU	Partido Comunista de Uruguay
PI	Partido Independiente
PIT-CNT	Plenario Intersindical de Trabajadores - Convención Nacional de Trabajadores
PN	Partido Nacional
MEDL	Movimiento Estudiantil por la Defensa de la Libertad
MUPN	Movimiento pro Universidad del Norte
MLN-T	Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros
MSA	Movimiento Social Artiguista
UBD	Unión Blanca Democrática
UdelaR	Universidad de la República

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ABORDAGENS SOBRE O MOMENTO ATUAL	14
1.1 Uma nova onda.....	16
1.2 Podemos falar em declínio da democracia?.....	16
1.2.1 As transformações da democracia.....	17
1.2.2 As direitas reinventadas.....	22
1.3 Abordagens a adotar.....	32
2. SOBRE O CASO URUGUAIO	35
2.1 História das direitas no Uruguai.....	38
2.1.1 O <i>riverismo</i> , a primeira reação.....	38
2.1.2 A ditabranda de Terra, a ruptura autoritária.....	41
2.1.3 Os <i>ruralismos</i> , a unidade da reação do campo.....	42
2.1.4 Organizações e movimentos anticomunistas.....	49
2.1.5 A ditadura da Doutrina da Segurança Nacional.....	55
2.2 Direitas uruguaias pós-ditadura, a grande transformação.....	58
2.3 O nacionalismo como elemento aglutinador.....	65
2.4 Características e ferramentas das direitas.....	69
2.5 Conclusão parcial.....	70
3. CABILDO ABIERTO	74
3.1 Construção do partido.....	74
3.1.1 Contextualizando a construção do partido.....	74
3.1.2 A visão dos fundadores.....	81
3.2 O orgânico das diretas no partido	87
3.3 As ferramentas para a irrupção.....	91
3.3.1 Nacionalismo conservador <i>artiguista</i>	95
3.3.2 Valores orientais.....	100
3.4 O novo em Cabildo Abierto.....	102
3.5 Conclusão parcial.....	104
4. A VISÃO DOS CABILDANTES	105
4.1 O problema da falta de ordem.....	108
4.1.1 Ordem social hierárquica.....	108
4.1.2 Esquerda causante da desobediência.....	111

4.2 A ameaça da “ideologia de gênero”	114
4.2.1 Contra as feministas e as imposições.....	115
4.2.2 Visão da igualdade entre homem e mulher.....	118
4.3 Revisão do passado recente.....	121
4.3.1 Busca de superação do passado recente.....	123
4.3.2 Influência estrangeira na soberania interna.....	128
4.4 Construção do “eles”	131
4.4.1 Os sindicatos como ameaça para o futuro.....	132
4.4.2 O sistema judicial como ameaça à soberania.....	135
4.4.3 Meios de comunicação e a ameaça dos interesses privados.....	139
4.4.4 A ameaça dos “pseudoprogressistas”	142
4.4.5 A ameaça dos grandes centros de poder.....	144
4.5 Retomar o verdadeiro ser nacional.....	146
4.5.1 Hispanismo e americanismo, releituras de Rodó.....	146
4.5.2 A retomada e releitura do artigusimo.....	148
4.5.3 O que retomam do passado.....	149
4.6 A construção do “nós”.....	152
4.6.1 O modelo de país.....	154
4.6.2 Uma relação direta com o povo.....	158
4.7 Cabildo Abierto, uma direita reinventada.....	158
4.8 Conclusão parcial.....	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS.....	166

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como motivação principal analisar a reemergência de líderes, grupos, movimentos e partidos com características que eram consideradas superadas nas democracias consolidadas. Interessa-se, especialmente, pelo caso de um pequeno país do sul da América Latina, o Uruguai, onde se verifica esse fenômeno.

Nesse país, após quinze anos de ocupação da presidência pela esquerda, em 2019, deram-se as condições para que ganhasse as eleições nacionais uma coalizão que reúne todas as direitas uruguaias e alguns partidos de centro. Um dos partidos que integra essa coalizão e que irrompeu no período pré-eleitoral foi Cabildo Abierto (CA), representando o novo da direita, no país.

Cabildo Abierto irrompeu no cenário político uruguaio em março de 2019, sete meses antes da primeira rodada eleitoral, conseguindo se impor como quarta força política. Considerando que a democracia uruguaia é um sistema político caracterizado pela forte presença de velhos partidos, esse desfecho foi surpreendente para muitos analistas.

O partido também chama a atenção dos analistas porque, desde a campanha política, apresentou características similares às direitas que reemergiram em outros países. Assim, às características próprias do país e da época, constata-se a incorporação de alguns elementos das direitas em outras partes do mundo e de tradições que pareciam abandonadas. Assim, Cabildo Abierto, como será observado ao longo desta dissertação, constitui-se como uma direita renovada, capaz de mobilizar o descontentamento do momento atual e unificar uma direita diversa e latente.

Esta dissertação explora um sentimento pré-existente, isto é, a cosmovisão de direita que existia previamente e aparece na atualidade latente. Trata-se de uma forma de sentir e pensar que encontrou em Cabildo Abierto um catalisador, um partido que unificou esses sentimentos e lhes deu forma e representação política.

A dissertação atravessou mudanças no decorrer da pesquisa, uma vez que o objeto é contemporâneo, mutável e amplo. No momento inicial, questionou-se sobre o caso uruguaio a partir do surgimento do partido Cabildo Abierto como o novo da direita uruguaia, com foco nas pessoas que se

identificam com o partido. Assim, perguntava-se: quais eram as visões observadas nos aderentes do partido *Cabildo Abierto* em relação à democracia e ao autoritarismo?

A partir desse questionamento, tinha-se como hipótese principal, do projeto de partida, que existiria uma visão diferente da democracia para cada tipo de aderente. A hipótese principal foi dividida, então, em três hipóteses secundárias, considerando uma tipologia que incluía votantes, ativistas e quadros políticos.

Contudo, a investigação mudou de rumo e também sua forma de olhar o problema e as hipóteses, com o objetivo de dar conta da dissertação no tempo previsto. Apesar disso, o problema continuou vinculado ao partido *Cabildo Abierto*, considerando-o o novo na direita uruguaia, e a pesquisa passou a ser direcionada a observar esse partido como uma direita que consegue unificar um sentimento latente.

Destarte, passou-se a observar desde a visão do próprio partido, principalmente dos representantes eleitos (ficando com o terceiro grupo da tipologia inicial), até como esses mobilizam o sentimento de descontentamento que se apresentou nas eleições de 2019, para buscar construir hegemonia. Formulou-se, então, uma nova pergunta: como *Cabildo Abierto* unifica, dá forma e representa o sentimento conservador latente no Uruguai?

Em concordância com a anterior, foi formulada uma nova hipótese: o partido *Cabildo Abierto* unifica, dá forma e representa uma direita latente a partir do nacionalismo conservador *artiguista*.

Como hipótese secundária, sustentou-se que existe um elemento orgânico nas direitas uruguaias, que é o nacionalismo conservador.

O objetivo principal da pesquisa passou a ser compreender como *Cabildo Abierto*, mediante o nacionalismo conservador, unifica, dá forma e representa uma direita latente. Um primeiro objetivo secundário foi definir a direita, especialmente naquilo que permanece como característico com o passar do tempo, aqui chamado de orgânico. O segundo objetivo secundário foi buscar o componente orgânico que permanece em *Cabildo Abierto*. Como terceiro objetivo secundário, buscou-se analisar o peso que têm, em *Cabildo Abierto*, os elementos que compõem uma “direita global” nos tempos atuais.

A partir de uma pesquisa de caráter qualitativo, valeu-se da abordagem metodológica do estudo de caso para compreender um fenômeno tão atual e complexo como é a irrupção do partido *Cabildo Abierto*, no sistema político uruguaio.

A pesquisa contextualizou essa irrupção desde o surgimento do “*Movimiento Social Artiguista*” até os dias de hoje, com maior ênfase no período 2020-2022, já que a análise foi focalizada nos cargos governamentais.

O universo de análise da dissertação foi o partido *Cabildo Abierto*, especificamente a visão dos seus representantes eleitos. Isso porque se trata de um partido emergente que forma parte da coalizão de governo, na qual os representantes eleitos têm um lugar fundamental na formação da agenda política. Foram analisados os discursos dos representantes eleitos desse partido, uma vez que esses gozam de representatividade assim como de uma importante inserção no espaço público para expressar suas ideias. A dissertação considerou também a visão dos fundadores do partido como marco explicativo da sua origem.

Para compreender o que significa essa direita, a dissertação a define como aquela posição política que reage às mudanças, especialmente às realizadas pela esquerda e que alteram o *status quo*. Essas direitas possuem umas características orgânicas e outras novas, adaptadas ao tempo atual, uma vez que pretendem se manter hegemônicas.

Assim, a pesquisa qualitativa foi realizada em duas etapas: a primeira, descritiva, baseada numa análise documental, para analisar como surgiu o partido, combinada à análise das falas dos fundadores, para explicar esse surgimento. A segunda etapa é explicativa, partindo dos resultados da etapa anterior e da análise das falas dos representantes eleitos.

Para entender como *Cabildo Abierto* aparece como a atual versão da tradição de direita conservadora, no Uruguai, foi necessário previamente definir essa tradição. Assim, foi realizado um breve percurso histórico das direitas conservadoras no país, mediante a revisão bibliográfica dos trabalhos de historiadores uruguaiois. Desse modo, pretendeu-se identificar os elementos orgânicos da direita uruguaia, para verificar sua permanência no partido estudado.

Na parte explicativa, procurou-se observar as características que definem o partido, a partir de análise dos documentos que aparecem nos sites oficiais do partido *Cabildo Abierto* e do *Movimiento Social Artiguista*, antecedente do primeiro. Esses documentos foram avaliados de uma forma crítica, junto com as falas dos fundadores, à luz das discussões teóricas, e efetuando-se uma comparação com os elementos ideológicos e discursivos encontrados na trajetória das direitas no país.

No seguinte momento de desenvolvimento metodológico da dissertação, já com a definição do partido, foram testados os conceitos a partir dos quais é definida a direita uruguaia. Nesse sentido, analisaram-se, considerando os resultados da pesquisa documental, algumas falas dos três senadores e de seis dos onze deputados eleitos. Esses discursos foram extraídos tanto das audições nos espaços radiais do partido, em *Rádio Oriental* e em *Rádio Universal*, quanto das intervenções dos *cabildantes* nas respectivas câmaras de senadores e de deputados.

O estudo dos discursos foi feito de forma individual, sendo coletadas todas as intervenções de cada um dos legisladores. Após transcritas, foram traduzidas, separadas e agrupadas em grandes dimensões de análise, para detectar os princípios e valores que essa direita defende. Esta análise se realizou considerando as características que resultaram na definição do que é orgânico nas direitas uruguaias, assim como à luz das abordagens teóricas que estudam as direitas.

Em suma, a análise histórica das direitas conservadoras no Uruguai teve como objetivo a delimitação daquilo que é orgânico. Isso permitiu a caracterização do partido como o novo dessa direita uruguaia. Por sua vez, foi possível identificar os elementos pertencentes às anteriores direitas e os próprios do tempo atual. Isso também permitiu verificar se o “novo” coincide com as questões teóricas que foram trazidas nas abordagens teórico-conceituais, para, finalmente, verificar se foi a partir do nacionalismo conservador que essas conseguiram unificar, dar forma e representar as direitas latentes.

Assim sendo, o primeiro capítulo reúne as abordagens teóricas que buscam compreender essa reemergência de direitas mais radicais na atualidade. Os pontos em comum dessas abordagens funcionaram como base teórico-conceitual para esta dissertação. O capítulo é estruturado em seções, sendo a

primeira destinada aos estudos do sistema democrático na conjuntura atual. Por sua vez, a segunda seção expõe diferentes caracterizações dessas direitas. O capítulo finaliza definindo o marco teórico-conceitual de que esta dissertação se valeu para estudar o caso da irrupção de *Cabildo Abierto*, nas eleições de 2019, no Uruguai.

O segundo capítulo traz a análise bibliográfica que permitiu definir aquilo que é orgânico na direita uruguaia. Esse também se encontra dividido em seções, das quais a primeira aborda as direitas desde a primeira fração conservadora até o golpe de Estado de 1973. A segunda seção parte das direitas pós-ditadura e culmina nos realinhamentos partidários atuais. Segue a terceira seção, que aponta para a criação de uma identidade nacional. Já a quarta seção é uma conclusão parcial do capítulo, apresentando um quadro com as características orgânicas da direita.

O terceiro capítulo apresenta a análise documental junto com algumas falas dos fundadores do partido, que permitem compreender aquilo que é orgânico e aquilo que é novo no partido. A primeira seção desse capítulo aborda o contexto de surgimento do partido e apresenta a visão dos fundadores. A segunda, mediante uma análise documental, apresenta alguns elementos orgânicos das direitas no partido. Na terceira seção aparecem as ferramentas que o partido utiliza para construir hegemonia. Finalmente, a quarta seção apresenta o que é novo em *Cabildo Abierto*, dando passo à última seção, de conclusão do capítulo.

O quarto capítulo baseia-se na análise das falas dos representantes eleitos e organiza-se em seções a partir das dimensões que surgem daquelas. A primeira apresenta o problema da falta de ordem, e a segunda, a visão do feminismo. A terceira seção se refere à justiça transicional e a quarta apresenta os principais grupos que o partido vê como ameaça. A quinta seção aborda as reeleições do passado e a sexta apresenta o modelo de país que o partido, a partir de seus líderes, projeta e defende.

Esta dissertação culmina com a conclusão que mostra como, a nosso entender, atingiram-se os objetivos pretendidos e como as hipóteses se viram enriquecidas a partir da análise do material empírico coletado. Isso porque, apesar de considerar que *Cabildo Abierto* unifica, dá forma e representa uma

direita latente, não o faz unicamente a partir do nacionalismo conservador *artiguista*.

Conclui-se que, apesar de *Cabildo Abierto* se apresentar como novo e diferente, possui elementos orgânicos da direita e compartilha elementos da direita global, adaptados ao contexto. Esse partido, que surge em um período de interregno, no qual culmina um modelo e o novo ainda não é criado, pretende criar hegemonia a partir de um antagonismo entre um “nós” nacional e um “eles” estrangeiro; uma linguagem combativa; um simbolismo patriótico; e a mitificação do passado, tudo a partir dos elementos orgânicos, adaptados ao novo tempo.

A dissertação finaliza apresentando possíveis caminhos para futuras investigações acadêmicas sobre o tema das direitas, em geral, e de *Cabildo Abierto*, em particular.

1. ABORDAGENS SOBRE O MOMENTO ATUAL

Este capítulo apresenta diferentes abordagens teóricas cujos pontos em comum funcionam de base teórico-conceitual para esta dissertação. Inicia-se apresentando autores que estudam a democracia na conjuntura atual. Muitos abordam as características desse sistema e como, durante a crise atual, surgem líderes, movimentos ou partidos de direita.

A seguinte seção expõe diferentes caracterizações dessas direitas, que pareciam que não voltariam em sistemas democráticos, mas, novamente, irrompem no cenário político. A seção finaliza levantando elaborações teórico-conceituais de que esta dissertação vai se valer para estudar o caso da irrupção de *Cabildo Abierto* nas eleições de 2019, no Uruguai.

Previamente ao começo das abordagens teóricas, deve-se especificar como esta pesquisa entende conceitos básicos que permitem conciliar os diferentes olhares aqui apresentados. Também é a partir desses conceitos que esta dissertação parte para olhar o caso estudado.

Começando pelo conceito de Estado, esse pressupõe, nesta dissertação, o que caracterizam Waldo Ansaldi e Verónica Giordano (2012). Para eles, é a forma organizativa das sociedades modernas. Assim, o Estado “tem a capacidade de canalizar as reclamações, depende das condições históricas

variadas e cambiantes, combina a coerção e consenso, dominação e hegemonia”.

O processo de construção e manutenção da ordem, para esses autores, é complexo, nunca acaba. Isso porque inclui confrontações entre blocos de classes dominantes – que resistem ou se opõem – e, em alguns casos, das classes subalternas. Existe uma luta constante pelo poder e a ordem, essa última organizada pelo Estado, que a contém de forma política e social mediante instituições.

Assim, o Estado, segundo esses autores, é a instituição que expressa as relações sociais de dominação. Ansaldi e Giordano (2014) partem das ideias de Antonio Gramsci, para quem o Estado é “hegemonia revestida de coesão”. Os autores afirmam que a violência simbólica aparece junto ao imaginário social como uma ferramenta essencial da dominação.

Tanto a violência simbólica quanto o imaginário social mudam de forma constante. Isso por se tratar de um campo de confrontação e luta, que atinge, por exemplo, a releitura da história, da identidade nacional ou da construção dos símbolos pátrios. Essas lutas simbólicas, explicam os autores, existem entre classes e no interior delas, particularmente na dominante. Os autores partem da teoria de Pierre Bourdieu, por considerarem que a luta simbólica ajuda na dominação legítima.

Em suma, as definições de Estado e a importância de ressaltar as lutas pelos significados, pela hegemonia e a legitimação vão funcionar como guia na presente pesquisa. Ao mesmo tempo, esses conceitos aparecem em alguns dos autores apresentados, como forma de explicar as lutas e emergências de novos movimentos, líderes ou partidos no contexto atual.

Outra autora que abre caminho a algumas das abordagens sobre continuação, assim como brinda conceitos iniciais, é Chantal Mouffe (2012). Para ela, existe um paradoxo inerente à democracia moderna, já que é uma forma de governo com o princípio de soberania popular exercida num marco simbólico. Esse marco simbólico, defende a autora, atualmente é configurado pelo liberalismo, que enfatiza a liberdade individual e a defesa dos direitos humanos.

Dessa forma, para Mouffe (2012), a organização política atual emerge de duas tradições diferentes. Por esse motivo, existe uma tensão quando a

democracia, que necessariamente traça uma linha que divide quem pertence ao *demos* – nós – e quem não – eles –, momentaneamente pode ser incompatível com as ideias do liberalismo¹. Assim como a defesa da igualdade ou liberdade são incompatíveis, também o são as tensões da democracia moderna.

Finalmente, Mouffe (2012) pontua que negar essa tensão e os conflitos pela criação de hegemonia é negar a própria democracia e a relação com a variedade de formas de ver o mundo. Assim sendo, quando se nega o conflito e somente se trata do consenso, aparecem novos líderes, movimentos ou partidos que reivindicam serem os únicos representantes do sentir popular.

Destarte, o presente capítulo procura partir da revisão da bibliografia que aborda o cenário atual de queda do apoio à democracia, no qual emergem movimentos, partidos ou líderes de direita mais conservadores. Dessa forma, funciona como marco teórico auxiliar na abordagem do momento atual e também do caso da presente pesquisa.

Cabe esclarecer que a interpretação do conservadorismo, nesta dissertação, relaciona-se com esse olhar teórico, uma vez que parte da abordagem de Karl Mannheim (1953). Para esse autor, o pensamento conservador é aquele criado pelo grupo dominante. Segundo ele, o conservadorismo pode surgir quando confluem uma sociedade dinâmica e moderna com a diferenciação de classes enfrentadas, e a dominante reage às formas de pensamento progressistas.

1.1 Uma nova onda

Os autores aqui apresentados abordam os casos de emergência de atores políticos de direita que se diferenciam daqueles do passado. Os novos apresentam discursos, simbologias, linguagens, propostas e estratégias que se consideravam superadas nas democracias contemporâneas.

Inclusive, chamando a esses atores de formas diferentes, como direita radical, extrema-direita, populismos, autoritarismos ou neofascismos, as caracterizações desses apresentam semelhanças importantes. Dessa maneira,

¹ Estes “nós” e “eles” são abordados por Laclau (2005) como o resultado da fronteira política construída como uma estratégia discursiva pela qual o grupo hegemônico cria um adversário. Dessa divisão, surge o povo, que seria o antagonista do sistema vigente.

parecem compartilhar características como a reação à globalização e as mudanças em cada um dos locais que surgem.

Como principais representantes dessa nova onda, têm sido trabalhados os casos de Trump nos Estados Unidos, Modi na Índia, Orbán na Hungria, Erdogan na Turquia, Daesh do Estado Islâmico, Duterte em Filipinas e Bolsonaro no Brasil. Apesar de serem líderes de diferentes países, com trajetórias e características diferentes, são tratados na literatura como alguns dos principais casos do avanço do conservadorismo.

1.2 Podemos falar em declínio da democracia?

Nesta seção, apresentam-se duas subseções. A primeira trata de abordagens teóricas que buscam compreender a relação entre democracia e liberalismo, e as mudanças das democracias na atualidade que propiciaram a emergência dos líderes dessa nova onda. Já a segunda subseção aborda o conceito das direitas emergentes como reinventadas.

1.2.1 As transformações da democracia

A observação sobre a opinião pública da democracia levou a Ciência Política, em particular, e as Ciências Sociais, em geral, a refletir se não estaríamos no final da terceira onda da democracia, como antecipava Huntington em 1994. Vários estudiosos do tema consideram estarmos numa retração da democracia, que dá passo a novas formas autoritárias de governo ou à emergência de partidos, líderes e movimentos conservadores ou antidemocráticos.

Um dos autores que estuda esse fenômeno, no norte global, é Yascha Mounk (2019), abordando os casos dos Estados Unidos e Europa Central. O autor apresenta uma visão de forte defesa da democracia liberal, que, na sua opinião, está em crise, devido ao avanço do “populismo”. Para compreender a crise, Mounk (2019) define a democracia liberal como o sistema político conjuntamente liberal e democrático, que tanto protege os direitos individuais como traduz a opinião popular em opinião pública.

Essa conjunção de sistema democrático e instituições liberais é possibilitada por uma série de condições tecnológicas, econômicas e culturais. Contudo, na conjuntura atual, segundo o autor, essa série de

precondições não parece ser a mesma, deixando a democracia liberal exposta a crises, emergindo novas formas chamadas de “democracia iliberal”, que seria uma democracia sem direitos, e “liberalismo antidemocrático”, ou seja, direitos sem democracia.

A democracia liberal está se desconstruindo, conclui Mounk (2019), observando que, na atualidade, os cidadãos passam a confiar menos nos políticos e nas instituições democráticas, tendendo a uma visão negativa de seus governos. Surgem, assim, os populistas, que, para ele, seriam aqueles líderes dos partidos ou movimentos que agem de forma contrária às normas, criticando o establishment político e incentivando os outros políticos a agir da mesma forma.

A origem dessa crise é, segundo o autor, causada pela mudança daquelas precondições. Com o avanço da tecnologia, especificamente da internet, as mídias sociais começaram a enfraquecer a mídia tradicional, a qual limitava os discursos de ódio ou notícias falsas. Anteriormente, afirma Mounk (2019), as mídias tradicionais barravam os líderes que tentavam levar esses discursos à competição eleitoral.

Outra das precondições que mudou está relacionada com a economia. O desenvolvimento econômico, antes da crise de 2008, levou a que a maioria dos cidadãos tivesse uma rápida melhoria no padrão de vida e pensasse que o futuro seria melhor. Mounk (2019) considera que, após a crise, o sentimento daquela maioria é de estagnação e de desigualdade, não de progresso e esperança. Desse modo, boa parte da população hoje acredita em soluções simples e rápidas.

Finalmente, o autor chama a atenção para a precondição cultural, considerando que a formação da democracia teve como uma das suas bases principais a ideia de Nação monoétnica. Na atualidade, a etnia considerada principal sente-se ameaçada pela multiculturalidade e o cosmopolitismo, dando lugar a líderes que pregam o nacionalismo excludente.

O trabalho desse autor entende o avanço desses novos atores causado pelas mudanças descritas. Esta pesquisa aproveita a ideia de que certas “precondições” da estrutura social estão mudando a forma como as sociedades se organizam. O olhar do autor demonstra a importância da estrutura social e de suas mudanças, e como essa afeta a organização política.

O autor também aponta, como marco temporal das transformações, a crise de 2008 e suas múltiplas consequências. Esse momento de crise é referido por vários dos autores aqui citados como um ponto de inflexão. A crise financeira dos Estados Unidos, segundo eles, modificou a hegemonia do neoliberalismo, visibilizando os limites do modelo econômico e da globalização. Nesse momento, transformam-se a economia e os diversos aspectos da vida social.

Para compreender a relação entre neoliberalismo e democracia, e o que essa relação tem a ver com o momento atual, a pesquisa vale-se do olhar de Wendy Brown (2015). Para essa autora, o neoliberalismo é uma “forma particular da razão que configura todos os pontos da existência em termos econômicos” (Brown, 2015, n.p). Na democracia, esse avanço ocorre, para a autora, de forma silenciosa, já que essa razão ataca os princípios, práticas culturais, sujeitos e instituições daquela, a qual era entendida como o governo do povo e agora incorpora os conceitos do neoliberalismo.

Para Brown (2015), enquanto o neoliberalismo tem capacidade de adaptação e reconfiguração, a democracia é como uma forma vazia. Assim, o neoliberalismo, como razão, acaba moldando a democracia, definindo esse sistema a partir de termos econômicos. Dessa maneira, o coletivo passa a ser individual e o cidadão se transforma em consumidor. Os significados da democracia, segundo Brown (2015), mudam assim como os sujeitos que a integram.

A partir dessa abordagem, entende-se que a democracia é um conceito que pode mudar em relação ao que lhe dá sentido. Assim sendo, atualmente, é preenchida de sentido a partir dos conceitos de neoliberalismo, individualismo, meritocracia e hierarquização, entre outros. Isso pode levar a que os sujeitos que integram o sistema democrático se sintam representados por líderes que pregam sentimentos nacionalistas, xenofóbicos e sexistas, para nomear alguns.

Também partindo do colapso financeiro de 2008, Slavoj Žižek (2009) entende que, apesar da grande crise econômica, o perdedor não foi o capitalismo e sim a esquerda. Essa foi apresentada como incapaz de governar, por não apresentar uma alternativa global. O autor considera que o capitalismo, mesmo não se apresentando como uma perspectiva global, é uma ordem socioeconômica que pode se adaptar a todas as civilizações. Atualmente, está

reinventando seu papel, buscando sua “missão” e criando um novo significado para que se mantenha a fé no sistema, apesar das crises.

Essa adaptação do capitalismo ocorre, segundo o autor, porque o democrata liberal “somente imagina que acredita em si mesmo” (Žižek, 2009, p. 7), negando a existência da ideologia. Dessa forma, segundo o autor, o núcleo utópico dos capitalistas consegue controlar a narrativa da crise e as percepções da mesma, escondendo o viés ideológico.

A abordagem desse autor permite compreender como a ideologia, mesmo negada pelos novos representantes da direita, é fundamental. Como mostra o autor, é mantendo a fé na ideologia que o sistema capitalista subsiste, apesar das suas crises.

Segundo Mannheim (1953), uma das formas de entender a ideologia é como um conceito de distorção. Isso significa que pode ser entendida com ceticismo em respeito às ideias e representações dos adversários, ou um sistema de ideias interpretadas a partir de quem as expressa e não em si mesmo.

A relação entre crise do liberalismo e controle da narrativa foi abordada por Domenico Losurdo (2006), que propõe estudar o liberalismo e suas crises na “contra-história”. O liberalismo, para esse pensador, é uma tradição de pensamento baseada no indivíduo e sua liberdade. Mas essa tradição tende a excluir determinadas categorias de sujeitos, como é o caso dos escravos, dos pobres e das mulheres, que não têm pertencido, historicamente, à sociedade dos “livres”, ou pertencem apenas subalternamente.

O liberalismo supõe as leis como naturais, afirma Losurdo (2006). Por isso, para o liberalismo, a pobreza ou a miséria humana não poderiam ser modificadas pelos indivíduos, uma vez que quebrar essas “leis” seria um ataque às bases naturais da civilização.

Também, segundo o autor, ao tempo que mantém “saudades pré-modernas”, o liberalismo consegue incorporar a reivindicação de direitos políticos, econômicos e sociais. Apesar de as incorporações – como o voto universal ou os sindicatos – serem consequência de confrontos, esses últimos são apagados pela narrativa liberal. Por isso, deve-se ir atrás da contra-história, dos conflitos que levaram a essa mudança.

Finalmente, para esse autor, o populismo é a nostalgia que tende a transmutar o passado, idealizando o “mundo antigo”. Isso porque, segundo

Losurdo (2006), o “sofrimento” existente no presente e a imprecisão das lembranças do passado são propícios para criar melancolia sobre o mito da “plenitude originária”.

Cumprido destacar que esta dissertação considerará a importância de entender, para a contra-história, os conflitos que levam a mudanças. Também, apesar de não utilizar o termo “populismo”, buscará compreender a forma como esse é caracterizado, levando em conta elementos para a compreensão das direitas. Finalmente, o autor marca a importância do nacionalismo como o “protagonista” do século XX, que é claro signo do partido estudado.

Por sua vez, o diagnóstico de Adam Przeworski (2019) também parte do norte global e tem como âncora a definição de democracia como sistema que consegue administrar os conflitos a partir de regras próprias. Sua explicação sobre a atualidade política contempla três sinais de desgaste, sendo o primeiro o do sistema de partidos tradicionais. Para ele, o velho está morrendo e o novo ainda não nasceu; e, nesse interregno, avançam partidos que defendem que a ordem social é criada espontaneamente pelo povo. O segundo sinal é o avanço de partidos com atitudes xenofóbicas e nacionalistas, que se aproveitam das polarizações. Por último, o sinal de diminuição de apoio ao sistema democrático, registrado nas pesquisas de opinião pública.

Para Przeworski (2019), os partidos que emergem são democráticos porque querem que seus líderes sejam eleitos e sua crítica ao sistema, ao establishment ou às elites se baseia na crença de que as instituições abafam a voz do povo. Nesse sentido, esses partidos se propõem a criar uma nova forma de democracia, com variações nas ideias econômicas e coincidências na ideia dos valores nacionais, nas atitudes para defendê-los e nos graus de autoritarismo.

Finalmente, a queda na confiança no regime é, para Przeworski (2019), uma característica da democracia, já que, ao estar baseada em decisões coletivas, apresenta uma insatisfação latente. Essa tende a emergir quando o sistema deixa de oferecer o que as pessoas consideram importante, como segurança material, ordem pública ou mudanças nas normas culturais. Considera que a sobrevivência da democracia não está em jogo, mas entende que nada pode acabar com o descontentamento atual. A crise, para o autor, não é apenas política, mas possui raízes na economia e na sociedade.

Esse autor reflete sobre a democracia como sistema e a sua relação com os partidos e líderes, os quais afloram em um contexto que se caracteriza como um interregno gramsciano. Essa visão do interregno vai ser adotada no presente projeto de pesquisa, já que se entende que a velha forma de organização social está mudando, e, portanto, ainda se procuram os termos sob os quais essa transformação acontece. É nesse tempo médio que uma variedade de partidos, líderes ou movimentos novos assomam no cenário político.

Como esta dissertação entende o momento atual para além do político, considera que as mudanças na economia, sociedade e cultura influenciam a situação atual de desgaste do sistema de partidos e da legitimidade da democracia. Portanto, serão observadas essas mudanças no Uruguai, para entender o contexto no qual emerge *Cabildo Abierto*. Como indica Przeworski (2019), a democracia resolve conflitos a partir das suas regras e CA vai se valer delas.

Finalmente, Costa Pinto (2021) parte de uma comparação entre os casos de Europa e a América do Sul, ao estudar uma suposta volta das ditaduras, as quais considera que têm governado mais de uma terceira parte do mundo. Esse autor afirma que as ditaduras cresceram tanto em número quanto em variedade, e que “cada vez se vestem mais como democracias”.

Algumas dessas, atualmente, organizam eleições, permitem a existência legal dos partidos, não têm censuras rígidas, mas acabam distorcendo os resultados eleitorais, reprimindo a cidadania e controlando a comunicação a favor da elite dominante. Pinto (2021) aponta que os ditadores não governam sozinhos, porque a elite está junta e porque as instituições, crises e a dependência internacional determinam tanto ditaduras quanto democracias.

O olhar desse autor aporta uma visão comparada e de longa duração de vários casos. Ao trabalhar a longa duração, consegue salientar como a “memória histórica” e os diferentes usos que se fazem dela resultam em importantes eventos na política interna de cada país. Esse último aspecto, assim como o rol dos grupos dominantes, será aproveitado pela presente pesquisa.

1.2.2 As direitas reinventadas

Para além de entender o contexto atual, faz-se necessário definir o que este trabalho entende por direita, uma vez que define a *Cabildo Abierto* como

uma direita reinventada, como o novo da direita. Assim, refere-se à abordagem de diferentes autores sobre esse tema, para conceitualizar e observar o caso em estudo. Como consequência da grande variedade de autores que estudam essa emergência, é possível contar com uma variedade de olhares.

Um dos olhares que interessa a esta pesquisa é o de Jason Stanley (2018), que, partindo do conceito de fascismo, explica as diferenças dos casos atuais com os do passado. Esse autor realiza estudos de caso, dos Estados Unidos e de alguns países da Europa, nos quais direitas conservadoras avançam no cenário político. Assim, utiliza o conceito de fascismo para se referir aos movimentos nos quais a Nação aparece representada por um líder, que fala em seu nome. O fascismo, afirma Stanley (2018), tem várias estratégias conjuntas que são adaptadas em cada país.

A primeira estratégia busca criar um passado mítico, que vai além da gênese da Nação, elaborando o que o autor chama de fantasias de homogeneidade, as quais sustentam uma estrutura particular favorável ao líder. Essa construção se baseia em uma ideologia autoritária e hierárquica, colocando a família patriarcal como centro desse passado. Assim, a ideologia fascista vale-se da associação entre o líder e o pai da família; o líder é o pai da Nação, assim como o homem o é da família. Esse líder provê a Nação, nessa visão, de segurança e valores (STANLEY, 2018).

O objetivo desse passado mítico é deslocar a realidade histórica, isto é, inventar um passado glorioso; e, para isso, é necessário apagar tudo o que não é compatível com essa visão. A história real é apresentada em termos conspiratórios, já que a narrativa histórica, na visão do fascista, é forjada por elites liberais cosmopolitas que são as responsáveis pela perda dos valores tradicionais.

Essa movimentação também ocorre através de estratégias como a utilização da propaganda e do sistema educativo. A primeira busca unir a população ao redor do líder fascista e a segunda tenta deslegitimar as vozes questionadoras ou que ampliem o debate. Os intelectuais que lhe são contrários são chamados “marxistas doutrinados”, e a grande mídia, que não compartilha suas teorias conspiratórias, é acusada de tendenciosa (STANLEY, 2018).

Por fim, a hierarquia é, conforme Stanley (2018), a base desse pensamento, sendo entendida como natural. Portanto, quem defende a igualdade é considerado ingênuo e doutrinado, ou inimigo da Nação.

A estratégia fascista, diz o autor, utiliza o medo da perda de status dos membros da “verdadeira nação”, acostumados a benefícios que poderiam ser ameaçados com a igualdade. Assim, aqueles que se sentem os “perdedores” podem ser levados a se verem como vítimas, resultando provável que sigam um líder que prometa lhes devolver seu status, ocultando a complexa realidade social.

Finalmente, segundo Stanley (2018), é mediante a retórica de “lei e ordem” que se dividem os cidadãos em duas classes: aqueles que pertencem à “nação escolhida” e seguem as leis (o nós) e aqueles que não são parte dela (eles), os criminosos. O “eles” é colocado pelo fascista como uma ameaça à pureza da Nação. Compõem o “eles” todos aqueles que fogem do modelo apresentado pelo fascista, sendo localizados como uma ameaça nos centros urbanos, os quais são mais cosmopolitas e diversos.

Apesar do conceito de fascismo não se ajustar plenamente ao caso de estudo, nesta dissertação vão ser consideradas algumas das estratégias adaptadas à realidade uruguaia. Essa concepção também permite traçar pontes com a abordagem teórica sobre a reação à mudança cultural de Norris e Inglehart, que será abordada.

Uma releitura do fascismo e sua relação com a atualidade também é apresentada por Caio Bugiato (2019), que estudou o caso brasileiro. O autor considera que, por causa dos governos neodesenvolvimentistas, hegemonizados pela burguesia interna e organizados politicamente no Partido dos Trabalhadores, apareceram mais lutas da classe trabalhadora. Essa conquistou direitos a partir da distribuição da riqueza. Após essa conquista, para o autor, a burguesia e o imperialismo foram deslocados a um segundo lugar no bloco de poder. O que, advinda a crise econômica, levou esses grupos sociais a reagir em duas formas de ofensiva.

Segundo o autor, por um lado, a grande burguesia e o imperialismo, buscando restaurar sua hegemonia e o programa neoliberal, apoiados por partidos e movimentos de direita, levaram ao impeachment da Presidenta Rousseff. Por outro lado, a classe média e a pequena burguesia, com o respaldo

de funcionários estatais e a imprensa dominante, institucionalizaram a luta pela anticorrupção, com a finalidade de derrotar os governos petistas e interromper as lutas sociais. Esses últimos atuaram massivamente nas redes sociais, reunindo seguidores e impulsionando Bolsonaro.

O processo de fascistização, segundo o autor, é um fenômeno que adquire novas formas históricas e novas roupagens. Considera também que “a eleição de Bolsonaro significa a ação da força social fascista da classe média e pequena burguesia para reorganizar o bloco de poder” e afirma que esses atuam junto à “hegemonia da burguesia associada e do imperialismo sem perder vínculos com as classes populares que os elegeram” (BUGIATO, 2019, p. 134).

Essa releitura do fascismo aprimora o conceito de novidade e continuação do passado dessas direitas que emergem. Para o autor, apresentam elementos similares com as direitas fascistas do passado, porém trazendo elementos novos, elegendo-se democraticamente para cortar as lutas de classes trabalhadoras cada vez mais organizadas. Esses aspectos e a relação com as classes populares, no contexto de busca pela manutenção hegemônica que traz Bugiato (2019), servirão como elementos interpretativos da pesquisa que se realiza na dissertação.

Um debate similar é apresentado por Armando Boito (2021), que considera que o bolsonarismo é um tipo de fascismo. Segundo esse autor, o fascismo no caso brasileiro é um movimento reacionário de massa cuja base social são a classe média e a pequena burguesia.

Boito (2021) afirma que a atualidade brasileira leva a que essa massa não seja mobilizada por um partido, mas através de redes sociais. O que mobiliza essa massa é a revolta a partir das conquistas dos grupos minoritários, como feministas, indígenas ou quilombolas, identificados como um inimigo a ser abatido.

Esses novos representantes da direita são, para Juan Estop (2019), “fascismos do século XXI”. Para ele, vivemos o ressurgir de correntes políticas que, em alguns aspectos, relembram os fascismos e movimentos de direita da década de 1930. Isso porque voltam o autoritarismo, a xenofobia, o culto ao líder e outros elementos que se consideravam superados nas democracias ocidentais.

A diferença é, para esse autor, que os movimentos da atualidade participam em eleições, mas com programas abertamente homofóbicos, xenofóbicos, racistas e defendem uma gestão autoritária da vida. Além disso, esses fascismos buscam acabar com as lutas sociais e os direitos dos trabalhadores, mais radicalmente do que o fez o neoliberalismo.

Esses fascismos defendem o que o autor chama de “comunidades espontâneas” e o mercado. Para isso, apelam aos aparelhos repressivos do Estado e à sua ideologia espontânea para dar “segurança” à classe média, com promessas de volta à normalidade, sem propostas de mudanças nem das instituições nem da ordem constitucional. Essas comunidades espontâneas são a família e os valores religiosos, cuja suposta defesa leva os fascismos a se oporem ao feminismo e aos movimentos de defesa da diversidade sexual.

Para Estop (2019), existe um relacionamento complexo entre os fascismos deste século e o neoliberalismo. Isso porque, inclusive, aparentemente opositores à dominação neoliberal, por reivindicarem a soberania dos Estados e a identidade nacional contra o cosmopolitismo, também são protecionistas da economia e da cultura frente ao perigo da imigração, assim como o neoliberalismo, segundo o autor.

Conclui Estop (2019) que o fascismo do século XXI é uma via democrática que respeita a legalidade para expressar a ideologia espontânea do aparelho repressivo do Estado. Isso significa que vem a oferecer, eleitoralmente, uma reconstrução da segurança da classe média, através da violência física e simbólica do Estado. Considera, dessa forma, que não representa uma ruptura com o regime, mas sim uma “mudança de acento” da hegemonia material e ideológica de uns aparelhos do Estado para outros, em favor das potencialidades repressivas.

Esse autor aporta à presente pesquisa tanto uma forma de pensar a relação entre essas direitas e o neoliberalismo quanto com a classe média. Também dá luz aos usos que esses líderes pretendem fazer tanto dos discursos como das instituições que existem dentro do Estado e permitem a justificação da violência, tanto física quanto simbólica, no combate que ameaça a comunidade que integram.

Finalmente, para André Singer (2021), o bolsonarismo não poderia ser considerado como um caso de fascismo, mas sim como uma autocracia com

viés fascista. Isso porque não se trata de um partido fascista, nem busca, segundo ele, impedir a ascensão da classe trabalhadora. Além disso, sua base não é a classe burguesa, como nos fascismos clássicos.

Esse autor parte da teoria de Adorno, que considera que os movimentos de massa de estilo fascista têm relação profunda com os sistemas delirantes; isso porque o fascismo atingiu o inconsciente dos indivíduos. Assim o fazem, segundo Singer (2021), as direitas na atualidade, que ele chama de um novo tipo de extrema-direita.

Novamente, citando Adorno, Singer (2021) afirma que essas direitas, assim como o fascismo, apelam às emoções que não podem ser contestadas, já que mobiliza o inconsciente. Esse seria o viés fascista dessa direita que utiliza essas estratégias para demonizar o outro.

A análise das causas da emergência dessas direitas, de acordo com Pippa Norris e Ronald Inglehart (2019), também pode ajudar a orientar a presente pesquisa. Eles estudam as causas estruturais e como os partidos se situam nesse contexto, aportando ferramentas para a análise do caso presente, dentro da conjuntura global, mas com as suas particularidades.

Norris e Inglehart (2019) entendem que um dos fatores importantes do avanço dessas direitas é o movimento sociocultural de forte reação, que chamam *cultural backlash*. Essa forte reação sociocultural é a que mobiliza os que se sentem representados por essas direitas conservadoras, uma vez que acreditam que devem reagir ante a ameaça do grupo dos “eles”.

Assim, o grupo “nós” tende a se sentir em uma comunidade imaginada, unida por valores, normas e por uma identidade social compartilhada. Essa identidade pode ter origem na nacionalidade, na raça, na religião ou na linguagem, entre outros aspectos. Norris e Inglehart (2019) consideram que nacionalismo, patriotismo e etnocentrismo, que são as formas em que se materializa o *cultural backlash*, atravessam todas as classes sociais, por serem uma reação para proteger a “tribo”.

A transformação da estrutura social tem levado tempo, começando em 1980 quando, segundo os autores, passou-se de sociedades industriais a pós-industriais. Norris e Inglehart (2019) localizam aqui processos de crescimento econômico, mudanças demográficas, maior acesso à educação, participação

das mulheres e aumento da diversidade étnica, principalmente nas áreas urbanas.

Essa transformação representa uma revolução silenciosa, para Norris e Inglehart, em que a sociedade se afasta dos valores conservadores e passa a incorporar valores liberais e pós-materiais. Essa passagem, segundo os autores, caracteriza-se pela existência de diversos processos, como: valores tradicionais deixados no passado; aumento da aceitação de relações não heteronormativas; avanço da secularização, e, com ela, da defesa do direito ao divórcio, ao aborto e a diferentes modelos de família.

O grupo “nós”, segundo os autores, parte de uma ideia de nação homogênea que cria uma identidade nacional. Nessa última, os membros do grupo acreditam estar sendo ameaçados pelo aumento da mistura cultural e racial, e o ganho de direitos.

A reação mais forte surge quando esse “nós” se sente minoritário e os valores que prega combinam-se com as predisposições autoritárias. Algumas dessas seriam a importância de todos agirem conforme as tradições e o sentimento de necessidade de segurança física e material. Esse grupo defende a tribo contra as ameaças externas, vela pelo coletivo dos que pensam igual e vê o líder como representante desses valores.

Enquanto isso, os líderes valem-se da diminuição da confiança nas instituições representativas, para converter valores em votos. Isso porque, inclusive, outsiders e anti-establishment devem “jogar com as regras do jogo”, que é competir eleitoralmente (NORRIS; INGLEHART, 2019).

Seguindo a abordagem dos autores supracitados, José Sanahuja e Camilo López (2020) definem esses novos atores na América Latina como neopatriotas. Esses entendem que existe um internacionalismo reacionário que desafia a ordem liberal, mas com características próprias em cada local.

As direitas neopatriotas se caracterizam por sua marcada ideologia nacionalista e antiglobalista, com uma proposta alternativa de reconstrução da comunidade imaginária que se baseia na “volta aos valores perdidos”. Sanahuja e López (2020) consideram que é uma nova forma de expressão da distinção amigo-inimigo *schmittiana*, que reivindica o nacionalismo de identidade tradicionalista na cultura, com um discurso que privilegia o medo e o ódio ao outro, o qual é entendido como um fator de desagregação nacional.

Essa virada à direita ocorre após os anos de governos progressistas e a volta de governos de centro-direita que não oferecem respostas à crise, como os casos de Temer no Brasil e Macri na Argentina. Assim, os neopatriotas conseguem canalizar essa falta de resposta e os anseios de rápidas melhorias, aparecendo como uma alternativa política (SANAHUJA; LÓPEZ, 2020).

Os neopatriotas se expressam mediante “guerras culturais”, ou seja, alinham-se contra a diversidade social e o multiculturalismo, com diferentes graus de reivindicação nativista e xenofóbica, e contra a diversidade sexual e a identidade de gênero, esta entendida como “ideologia de gênero”, pois supostamente atacam a família tradicional e a ordem social heteropatriarcal. Tudo isso ocorre num contexto de crescente desafeição democrática e de crise de representação das instituições e partidos.

Tanto para Norris e Inglehart quanto para Sanahuja e López, as guerras culturais são uma forma de disputa pela hegemonia que permitem compreender como funcionam as do caso estudado. As mesmas podem ser entendidas como as disputas no enfrentamento pela construção de uma identidade e da legitimação de uma visão de mundo.

Em relação à guerra cultural e o nacionalismo, Maria Souyris (2019) trabalha as retóricas do fascismo e a sua linguagem no cenário contemporâneo. Isso porque entende que a linguagem é uma das formas inconscientes de buscar uma origem comum e compartilhada; ela uniformiza e, portanto, promove e oficializa uma forma de pensar e de ser.

Assim, para ela, as formas de linguagem são uma manifestação da conformação de uma nação, de uma cultura e de uma comunidade. Na contemporaneidade, afirma a autora, aparece uma linguagem que tem por base uma identidade forjada no nacionalismo dos setores fascistas. Isso porque traduz prejuízos de valor e modelos totalitários. A aparição dos nacionalismos e sua violência discursiva se conformam não somente pela coerção, mas também pela razão do Estado-Nação. Essa última se baseia na identidade estruturada pela necessidade inconsciente de poder nacionalista, autoritário e de pertencimento a uma pátria.

Para Souyris (2019), isso é possível porque parte de uma linguagem preexistente que se expressa numa identidade universal, que estrutura significações, pensamentos e modos de agir violentos. Isso permitiu o

aparecimento de nacionalismos que incorporam posturas discriminatórias ante o “outro”. Esses se instalam nas retóricas da atualidade e têm unificado e legitimado discursos identitários ou nacionalistas em práticas homofóbicas, sexistas e racistas.

O trabalho dessa autora oferece um olhar diferente sobre o exercício da violência e da construção do “nós” desses grupos. Assim, observa a linguagem para além dos discursos, vendo nele as formas subjacentes de construção e legitimação de uma forma particular de definir, nesse caso, o nacionalismo e a identidade.

A análise dessa autora será fundamental para a análise de como o partido estudado utiliza a linguagem para construir sua identidade. Ao tempo que, a partir da incorporação da linguagem preexistente, busca igualar a sua identidade com a de nacionalismo e ser nacional.

Como aponta Giordano (2014), o conceito de direita parte de uma realidade historicamente construída, tendo como característica, na América Latina, tanto a unidade como a diversidade. Portanto, não se pode tratar a nova realidade partindo de um “conceito universal de direita”. Não obstante, a autora considera que poder-se-ia abordar a “nova direita”, no continente, como uma resposta ao giro à esquerda do começo do século. Isso porque Giordano (2014) parte de Bobbio (1995), para quem os conceitos de direita e de esquerda sempre aparecem em dualidade.

Vale a pena revisar a visão de esquerda e direita de Norberto Bobbio (1995), uma vez que ajuda a compreender ambas não como partidos ou indivíduos, mas como posições que se relacionam por oposição. O autor refere-se à esquerda como aquela que, surgida na Revolução Francesa, preocupa-se com a desigualdade social, e a direita como aquela que entende a liberdade como prioritária, sendo essa definida como incompatível com a igualdade. Ambas, para Bobbio (1995), são expressões e posições, portanto mudam conforme o contexto, mantendo a oposição entre si.

Da mesma forma, tanto esquerda como direita, para Giordano (2014), são posicionamentos de conteúdo historicamente variável e também associados às posturas assumidas pelo oposto. As direitas da atualidade não aparecem com as mesmas “roupas” que outrora, pois já não se associam aos governos das ditaduras das Forças Armadas e da Doutrina da Segurança Nacional. Agora, os

acessórios que essas usam, segundo a autora, estão relacionados à democracia social e, inclusive, em alguns casos, a um liberalismo cultural. Por isso, Giordano (2014) chama essas direitas de “reinventadas”.

A reinvenção das direitas começa quando, durante a saída das ditaduras, mostram-se como defensoras da democracia representativa. Assim, na década de 1980, apesar de serem diversas, tinham alguns elementos em comum, tais como a defesa da democracia “instrumental” como a via para satisfazer os interesses da burguesia.

Já na atualidade, o elemento que as amalgama é a necessidade de enfrentar e vencer politicamente as forças da esquerda. Por isso incorporam pautas de inclusão e democracia política ao mesmo tempo que retomam o discurso da insegurança e da necessidade de implementar a “mão dura”, que, na opinião deles, somente a direita sabe aplicar (GIORDANO, 2014).

Finalmente, Giordano (2014) se vale de uma perspectiva histórica: as novas direitas são parte, para a autora, de um processo histórico de mediana duração que começa na década de 1980, com a crise da dívida. Posteriormente, potencializou-se a radicalização da agenda neoliberal, ao tempo que, na América Latina, começou um período de revalorização da democracia representativa, fruto das transições e da estratégia imperialista reformulada dos Estados Unidos.

Giordano, apontando ao caráter reinventado dessas direitas e indicando a importância de seu caráter histórico, enfatiza a sua mutabilidade. Também argumenta que se deve compreender a direita como oposta à esquerda, posição contrária que ganhou força na mudança de século, fazendo-as reagir. Finalmente, enquadra a mudança como um processo histórico que começa nas transições à democracia e na crise da dívida junto à mudança na estratégia imperialista. Todos esses serão elementos-chave para entender o caso estudado.

Também, desde a sociologia histórica, Ansaldi (2017) propõe incorporar a categoria de classe social às análises das direitas, sem a qual os processos são explicados sem compreender os sujeitos, e os estudos ficam difusos e descritivos, sem serem explicativos. Assim, conforme Ansaldi (2017), as direitas muitas vezes acabam sendo consideradas sujeitos de ação política, mas deixando de lado, na análise, a temporalidade, a historicidade e a estrutura social.

Ao retomar as análises gramscianas, Ansaldi (2017) coloca a importância de compreender que, nas direitas, existe um núcleo duro que tanto é permanente quanto orgânico, que se refere à posição entre a igualdade e a desigualdade. Por sua vez, existirá um componente novo, que é ocasional e acessório. A presente dissertação se baseia em uma definição de direita que segue essa análise, já que entende a direita nos seus componentes permanentes e orgânicos, mas também nos seus “novos”, isto é, no que se refere ao momento atual.

Tanto direita como esquerda são conceitos que surgem na Revolução Francesa, especificamente em torno do debate sobre os limites do poder do monarca. Aqueles que se agruparam à direita na assembleia legislativa defendiam a manutenção da monarquia absoluta e seus privilégios, enquanto aqueles que buscavam limitar o poder do rei e defendiam a soberania nacional se localizavam à esquerda. Ansaldi (2017) afirma que, a partir desse momento, a direita representa os conservadores e a esquerda os reformistas, constituindo-se como formas de polarização da política.

O pensamento de direita é sinônimo de conservador ou reacionário (Ansaldi, 2017, p. 35), no sentido de Hirschman (1992), o qual considera o último movimento como aparecendo em “ondas”. A primeira reação é contra a Revolução Francesa, opondo-se à igualdade ante a lei e aos direitos civis; a segunda reage ao sufrágio universal e a última enfrenta os resultados do estado de bem-estar social.

Dessas três reações, para Hirschman (1992), surgem “três teses”: a da perversidade, que considera que qualquer ação proposital para melhorar algo da ordem econômica, social ou política só vai aumentar o que busca mudar; a da futilidade, que sustenta que as tentativas de transformação social não ajudam porque não mudam a estrutura; e, finalmente, a da ameaça, que considera o custo de uma reforma muito alto ao colocar em perigo uma realização anterior.

As direitas “de ontem e de hoje” são, para Ansaldi (2017), herdeiras do pensamento de Burke, definindo esse pensamento como baseado na ideia de que recebemos o mundo dos que vieram antes, sendo o nosso dever conservá-lo da forma mais harmônica possível. Assim sendo, as direitas se pronunciam pelo passado – mesmo invocando um futuro pouco preciso – e pelo *status quo*,

enquanto a esquerda pelo futuro e, muitas vezes, entendendo o mundo como uma linha ascendente para o progresso.

O termo utilizado por Ansaldi (2017) não é “novas direitas” e sim o “novo das direitas”, já que considera que são as mesmas, com os mesmos elementos orgânicos, mas com novos acessórios. Considera como novo a linguagem, o tipo de campanha política que deixa de lado princípios ou programas políticos e, sobretudo, as formas de fazer política e exercer o poder uma vez no governo, mudando a forma de representação. O autor considera que todo ocidente passa por um momento de pós-política.

Para se entender a direita, segundo o autor, devem-se fazer as históricas divisões político-ideológicas da esquerda e da direita, assim como a concepção de luta de classes deve ser considerada superada. A direita entende que as demandas do presente são outras e específicas, que devem ser somente confiadas aos experts. O autor se baseia nas ideias de Žižek, na obra aqui citada, para afirmar que existe um liberalismo fundamentalista que “liquidifica” a política e, dessa forma, a condição de cidadão; o coletivo é substituído pelo individual.

As direitas passam por uma metamorfose para ocupar o lugar que perderam os partidos. Conforme Ansaldi (2017), são uma representação da burguesia atravessada pela crise de representação dos partidos tradicionais, os quais deixaram de organizar seus interesses. Assim, mediante essas novas formas de ação das organizações de direita, as burguesias começaram um processo de reconstrução de hegemonia, colocando-se como as representantes de todas as ideias em uma luta que, na atualidade, alguns chamam de “guerra cultural”.

É para se manter como o grupo social dominante que as direitas mudam, ou, seguindo a metáfora de Ansaldi (2017), trocam de roupa. Para o autor, antes as direitas explicitavam sua posição, enquanto hoje a negam, negam-se a falar em ideologia e a debater ideias. Finalmente, o autor considera que, mesmo com novas roupas, a estrutura orgânica das direitas é a mesma; e os acessórios que mudaram fazem parte do novo momento de pós-política, adaptando-se ao novo contexto para continuar na construção de hegemonia.

Em síntese, para esse autor, o que presenciamos na atualidade é a mesma direita com novas roupas, já que mantém sua essência, mas se adaptando ao novo contexto. O autor também sinaliza que isso acontece uma vez que a direita

busca reconstruir a hegemonia que sentia que estava perdendo; e, para consegui-lo, acaba negando a sua ideologia, na tentativa de cooptar as classes subalternas.

1.3 Abordagens a adotar

A partir dos pontos comuns nas diferentes visões aqui apresentadas é que esta pesquisa atende ao caso de estudo, primeiramente a partir de uma contextualização teórica. Para isso, repassa as abordagens sobre a crise da democracia, marcada atualmente pelo neoliberalismo. Considera também que essa relação entre democracia e liberalismo, como apresentam autores como Mounk, Brown, Losurdo, Przeworski e Žižek, encontra-se em crise.

Com diferentes acentos, vários autores aqui citados chamam a refletir sobre as consequências que geram o vínculo entre a democracia e o liberalismo, desde a atender a precondições que unem a democracia liberal à democracia modificada por uma razão neoliberal até observar seu caráter ideológico e nacionalista. Todos são elementos-chave como ponto de partida para compreender as mudanças que originam fenômenos como o estudado.

Mounk lança um olhar sobre a estrutura e que poderia ajudar o caso aqui estudado. A mudança tecnológica permitiu o avanço de notícias falsas e discursos de ódio que fomentam propostas que se consideravam acabadas nas democracias ocidentais. Outra característica que se vale dessa mudança, aqui apresentada por Losurdo, Stanley, Sanahuja e López, é a capacidade de distorcer o passado. Essas direitas criam um passado mítico ou glorioso que vai ser por elas resgatado e o difundem na mídia.

Todos os autores chamam a atenção para a transformação; para alguns, econômica; para outros, sociocultural. Transformação essa que gera o medo da perda de status pelos que se consideravam o “nós”. Trata-se de uma comunidade imaginada que se sente a verdadeira representante do ser nacional, e, desde a ordem hierárquica até a linguagem, os membros da “tribo” reagem ante o que os ameaça.

Aqui a ideologia vem a cumprir um papel fundamental, como aponta Žižek, resgatando Ansaldi, pois, mesmo que negada por essas direitas, é o que unifica esse grupo. A ideologia ou a linguagem são as que permitem a construção de

identidade comum a ser defendida. Essa se baseia nos valores nacionais e patrióticos que têm que ser defendidos.

Para os autores aqui citados, essas direitas se valem de uma retórica de violência tanto física quanto simbólica. É construído um “outro” que deve ser combatido por transgredir as leis que definem o grupo, portanto, para elas, é necessário se proteger ante as ameaças à própria vida, tanto no aspecto material quanto cultural. Assim, a insegurança, para esse grupo, não é somente em referência a atos delitivos, mas também em relação à manifestação da diversidade, localizada sobretudo nos centros urbanos. Esses “outros” são vistos como destruidores da sua própria identidade, a qual é igualada à identidade da nação.

Assim, as direitas partem da ideia de homogeneidade e, para mantê-la, vão se valer dos meios de comunicação, da educação e da busca pela imposição de relatos que lhes sejam favoráveis. Constroem, como é o caso aqui estudado, uma ideia de nacionalismo que ressalta momentos de glória ou reivindica lutas heroicas do passado. Por isso, a memória histórica é tão importante. A guerra cultural não é unicamente pela defesa de uma etnia e da forma patriarcal hierarquizada da família, mas também pela construção da narrativa da nação. Assim, se dá pela construção de um relato do passado que justifique seu agir no presente, na construção de um futuro por eles projetado.

Como destacam Przeworski, Pinto, Bugiato, Norris e Inglehart, Sanahuja e López, Giordano e Ansaldi, essas direitas vão agir conforme as regras da democracia. Essas, seguindo a via eleitoral e através de seus discursos e pautas, buscam transformar em votos os valores conservadores, o medo a perder a sua identidade e o ódio ao diferente. Por isso, os valores, apesar de responderem a um certo “internacionalismo reacionário”, adquirem características locais.

Finalmente, cumpre ressaltar que essa direita irrompe no cenário político uruguaio após anos de governos progressistas. Isso ocorre em um momento em que o apoio ao sistema de governo democrático encontra-se em queda e em que os partidos, que eram considerados os principais agregadores dos interesses nacionais, tendem a perder legitimidade. Poder-se-ia dizer que o Uruguai atravessa um interregno e, nele, as forças novas e velhas lutam para construir hegemonia.

Assim, durante essa disputa pelo poder, onde o Estado é um ator-chave, a irrupção de um partido como *Cabildo Abierto* resulta em um fato político relevante. Isso porque o partido surge para disputar as eleições presidenciais, mas também buscando impor sua forma de entender a sociedade uruguaia e o seu sistema democrático.

Cabildo Abierto e os *cabildantes* que integram o partido têm uma ideia própria de sociedade, uma visão de mundo. Essa visão de mundo, poder-se-ia afirmar que era parcialmente representada pelas facções dos partidos fundacionais ou inclusive da esquerda. No interregno, após uma crise econômica e uma queda no apoio à democracia e suas instituições, emerge esse partido, que agrupa a todos sob um único líder, considerado por eles o novo “condutor dos orientais”, Manini Ríos.

Cabildo Abierto disputa o poder institucionalizado, constituindo um partido político perto das eleições de 2019. Como o demonstram os autores aqui apresentados, existe tanto uma estrutura social que condiciona e dá forma aos partidos quanto visões de mundo diferentes dentro de cada classe social. Por isso, o partido e os *cabildantes* compartilham uma ideia geral de entendimento da sociedade. Dessa forma, poder-se-ia dizer que os membros do grupo compartilham uma forma de entender a sociedade uruguaia, gerando uma linguagem comum, um comportamento e uma ideia do nacionalismo conservador e patriótico.

Essa forma de ver o mundo encontra-se, ao mesmo tempo, moldada e molda as guerras culturais da atualidade. O líder do partido conseguiu unificar esses diferentes interesses e se colocar como a figura que implementaria as guerras culturais na política. Essa característica o coloca como um dos líderes que emerge no interregno para disputar a hegemonia, isto é, a forma de interpretar a organização social e o “ser” uruguaio.

No seguinte capítulo, serão estudadas as características da direita uruguaia, para entender quais são seus elementos orgânicos e, assim, ser possível observar quais deles mudaram para se adaptar aos tempos atuais. A partir daquilo que define o momento de surgimento dessas direitas, bem como as características que apontam os autores citados e as encontradas por esta pesquisa, verificar-se-á se *Cabildo Abierto* é, também, uma reação nacionalista às mudanças que supostamente ameaçam o “nós” e sua visão de mundo.

2. SOBRE O CASO URUGUAIO

O presente capítulo, mediante um compêndio histórico, apresenta aquilo que é orgânico na direita uruguaia. Para isso, repassa a forma como a direita se mobiliza e organiza para defender seus interesses, com o passar do tempo.

Este capítulo se encontra dividido em quatro seções. A primeira aborda as direitas desde a primeira fração conservadora até o golpe de Estado de 1973. A segunda seção parte das direitas do pós-ditadura e culmina nos realinhamentos partidários atuais. Segue a terceira seção, dedicada aos usos do *artiguismo*. Já a quarta seção apresenta uma conclusão parcial do capítulo.

Antes de começar a exposição histórica, faz-se importante, para esta dissertação, explicar que na academia uruguaia – e foi trasladado ao imaginário coletivo – predomina o relato de que o sistema político é uma velha democracia de partidos, por sua pluralidade e competitividade partidária, de longa vida e que atinge um alto grau de institucionalização (Lanzaro, 2012, p. 41). Para esse autor, também é uma das democracias mais antigas do mundo², que persistiu desde o século XX e que foi atravessada somente por duas interrupções autoritárias, de 1933 a 1939 e de 1973 a 1985.

Essa narrativa de centralidade dos partidos construiu uma história unificada do passado nacional, na qual todas as manifestações sociais e políticas da sociedade se vinculam a partidos, mostrando-os como uma maneira de ser “à uruguaia”³, segundo Demasi (2008). Isso levou ao ocultamento de outros grupos que foram fundamentais para implementações de leis ou de agendas políticas, principalmente as lutas de classes e as mobilizações de organizações de trabalhadores, estudantes ou grupos identitários e seu confronto ao *status quo*.

Essa visão tem um correlato na estrutura dos partidos que, desde o começo do século XX, podem se caracterizar como faccionalizados, por serem constituídos por “partes”⁴, às vezes mais fortes e mais organizadas que o partido

² Para Lanzaro, na metade do século XIX, os dois partidos originários centralizaram a vida política, social e cultural e conseguiram forte implantação cidadã.

³ Para ampliar o debate, ver: Bayce (1989) e Gadea (1989).

⁴ Essas consideram a si mesmas setores ou agrupações.

ao qual estão vinculadas. Além disso, permitiu que os partidos funcionassem como uma espécie de *catch all*, conseguindo integrar diferentes tendências ideológicas, o que levou os partidos políticos a serem vistos como “amortecedores” dos conflitos.

Daquela maneira, o relato construído sobre a sociedade uruguaia foi baseado na competência, por agregar interesses ocultando os conflitos. Essa construção do senso comum do “ser uruguaio” coincide, em parte, com a problematização de Mouffe (2012). A autora adverte sobre o problema de ocultar o conflito, elemento constitutivo da democracia plural. Negar o conflito acaba por desagregar a relação entre partidos e a soberania popular, que vem a ser reivindicada por grupos externos ou antipolíticos.

Em consonância com esta pesquisa, considera que o conflito de visões de mundo no Uruguai sempre existiu. Contudo, apareceu velado pelo imaginário social, baseado nos principais partidos e disperso nos diferentes setores dos partidos que supostamente representavam todas as ideias. As direitas conservadoras, que se encontravam dispersas, foram se consolidando dentro e fora dos partidos. Mediante a possibilidade de realizar alianças ou acordos interfacções, como afirma Moreira (2004), podiam ultrapassar as barreiras dos partidos. Ao mesmo tempo, aponta essa autora, dentro dos partidos, algumas das facções se consolidavam hegemônicas, impulsionando as outras a buscar os acordos por fora.

Dessa forma, como será apresentado na continuação desta pesquisa, sem desconhecer o importante papel dos partidos, considera-se que não foram os únicos protagonistas da história, especialmente nas rupturas institucionais. Nesse sentido, assim como Losurdo (2006) chama a atenção para as lutas sociais que levaram à conquista de direitos, a centralidade dos partidos apaga o papel das direitas que se agruparam e reagruparam dentro e fora deles.

Este capítulo procura encontrar o orgânico nas direitas uruguaias, enquanto que, nos próximos, faz-se uma relação dessa organicidade com as características próprias de *Cabildo Abierto*. Para esta pesquisa, a direita é mais que um partido político. Assim, em um momento determinado, para entender as direitas atuais, é necessário olhar para o passado, isto é, para a conformação e transformação de uma posição que reage às mudanças, pois as considera uma ameaça ao seu *status* ou sua definição identitária como comunidade imaginária.

O Uruguai se caracteriza por ser um país cuja história democrática é de maior duração que a sua história ditatorial. Mas, durante os períodos democráticos, existiram no país grupos, movimentos, líderes e inclusive partidos de direita que tendiam ao autoritarismo, ao conservadorismo, à antipolítica e ao anticomunismo. Esses emergiram em contextos de crise e avanço de mobilizações sociais entendidas como uma ameaça à sua visão de mundo e cujo combate os levava à união.

Destarte, as próximas seções abordam brevemente a história das direitas mais conservadoras uruguaias, buscando compreender as suas principais características, as quais podem ser explicativas do caso aqui estudado. Para isso, começa com a primeira ruptura político-partidária originada por um grupo conservador, o *riverismo*, do avô do líder do partido aqui estudado.

2.1 História das direitas no Uruguai

Como foi apresentado, para compreender as direitas, é necessário observar as reações ante as mudanças que supostamente ameaçam o *status quo* que as define. No Uruguai, elas se organizaram quando grupos políticos reagiram ao reformismo *batllista*⁵, no auge do surgimento de movimentos socialistas e marxistas. Apesar de não buscar modificar o *status quo*, foi interpretado como uma ameaça, especialmente a tentativa de modificação da estrutura agrária⁶.

A “classe conservadora”, como se autodefiniam, segundo Barran (2004)⁷, os produtores uruguaios – rurais, industriais e alto comércio –, encontrava-se com receio das reformas do *batllismo*. Essa situação era intensificada no âmbito rural, que tinha seus próprios conflitos, que eram, segundo eles, ignorados pelos governantes e pela população urbana, que se percebiam em outra realidade, como descreve Jacob (1981).

⁵ *Batllismo* foi a uma corrente político-ideológica, assim como a fração majoritária do Partido Colorado, que surgiu em torno da figura de José “Pepe” Batlle y Ordóñez, duas vezes presidente, de 1903 a 1907 e 1911 a 1915. Após sua morte, teve vários herdeiros que disputaram sua continuação e interpretação. Batlle é considerado o impulsor do reformismo modernizador, por promover leis como divórcio por única vontade da mulher e reformas trabalhistas, entre outras.

⁶ Nunca se concretizou na sua totalidade. Foram entregues terras não trabalhadas a colonos imigrantes, o que aumentou simultaneamente a reação à distribuição de renda e a xenofobia ante imigrantes.

⁷ O estudo da classe conservadora é retomado por Caetano (2021).

A descrição histórica que será aqui apresentada permite caracterizar os elementos orgânicos assim como as conexões entre representantes da direita conservadora uruguaia, buscando defender seus interesses.

Dessa maneira, a primeira subseção parte das direitas previamente à primeira falência institucional. Já a segunda aborda o período da falência em si, seguido da aliança conservadora da década de 1950. A quarta subseção aborda as direitas do período prévio ao segundo golpe de Estado, sendo esse último trabalhado na quinta subseção.

2.1.1 O *riverismo*, a primeira reação

A primeira reação política aqui abordada será contrária ao reformismo *batllista*, o qual tendeu a ser igualado ao socialismo ou ao marxismo. O *riverismo*, a primeira fração conservadora do PC, uniu-se buscando impedir a construção de um governo colegiado⁸. Essa fração de direita conservadora é fortemente vinculada ao caso de estudo, já que foi fundada por Pedro Manini Ríos, avô do líder do partido aqui estudado.

Pedro Manini Ríos foi uma figura importante da política do século XX. Nasceu na capital do país, em uma família de classe média, de pai italiano liberal e mãe uruguaia *blanca* e católica. Começou sua militância política como *batllista*⁹ e participou nas guerras de começo de século, quando se aproximou do mundo militar e rural, através de Pablo Galarza, um dos militares colorados mais influentes no interior.

Manini Ríos trabalhou como secretário e representante na Europa de Batlle e Galarza. Durante a segunda presidência *batllista* (1911-1915), foi Ministro do Interior, cargo que, segundo Caetano (2021), era confiado a quem se acreditava que seria o sucessor presidencial, mostrando o nível de influência que Manini Ríos tinha conquistado. No entanto, esse começa a se distanciar do presidente, a partir do movimento obreiro, aproximando-se de setores empresariais e conservadores do PC.

⁸ Chamado de Consejo Nacional de Gobierno, foi uma forma de governo pensada por Batlle que adotou o Executivo Uruguaio de 1958 a 1967. Na eleição de 1958, resultou eleita essa coalizão e, na eleição seguinte, uma maioria do Partido Nacional. Por isso são conhecidos como os *colegiados blancos*.

⁹ Foi jornalista no jornal “El Día”, o maior jornal da época de Batlle y Ordóñez.

A razão da votação pela forma de governo colegiada afixou seu descontentamento pelo *batllismo*, por temer um excesso reformista¹⁰. Dessa forma, liderou parte da oposição ao colegiado, fundando um novo setor político dentro do partido, o *riverismo*, constituindo a primeira grande facção conservadora. Esse se legitimou a partir da figura do primeiro presidente colorado, Fructuoso Rivera. Tal estratégia de continuação de uma velha tradição *colorada* buscou convencer o eleitorado conservador oposto ao *batllismo*, visto como socialista.

Nesse clima de oposição às reformas, Manini Ríos, em 1915, foi parte da fundação da Federação Rural¹¹, que, segundo Notaro (2010), tinha consolidado seu poder mediante “greves de proprietários” nas quais detinham as principais exportações do país. A Federação começa a se aproximar dos empresários rurais conservadores, percebendo a importância do campo como grupo de pressão, ainda disperso e com necessidade de unificação política.

A Federação Rural também foi integrada – inclusive fundada – por outros importantes políticos conservadores de ambos partidos fundacionais. Para além de Pedro Manini Ríos, participaram Domingo Bordaberry (PC) e Luis Alberto de Herrera (PN)¹². Pode-se dizer que os três foram os principais representantes políticos do conservadorismo nos partidos.

Nesse mesmo ano, resultou eleito Feliciano Viera (PC)¹³, que deteve o avanço das medidas reformistas. Nesse momento, coincidiram os interesses de conservadores, que defendiam a ordem e a estabilidade, com os das classes dominantes, isto é, os donos de terras, o alto comércio e os grandes empresários (DEMASI, 2019).

Como era costume na época, as ideias dos partidos eram difundidas nos grandes meios de imprensa. Por isso, para dar voz ao seu setor, Manini Ríos

¹⁰ O *riverismo* se inspirou em José Enrique Rodó, intelectual e filósofo colorado muito influente no *antibatllismo*. Na sua época, foi contrário ao reformismo por considerá-lo uma possível “tirania jacobina” que poderia levar aos abusos da massa. Esse nunca rompeu com Batlle, mas influenciou “moralmente” seus opositores e continua sendo reinterpretado pelos conservadores na atualidade (CAETANO, 2021).

¹¹ Essa federação não buscou influenciar os partidos políticos, formando o principal grupo de pressão da época, cuja força chega até a atualidade.

¹² Esses líderes e suas agrupações partidárias serão abordados nas subseções 2.1.2 e 2.1.3.

¹³ Quem outrora fora escolhido por Batlle como seu sucessor, mas acabou sendo representante de outra facção conservadora colorada, oposta ao reformismo *batllista*, chamada de *vierismo*.

funda, em 1917, o jornal “La Mañana”¹⁴. Esse foi um jornal de corte conservador, que, segundo Demasi (2019), noticiou as conquistas de Mussolini, mas, com o fracasso do nazismo – assim como os políticos –, abandonou o radicalismo explícito. Também, como apresentado por Jacob (2006) e Bruno (2007), foi apoiador do governo *terrista*¹⁵ até a saída de Pedro Manini Ríos do mesmo.

O líder se retira da atividade política em 1942¹⁶, mas La Mañana continuou funcionando como divulgador de ideias conservadoras. Mediante notícias anticomunistas, ajudou a consolidar a visão política do *ruralismo*¹⁷, no momento em que *riverismo* e *ruralismo* coincidiram em seus interesses imediatos. Posteriormente, funcionou como órgão de comunicação de outras organizações de direita. Dessa forma, o *riverismo* serviu como pontapé inicial de uma corrente conservadora capaz de se unir a frações de pensamento similar.

2.1.2 A ditabranda de Terra, a ruptura autoritária

Outro grupo que se encontrava descontente com o reformismo *batllista* era o militar. Apesar de Batlle ser parte de uma das famílias reconhecidas como “patricias”, rica e com vínculos militares, buscou diminuir o poder das chamadas “famílias militares” e a influência dessas nos partidos. Isso lhe rendeu descontentamento de alguns líderes militares que se uniram aos grupos *antibatllistas*, especialmente ao *riverismo* de Manini Ríos.

Cabe destacar que, como consequência da crise de 1929, a economia uruguaia, que era agroexportadora, extremamente dependente das potências mundiais, começou a despencar. Essa crise econômica desencadeou em uma política que deu origem a um processo de esgotamento do modelo *batllista*, do qual a oposição política e empresarial se aproveitou para impor sua própria agenda.

A crise do final da guerra coloca em xeque o modelo agroexportador industrial e seu correlato social. Ao tempo que a Federação Rural controlava o fluxo de divisas, os setores assalariados tinham consolidado uma nova classe trabalhadora, com capacidade de mobilização e poder de pressão na capital.

¹⁴ Anteriormente, tinha fundado o jornal “El Telegrafo”.

¹⁵ Em referência ao governo de Terra, apresentado na subseção 2.1.3.

¹⁶ Após renunciar ao seu cargo no governo de Terra, decepcionado com o golpe.

¹⁷ Movimento que se transformou em partido, apresentado na subseção 2.1.3.

Isso levou a um embate entre a pressão dos grupos de interesse conservadores e as manifestações populares.

Nas eleições de 1930, ganha uma agrupação *batllista* que se mostrou contrária ao reformismo, coincidindo internacionalmente com o auge dos fascismos, do falangismo espanhol e do corporativismo como forma de representação política. No nível nacional, coincide com o aumento da violência e começa a tomar forma o anticomunismo, que se encontrava latente desde o começo do século. Também foi um momento de divisão interna nos partidos tradicionais e de constantes ameaças de intervenção militar.

Como o presidente ganhou as eleições por uma pequena margem, aproximou-se dos setores conservadores do mundo rural. Mediante a aliança entre Terra (PC), Herrera (PN) e Manini Ríos (PC), uniram-se as frações conservadoras de ambos os partidos tradicionais. Também foi, nesse momento, que o corporativismo¹⁸ apareceu no cenário político uruguaio e não somente em grupos de direita radical ou católica.

Esse governo inaugurou a primeira ruptura autoritária. Poder-se-ia dizer que o governo de Terra apresentou uma espécie de fascismo que aparece para além da sua atuação político-partidária ou desde a atividade jornalística. Como apresenta Ayçaguer (2009), a simpatia de Terra pelo regime italiano foi explícita nos seus discursos. E, uma vez culminada sua presidência, viajou à Itália, onde foi condecorado pelo governo fascista¹⁹.

Uma similitude do *terrismo* com o fascismo, segundo a autora, é a utilização de simbologia. Terra fez de Artigas, o líder da independência²⁰, uma figura de culto e legitimação de seu governo. Simultaneamente, realizou um culto a si mesmo, apresentando-se, segundo Jacob (1983), como o símbolo de bondade paternalista. Esse relato foi construído e difundido no jornal *terrista* “El Pueblo”.

Diferentemente de outros governos do tipo, segundo Jacob (1983), Terra não buscou impor um movimento, mas sim assumir o lugar ocupado pelo

¹⁸ Existem diferentes tipos de corporativismo, mas propõem que a representação política não seja individual e sim grupal ou coletiva. Um dos critérios foi, por exemplo, a participação política em relação à função econômica.

¹⁹ Com a *Ordine della Corona d'Italia*, outorgada a militares e políticos, italianos ou estrangeiros, que representavam os interesses políticos da Itália.

²⁰ Esse capítulo dedica uma seção a Artigas.

batllismo. Assim, para esse autor, o *terrismo* não se tratou de um caso de fascismo “puro”, porque, apesar das características fascistas ou falangistas, apresentou um autoritarismo “*sui generis*” que sustentou um nacionalismo com estilo próprio. Ao tempo que apoiou o ingresso de fascistas italianos e falangistas espanhóis no Uruguai e apresentou discursos anticomunistas e antisemitas, também se mostrou admirador do *New Deal* de Roosevelt e buscou a manutenção dos fortes laços com Grã-Bretanha.

2.1.3 Os *ruralismos*, a unidade da reação do campo

Dessa forma, durante o governo *terrista*, o campo continuava tentando a unificação política. Foi assim que, em 1936, o Partido Ruralista lançou seu manifesto inicial, contando com o apoio de associações criadoras de gado, de ovelhas e hípicas, que buscavam reduzir o custo da intermediação.

Segundo Jacob (2006), dizer que o ruralismo tinha uma ideologia é excessivo; contudo, esse partido e movimento se constituiu de um conjunto de diretrizes que mostravam uma cosmovisão. Essa cosmovisão é importante porque reaparecerá no ruralismo das décadas seguintes e influenciou variados grupos emergentes, na década de 1950.

Esse foi chamado de primeiro *ruralismo* e apresentou aspectos fascistas ou autoritários, que Jacob (2006) associa ao “varguismo” no Brasil, e não à Europa. O autor também destaca um caráter anti-imperialista que coincidia, inclusive, com pensadores *batllistas*, socialistas ou comunistas; mas não impediu a aproximação do *self-made man* estadunidense.

Diante de variada influência, mostrou-se um “fio condutor”: o antagonismo campo-cidade, no qual o primeiro era entendido como moralmente puro e produtor de toda a riqueza que a metrópole gastava de forma corrupta e imoral. Assim, os políticos localizados na cidade, segundo *ruralistas*, eram burocratas que não trabalhavam e agravavam os problemas.

Esse partido optou pela unicidade mediante uma simbologia nativista e combativa. Contou com uma bandeira própria que simbolizava o campo, o nacionalismo e a atitude vigilante dos líderes. Reivindicava o tradicionalismo de costumes do campo em comparação com os da cidade, os quais considerava modernos e estrangeiros; utilizava-se inclusive da música.

O *ruralismo* foi um movimento do tipo agremiação, social e política, que uniu arrendatários, proprietários, pequenos e medianos produtores. Segundo Jacob (1981, p. 172): “uma consciência gremial no médio rural, ganhando o tradicional individualismo, e tentando no político a superação do bipartidarismo buscando a participação no poder dos setores médios rurais²¹”.

Contudo, teve problemas para mobilizar sua base. Apesar de existirem vários trabalhadores ou proprietários rurais descontentes com a situação político-econômica, esses se encontravam dispersos e pouco alfabetizados. Dessa maneira, a utilização dos veículos de imprensa escrita não foi efetiva, pois eram poucos no meio rural e não atingiam a maioria dos trabalhadores. Por isso, no começo, os líderes do partido foram, segundo Jacob (2006), “dirigentes sem gente”.

Apesar das críticas do *ruralismo* aos políticos, especialmente aos donos de terras – considerados demagogos e traidores –, o influente pecuarista e político *colorado* Domingo Bordaberry se uniu ao ruralismo em 1950. Esse momento marca o início do segundo *ruralismo*, já que o ex-líder *colorado* o renovou. Parte da estratégia de renovação foi incorporar Benito Nardone como a figura carismática capaz de unir todos os descontentes do campo.

Domingo Bordaberry foi uma figura muito importante na conformação da maioria dos grupos conservadores uruguaios. Era advogado, latifundiário e pecuarista, foi senador pelo *riverismo* e posteriormente *ruralista*. Paralelamente, foi jornalista na imprensa conservadora e finalmente dono dos principais meios de imprensa, que se transformaram nos principais dessa posição política.

Benito Nardone, filho de imigrantes italianos, estudou na Faculdade de Direito²². Assim como o Manini Ríos, trabalhou no diário El Día e participou ativamente no *batllismo*. Convocado por Domingo Bordaberry, passou a trabalhar em “El Pueblo”, junto com o filho de Domingo, Juan Maria. O político também o incorporou à militância política e à Federação Rural. Posteriormente, quando o pecuarista fundou o Diário e a Rádio Rural, transformou Nardone no principal comunicador.

²¹ Tradução da autora.

²² Junto de Alberto Manini Ríos (filho) e Alejandro Gallinal Heber, advogado, estancieiro, que fora em 1950 governante da Flórida, de família fundadora do Partido, ele foi cofundador da UBD (PN), setor conservador. Também apoiou a continuação da ditadura no plebiscito de 1980.

A rádio foi o que permitiu ao líder ruralista chegar ao meio rural, quando aquele equipamento passou a ser o principal meio de socialização. Como descreve Jacob (1981), a partir da rádio, foi possível primeiro informar, logo conscientizar para, finalmente, consolidar a ação de grêmio. Para isso, sua personagem, Chico-Tazo²³, aparecia combativa e com uma linguagem similar à de um trabalhador rural num programa transmitido durante o descanso dos trabalhadores rurais após o *pericón*²⁴.

De forma inovadora, uniu os descontentes, disponíveis, mas dispersos desde o primeiro ruralismo. Buscou conciliar peão e patrão, os quais seriam parte da “família rural”. Nardone procurou deslocar os partidos tradicionais, abrindo espaço político sem alterar a ordem social. Para isso, segundo Jacob (1981), aproveitou o antagonismo campo-cidade construído pelo *ruralismo* anterior.

Baseou-se no revisionismo histórico, especialmente do *artiguismo* – de forma diferente ao *terrismo* – como superador das divisões econômicas e partidárias. Também segundo Jacob (1985), caracterizou-se pelo catolicismo, pelo corporativismo e pelo forte anticomunismo, que foram se misturando com essa releitura do ser nacional.

A razão do centenário da morte do “herói” rendeu-lhe homenagem em uma obra teatralizada. Apresentou similitudes entre ele e Artigas, como a suposta traição por uma oligarquia – *galerudos* – que colocou seus interesses sobre os da Nação e do povo trabalhador – *botudos*²⁵. No dia 19 de junho²⁶ de 1951, realiza-se um congresso *ruralista* na capital do país, aprofundando a relação simbólica com o *artiguismo*. Aconteceu ainda uma passeata, na qual Nardone “guiava” os *ruralistas* desde o monumento à Artigas até o monumento ao gaúcho, no centro da capital. Jacob (1981) afirma que, assim, os *ruralistas* mostravam que, como Artigas, estavam do lado do campo que “paga” o luxo da capital.

Um ano depois, também em uma data comemorativa, 25 de agosto²⁷, fundam o novo partido, a Liga Federal de Acción Ruralista. O *artiguismo* aparece

²³ Chico-Tazo é uma referência onomatopeica ao rebenque, ferramenta utilizada no campo que, a partir de um golpe, faz o animal voltar à calma e à obediência.

²⁴ O *pericón* é uma música tradicional do mundo rural – até na atualidade é tradição dançá-la nos eventos de comemoração históricas ou nas escolas –, que passou a ser utilizada pelo *ruralismo* como símbolo identitário.

²⁵ *Galerudos* refere-se às pessoas de classe alta urbana que usavam galera, um tipo de chapéu, enquanto os *botudos* seriam os trabalhadores rurais que usavam botas.

²⁶ Dia de comemoração do nascimento de Artigas.

²⁷ Dia de comemoração da Declaração da Independência Uruguaia.

no nome do partido, uma vez que Liga Federal ou “Liga de los Pueblos Libres” foi o território da confederação de províncias de que Artigas foi “protetor”. O partido incorpora características associadas ao *artiguismo*, como o sistema organizativo baseado em “cabildos abiertos²⁸” em cada capital nacional, onde qualquer assistente podia escutar e ser escutado. Essa estrutura organizativa também permitiu que o ruralismo chegasse a todo o território.

O partido também incorporou intelectuais que lhe eram afins mediante um centro de estudos políticos, econômicos e culturais nomeado Artigas. Entre os membros, destacam-se Methol Ferré²⁹ e Reyes Abadie³⁰, que, segundo Jacob (1981), foram aproximados ao *ruralismo* por Alberto Manini Ríos. A novidade do movimento permitiu a confluência desses intelectuais de origens díspares (liberais, de esquerda ou falangistas). Esses lhe “deram um passado”, vinculando-o com o *artiguismo*, associando Nardone ao campo e seus inimigos com a cidade.

Esse revisionismo histórico gerou um nacionalismo americanista, de modo que esse grupo encontrou uma justificativa para a sua existência, enfrentando a história uruguaia construída desde a visão dos partidos. Dessa forma, o *ruralismo* realizava uma releitura do passado, que justificava seu presente para lutar por um futuro comum.

Assim, apresentando-se como o defensor dos interesses nacionais, Nardone e os *ruralistas* se diziam “intérpretes das forças vivas” na luta contra o “socialismo *batllista*”. Essa referência constante ao líder da independência também foi utilizada, segundo Bruno (2007), para reviver o sentimento anticomunista latente. O ruralismo equiparou os interesses políticos *artiguistas* aos dos Estados Unidos e se opôs à reforma agrária *batllista* – e a tudo que era “vermelho” – que, segundo eles, tirava terras dos trabalhadores rurais para cedê-

²⁸ Os cabildos foram a instituição que, durante a colônia, reunia os representantes, e Artigas utilizou a sua versão “aberta” para dialogar diretamente com a população.

²⁹ Um dos principais pensadores da segunda metade do século do Uruguai e da América Latina, intelectual da teologia da libertação, que passou do *ruralismo* à esquerda, mas suas ideias foram apropriadas pela direita na história. Seu filho é fundador de Cabildo Abierto.

³⁰ Conhecido como um dos principais historiadores do revisionismo histórico do *artiguismo*, foi *colorado* pela sua família, mas acaba no PN, no *herrerismo*.

las aos soviéticos. Assim como Artigas, Nardone devia combater aqueles que “roubariam” da população nacional³¹.

Para Jacob (1981), partido e líder utilizaram Artigas, instaurando uma tradição nativista, com uma cosmovisão unida a uma moralidade cristã. A partir dessa, o partido, como aponta Bruno (2007), elaborou o “senso comum anticomunista”. Para esse autor, o *ruralismo* de Nardone foi influenciado pela extrema-direita europeia, pela matriz integralista da igreja católica e por um certo antissemitismo. Também teve influência direta dos Estados Unidos³², pois Nardone tinha sido recrutado pela CIA no contexto da Guerra Fria.

A década de 1950 foi caracterizada pelo aumento e institucionalização da violência e pela instauração do governo colegiado. Esse momento também é de crise econômica e do fim de um modelo de país, pelo que levou à busca de um novo. Assim, foi um momento propício para a convergência dos interesses conservadores.

Em 1958, ocorre uma aliança entre conservadores do mundo rural, que, apesar de não terem muitos elementos em comum, uniram-se mediante um discurso de defesa dos “interesses do campo”. Essa unificação foi possível pelo contexto da Guerra Fria e o sentimento de ameaça do comunismo, reforçado pelo governo e seus meios de comunicação.

Essa etapa é chamada de colegiados *blancos*. Isso porque foi a primeira vez após cem anos que o Partido Nacional chegou ao poder. Nesses, governou a aliança entre Nardone e o *herrerismo*. Luis Alberto de Herrera³³ foi, segundo Caetano (2021), um dos políticos mais influentes do Uruguai do século XX. Foi o líder do setor dominante do PN em todo o século passado³⁴, também historiador revisionista e estudioso das relações internacionais.

Esse líder político, dono de terras e pecuarista, influente na Federação Rural, defendeu interesses rurais na organização e na imprensa. Herrera

³¹ “Apelando ao regulamento de terras que dividia as terras dos ‘maus europeus e piores americanos’ entre aqueles considerados o povo oriental que as pudesse trabalhar.” Tradução da autora de Reglamento de Tierras, 1815.

³² Isso aparece na obra de Broquetas aqui citada.

³³ Entre 1920 e 1930, esse líder manifestou sua aproximação com o fascismo, desde sua atividade jornalística até sua filiação à Falange espanhola no Uruguai.

³⁴ Foi o setor hegemônico até a morte do líder, em 1959, e o crescimento do setor liderado por Wilson Ferreira Aldunate. Esse último foi o principal setor nacionalista, e, inclusive, com seu líder proscrito pela ditadura, perde protagonismo com a morte de Wilson em 1988, quando o *herrerismo* volta com altos e baixos.

pregava, segundo Caetano (2021), que existia um entendimento “natural” entre patrão e peão rural, diferentemente do que ocorria no mundo urbano, e, por isso, as reformas *batllistas* não faziam sentido no campo. Procurou fazer com que a socialização do campo fosse vista como superadora da diferença de classes, também entendendo que a estrutura rural era naturalmente hierárquica e patriarcal. Assim, o mundo rural foi impulsionado como “microcosmo” projetado para toda a sociedade³⁵.

Segundo Bruno (2007), o *herrero-ruralismo* inaugurou um novo modelo de relação entre Estado e movimentos sociais. Isso porque, finalizado o modelo *batllista* de industrialização e redistribuição do ingresso, favoreceu a concentração de ingressos, levando a que os trabalhadores “absorvessem a crise” e fossem reprimidos pelo Estado.

Ambos os líderes representam um conservadorismo que pode ser chamado de rural e nacionalista. Ao mesmo tempo, ganharam capacidade de mobilização social os partidos Socialista e Comunista, crescendo o sentimento de anticomunismo de alguns grupos ou movimentos, que se valeram da violência para combater a esquerda, que consideravam uma ameaça.

O “senso comum” anticomunista já estabelecido pelo ruralismo foi se institucionalizando. Nardone, desde o governo e com apoio da polícia, contribuiu com movimentos e organizações anticomunistas cada vez mais fortes. Posteriormente, o segundo colegiado buscou combater as mobilizações dos sindicatos e da educação formal, tentando interferir nesses³⁶.

Para os setores anticomunistas – incluído o governo –, o aumento de tentativas de unificação dos sindicatos³⁷ e a conquista da autonomia universitária em 1958 significaram que tanto os primeiros como a universidade foram “cooptados” pelo comunismo, o qual era entendido como uma imposição estrangeira. Segundo Broquetas (2012), Bruno (2007) e Jung (2014), o *ruralismo* realizava ameaças de golpe e de ilegalização do PCU e o PS.

O anticomunismo do *ruralismo* apareceu discursivamente nos órgãos de comunicação do governo, caracterizando-se como uma ideologia que vinha a ser

³⁵ Esse líder propôs o serviço militar obrigatório para formar uma “moral nacional” e foi dos primeiros a indicar Artigas como o “pai da nacionalidade”.

³⁶ Jung (2014) e Broquetas (2012) abordam que essa era uma demanda de alguns grupos da sociedade civil.

³⁷ Especialmente após a conformação da Central Nacional de Trabajadores (CNT).

imposta pelos “impérios de fora”. Foi em 1960 que, segundo Bruno (2007), começou a violência. O protesto contra a visita de Eisenhower³⁸ foi o primeiro momento em que a polícia não somente reprimiu como também, segundo o autor, desinformou sobre o acontecido.

A década de 1960 se destacou pela luta pelos relatos; não unicamente pelo revisionismo histórico nacional, como também pela leitura dos acontecimentos imediatos. Como apresenta Bruno (2007) sobre os enfrentamentos entre movimentos e forças estatais, socialistas e comunistas buscavam responsabilizar a polícia, e essa, junto aos *ruralistas*, buscava culpabilizar uma suposta intervenção soviética³⁹.

No relato do *ruralismo*, o Uruguai – principalmente a capital e as colônias de russos – era centro de operações soviéticas, sendo, para eles, dever do Estado e suas forças combater os estrangeiros que buscavam interferir nos assuntos nacionais. A repressão, perseguição e encarceramento de opositores – todos considerados comunistas – institucionalizou-se. Para isso, Nardone nomeou chefes nas forças policiais e militares que aceitaram impor medidas prontas de segurança contra movimentos sociais ou opositores.

Alegar uma suposta interferência soviética como causa das manifestações permitia ao governo negar a incidência da crise econômica e o descontentamento dos trabalhadores com as políticas de governo. Adicionalmente, permitia equiparar as manifestações sindicais ou estudantis às de grupos violentos. Dessa forma, culminou o processo de deslegitimação de políticos que defendiam as manifestações, criando uma opinião pública receptiva à violência repressiva do Estado.

2.1.4 Organizações e movimentos anticomunistas

Na década de 1960, a direita reacionária se nucleou em movimentos e organizações que buscaram disputar a hegemonia com a esquerda nos centros estudantis e na Central Unificada dos Trabalhadores⁴⁰. Esses grupos, como

³⁸ Estudantes da FEUU penduraram um cartaz desde o teto da Faculdade de Arquitetura, manifestando-se contra o representante dos Estados Unidos.

³⁹ Essa disputa pelos relatos também é apresentada por Jung (2014) e Broquetas (2012) sobre acontecimentos envolvendo a Universidad de la República ou o movimento sindical.

⁴⁰ Outros grupos, como a “Frente Estudiantil de Acción Nacionalista” (FEDAN), definiam-se como nacionalistas, anticomunistas, antisemitas e combatentes do marxismo e do “liberalismo maçônico”.

abordam Broquetas (2012) e Jung (2014), tornaram-se cada vez mais violentos e contavam com o apoio da CIA, do governo e da polícia.

Os grupos de direita anticomunista se valeram também do microcosmo do campo inaugurado pelo *ruralismo*. Um exemplo é abordado por Jung (2014), pois, desde a década de 1940, existia a demanda de uma universidade em Salto⁴¹. Foi em 1968, durante o auge da mobilização estudantil no mundo e no Uruguai, que a reivindicação da Universidade do Norte foi capitalizada pela direita.

A possibilidade de estabelecer uma universidade pública no Norte permitiria à direita disputar a hegemonia da Federación de Estudiantes Universitarios de Uruguay (FEEUU), a partir do “Movimiento pro Universidad del Norte” (MUPN), composto de cidadãos e instituições públicas e privadas de Salto alinhadas à direita. Esse grupo recebeu apoio político e do governo, especialmente de Nardone.

Um ano mais tarde, nasceu a “Juventud Salteña de Pie” (JSP), autodefinida como nacionalista e anticomunista. Essa buscou, segundo Jung (2014), combater o comunismo que, julgava, tinha cooptado os estudantes da capital, impulsionando a criação de outras organizações no nível regional e nacional, integradas tanto por estudantes quanto por pais.

Em 1960, esse grupo cresceu e se fortaleceu, mudando de nome para “Movimiento Estudiantil por la Defensa de la Libertad” (MEDL)⁴². Segundo os registros apresentados por Broquetas (2012) e Jung (2014), esse aumentou as ações violentas⁴³. O grupo buscava combater o que chamavam de infiltração “anarcossocialista-comunista” que, segundo eles, existia na UdelaR. Para isso, constituíram centros de estudantes “democratas” e buscaram possuir meios de imprensa.

Simultaneamente, políticos de direita e do governo continuaram deslegitimando constantemente os grêmios estudantis e os sindicatos, com

⁴¹ O norte do país é uma região de produção agroexportadora, assim como uma das localidades mais populosas.

⁴² O “Movimiento Nacional por la Defensa de la Libertad” (MONDEL), financiado pela CIA e composto por universitários, reage à obtenção da autonomia universitária que incluía os estudantes no governo da UdelaR.

⁴³ Esse grupo participou de um dos momentos mais violentos da época, conhecido como “asalto a la Universidad”, uma tentativa desse grupo de invadir com armas a UdelaR. Também se associa esse ao assassinato de um professor de história em 1961, após a visita do Che Guevara à UdelaR.

histórias exageradas, denunciando uma suposta ingerência soviética, chinesa e cubana⁴⁴. Existiam também políticos que afirmavam que a Universidade era nada mais que uma sede da CNT onde não se estudava e se praticava violência. Começou a ser espalhada a ideia de que a democracia, os valores morais e a vida dos cidadãos estavam em perigo.

Contudo, a direita não conseguiu disputar a hegemonia da FEEUU, mas sim arraigar o sentimento anticomunista em uma parte da população. Também contribuiu para instaurar um clima de violência e caos que legitimava o uso da violência estatal. Ao mesmo tempo, como a maioria dos embates acontecia em Montevideo, aumentou a crença já enraizada em alguns grupos de que a capital era caótica e dividida em contraposição com o campo puro, pacífico e unido.

Para aumentar a ideia de combate, esses grupos utilizavam uma retórica bélica. Ante a suposta infiltração, grupos de direita não somente se mostravam defensores do nacionalismo, mas também se uniram aos “democratas” da Guerra Fria. Alianças entre velhas e novas forças conservadoras expressadas no plano político partidário, assim como no da mobilização social, permitiram a consolidação de um pensamento autoritário. Essas alianças compreenderam um heterogêneo grupo de movimentos, organizações, frentes e setores políticos partidários (BROQUETAS, 2012).

Os grupos de direita não foram homogêneos, existindo muitos matizes, mas coincidiram em alguns postulados defendidos pelo exército e a polícia, já que consideravam que existia uma ameaça no sindicalismo, movimentos sociais e na esquerda em geral. Também, como postula Broquetas (2012), apesar do rechaço aos partidos por parte desses três atores, muitos participavam no *ruralismo*. Assim, alguns tenderam a desaparecer durante o segundo colegiado, uma vez que esse implementou várias das medidas reclamadas pelas direitas⁴⁵.

Com o aumento da violência, surge um novo grupo que aglutina os setores da direita conservadora, a Juventud Uruguay en Pie (JUP)⁴⁶. Bucheli (2020)

⁴⁴ Os autores aqui citados apresentam publicações de jornais onde narram histórias exageradas. Por exemplo, “trabalhadores democratas” uruguaios lutando contra espões russos, chineses ou cubanos, por não se “submeterem” nas assembleias sindicais.

⁴⁵ Como a expulsão dos embaixadores de Cuba e União Soviética, as medidas prontas de segurança, limitação da liberdade de reunião e modernização tecnológica e treinamento policial.

⁴⁶ Existiram outros que aqui não serão abordados, como: Movimento Nueva Generación, Movimiento de Restauración Nacionalista, Movimento Obrero Estudiantil Nacional Socialista de

mostra como esse grupo foi fundamental na construção do ambiente social e político, mediante seu discurso de confrontação, suas mobilizações e o uso da violência. Utilizou o patriotismo e anticomunismo já enraizados como forma de reação frente ao caos que significava, para eles, o avanço da esquerda, voltando a disputar os espaços que esta tinha ganhado, sobretudo em manifestações nas ruas e na condução gremista dos centros educativos.

Diferentemente dos anteriores, esse movimento se afastou dos partidos tradicionais e, a partir de 1972, projetou seu alcance nacional. A JUP propunha criar uma nova ordem, uma “revolução nacional”, que seria implementada pelas Forças Armadas, impulsionando um radicalismo favorável à intervenção militar.

O viés nacionalista da JUP e das Forças Armadas se baseava na crença de um “inimigo interno” que devia ser combatido. Ambos se consideravam os verdadeiros representantes da nacionalidade, herdeiros da ideologia artiguista. O nacionalismo da JUP era guiado por uma sensibilidade ruralista e entendia a pátria como “terra dos nossos pais”. Isto é, a terra dos pais da nação, sendo a forma como a JUP ressignificava as “lutas heroicas” do passado e a riqueza pecuária dos “anos dourados” (BUCHELI, 2020).

Como foi apresentado no capítulo teórico, é uma estratégia das direitas a utilização do passado, especialmente a memória coletiva. Assim, os anos dourados têm sido utilizados pela direita como forma de recordar uma plenitude originária mitificada, tomada como ponto de referência do que vem a ser resgatado. Essas direitas procuravam, assim, voltar ao momento em que o campo puro e não corrupto era promovido como o motor da economia e bastião da moralidade.

A linguagem desse grupo resulta interessante na construção da identidade e do nacionalismo, como indica Souyris (2019). Essa autora adverte que essa linguagem vai além dos discursos, existindo algo subjacente, e a JUP é um claro representante disso.

Os membros desse grupo político utilizavam simbologia patriótica e discursos semelhantes aos de Nardone. Mediante uma “mística oriental”, colocavam-se junto ao campo, contrários à capital, onde os comunistas, na sua visão, corromperam as juventudes, infiltrando-se na educação, nos sindicatos,

Uruguay, Organización de Padres Demócratas, assim como o grupo ultracatólico Tradición Familia y Propiedad.

na igreja e no aparelho burocrático do Estado. Buscavam uma maior intervenção das Forças Armadas na educação e sindicatos que acreditavam que deviam ser resgatados do marxismo que, segundo eles, debilitava o povo para dominá-lo (BUCHELI, 2020).

O principal referente desse grupo foi Hugo Manini Ríos, neto do fundador do *riverismo* e filho daquele que levara alguns intelectuais ao *ruralismo*. O jornal da família Manini Ríos funcionou como porta-voz da JUP, segundo Demasi (2019). Esse grupo também difundiu suas ideias em outros meios de comunicação massiva, como a Rádio Rural, que também funcionou como o local de reunião. Mas, desde agosto de 1972, o grupo contou com seu próprio jornal, o Novo Amanhecer.

Finalmente, a JUP se dissolveu em 1974. Segundo Bucheli (2020), provavelmente porque a maioria dos problemas por eles apontados no país estavam sendo atendidos pela ditadura instalada em 1973.

Cabe esclarecer que, nesse mesmo período, surgiu outro grupo ameaçador para os setores conservadores aqui estudados. Em 1971, foi fundada a coalizão da esquerda partidária “Frente Amplio” (FA). Esse partido surgiu da uma coalizão que aglutinou não somente membros de “partidos de ideias⁴⁷” como também líderes advindos dos partidos tradicionais.

Um ator-chave no impulsionamento e aproveitamento desses grupos de direita conservadora foi o presidente Pacheco. Como apresenta Panizza (1990), por esse ter se tornado presidente quando ainda era um político desconhecido, necessitou construir uma imagem política própria e organizar uma força política própria dentro do PC.

Em 1967, culmina a forma colegiada de governo, e voltam o presidencialismo e o Partido Colorado. Assume a presidência o General Oscar Gestido e um vice *batllista*⁴⁸ pouco conhecido. No contexto de aumento do descontentamento social e econômico, o governo depreciou o valor da moeda para conter o aumento inflacionário e declarou o estado de exceção para conter os protestos sociais.

⁴⁷ A academia uruguaia chama de Partidos Tradicionais o Partido Colorado e o Partido Nacional; e de Partidos de Ideias aqueles grupos mais ideológicos, que seriam o Partido Socialista, Partido Comunista Uruguaio e Partido Democrático Cristão. Para esse debate, ver Ferreira (2011).

⁴⁸ Por ser diretor do histórico jornal batllista, “El Día”.

Como o presidente morreu antes de finalizar o primeiro ano de mandato, assumiu o vice-presidente, Jorge Pacheco Areco. No momento em que Pacheco chegava ao poder, a inflação ultrapassava 100% anual e foi aplicado o congelamento de preços altos e salários baixos, consolidando a transferência de ingressos dos assalariados aos capitalistas (Bértola, 2004).

Essas medidas provocaram o aumento dos conflitos sociais, que foram combatidos com violência e forte repressão de Forças Armadas e da polícia. Como descreve Panizza (1990), Pacheco pretendeu construir uma imagem política própria e criar hegemonia dentro do partido. Para isso, estabeleceu determinados antagonismos, dentre os quais o primeiro foi a inflação, e seguiu o “Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros” (MLN-T)⁴⁹.

A inflação foi associada com os “maus uruguaios” e com a “agitação estrangeira”. Esses seriam, principalmente, os sindicatos, aproveitando o relato *ruralista*. Na metade do período, segundo Panizza (1990), o antagonismo se baseou no grupo guerrilheiro, apresentado pelo Presidente como antinacional e o “mal absoluto”. Em contraste, Pacheco seria o nacionalismo e o bem absoluto. No relato *pachequista*, todo o sistema político devia expulsar esse “inimigo da Nação”.

Chegando ao final do mandato, o discurso *pachequista* muda e o líder deixa de convocar os partidos, mostrando-se isolado. Assim, segundo o autor supracitado, começa um momento de apelo às Forças Armadas e a “seu” povo como os únicos combatentes do MLN-T. Líder, militares e povo seriam o símbolo da nova ordem que pretendia erigir, longe dos partidos, que, segundo ele, abandonaram ao povo, enquanto ele se encontra em relação direta com aqueles últimos.

Panizza (1990) compara Pacheco com Nardone, já que, segundo ele, são os únicos que construíram sua liderança política se diferenciando dos políticos e ressaltando agir por “amor ao povo”. Essa é uma característica que, como aparece nas abordagens teóricas, é das direitas atuais.

⁴⁹ O Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros (M.L.N.-T) “é a união voluntária e combativa de militantes que lutam pela liberação nacional e o socialismo no processo da construção da Pátria Grande Latino-americana” (tradução da autora). Na década de 1970, esse grupo atuou como guerrilha urbana, com diferentes formas de ação armada.

Pacheco apelava discursivamente ao privado, não se dirigia a “cidadãos”, e sim a famílias, mães e pais, reforçando o antagonismo. Por um lado, a família era associada à ideia de paz e ordem e, por outro, os atores coletivos – o movimento sindical ou o MLN-T – à violência e ao caos. O *pachequismo* usou a família e o interesse nacional como a justificativa do projeto hegemônico autoritário a impor.

O *pachequismo*, já consolidado como o principal setor conservador no PC, apoiou a integração do *ruralismo* ao partido. Desse modo, poder-se-ia afirmar que culmina o processo de tendência à direita desse partido, já que os setores reformistas foram diminuídos. Nesse movimento, foram fundamentais os Bordaberry, cuja trajetória, como se apresentou, encontra-se entrelaçada a toda a direita.

Nesse contexto, chegou-se à segunda ruptura institucional, na qual a força aglutinadora e mobilizadora dos grupos conservadores, o espiral da violência e a profissionalização das forças repressivas do Estado, para Broquetas (2012), foram uma marcada característica de todo esse período, que começou na década de 1960 e culminou na transição à democracia.

2.1.5 A ditadura da Doutrina da Segurança Nacional

Juan Maria Bordaberry⁵⁰, do Partido Colorado, após a incorporação do *ruralismo* a esse partido, chegou à presidência em 1972, em um clima de forte conflitividade social e política, bem como com uma economia estagnada, com sindicatos, grêmios estudantis, movimentos sociais e uma guerrilha urbana bem organizados, mobilizados e em constante pressão.

Esse governo desencadeou uma ditadura civil-militar, quando o presidente, junto com as Forças Armadas, dissolveu o Parlamento. Esse golpe de Estado iniciou uma ditadura inspirada na Doutrina da Segurança Nacional (DSN), que permaneceu por doze anos.

Golpe de Estado significa, nas palavras de Rico (2005, p. 32), “[...] uma ação institucional localizada no Estado como sujeito determinante da ação”⁵¹. Dessa forma, como interpretam Ansaldi e Giordano (2012), o Estado como

⁵⁰ Filho de Domingo Bordaberry, pecuarista, um dos fundadores da Federación Rural e promotor de mídia e grupos de direita conservadora.

⁵¹ Tradução da autora.

detentor do monopólio do poder é quem rompe com a estrutura das forças políticas opositoras, mas também com a sociedade, as formas de convívio e seu imaginário social.

Similar é a observação de Cosse e Markarian (1996), quando afirmam que a ditadura colocou no Parlamento a fonte dos “vícios e corrupção”. Desde o próprio Estado, a ditadura deslegitimou partidos e políticos, rompendo os laços de representação que esses significavam. Em contraste, os membros do Poder Legislativo que ocuparam as câmaras após o golpe afirmavam que eles sim trabalhavam para o país.

Os militares, com o apoio de civis, colocaram-se como superadores das diferenças partidárias e até ideológicas e como os “guardiões da Nação”. Nesse sentido, apresentaram-se como os garantidores do governo, dos valores, da ordem e da autoridade. Assim, afirmavam defender a unidade nacional e os valores que a compõem, de tudo aquilo que ameaçasse desagregá-la (COSSE, MARKARIAN, 1996).

A ditadura aproveitou alguns dos relatos construídos pelos conservadores para legitimar o uso da força repressiva. O inimigo já tinha sido construído, o MLN-T e a oposição, e foi constantemente combatido com o anticomunismo instalado desde os *colegiados*. Para institucionalizar ainda mais essa visão de mundo, a ditadura criou a *Dirección Nacional de Relaciones Públicas* (Dinarp). Esse órgão se dedicou a implementar um discurso “fundacional” do regime, aprofundando os relatos do passado, especialmente o antagonismo entre a capital e o mundo rural.

A oposição campo-cidade ajudou a ditadura a associar os problemas sociais à capital, à tradição *batllista* e à esquerda, e promoveu manifestações nativistas, especialmente *gauchescas*, como elementos constituintes do nacionalismo patriótico. Assim, criou uma ideia de anti-imperialismo, contrário às tendências cosmopolitas da cidade. Para Marchesi (2001), os ditadores buscaram construir uma base social que os legitimasse, tentando unificar as diversas correntes de pensamento que apoiavam o golpe, principalmente no interior do país e na educação.

Esse nacionalismo como discurso fundacional do regime foi uma característica da ditadura para a legitimação do seu relato. Como abordam Cosse e Markarian (1996), em 1975, foi celebrado o *año de la orientalidad* no

marco da construção de sentido nacional do regime. Durante esse ano, realizou-se uma série de comemorações dos acontecimentos de 1825 e dos 125 da morte de Artigas, iniciando-se a construção de seu mausoléu.

O mausoléu foi instalado na praça da independência, embaixo de uma gigante estátua de Artigas a cavalo, decorada com frases que relembram o lado militar do líder. Como descrevem as autoras, foi um clima festivo, para legitimar o regime.

A construção do sentido nacional da ditadura também se valeu da imagem idealizada do passado. Um nacionalismo “americanista” com herança hispanista evitando a contradição com a independência.

O ano da *orientalidade* ajudou a construir um *demos* e seus valores, inspirados na visão que os militares criaram de Artigas, de militar e “pai da família oriental”. O *demos*, novamente chamado de “forças vivas”, era integrado pelos uruguaios comprometidos com a luta contra a suposta agressão estrangeira, aqueles que participavam nos eventos convocados pela ditadura. Esses eventos consolidaram o que Cosse e Markarian (1996) chamam de “novas imagens identitárias”, baseadas em costumes e símbolos antigos encaixados na linha ditatorial.

Um grande impacto desse ano foi a instauração de uma coordenação entre Estado e setores privados, intelectuais afins e organizações ou agrupações folclóricas e patrióticas – *rotary* e *lions* das poucas internacionais. Fomentou-se esse tipo de grupos representantes do “ser rural”, reduzindo-se ao turismo e esvaziando-se a identidade nacional, aquela associada à capital, como o carnaval, tango ou *rock*.

A ditadura também buscou projetar como positivo o relacionamento do exército com a população. Para isso, realizou desfiles dos estudantes escolares e orientou os discursos exaltando a vocação de serviço e do “amor” aos mais necessitados por parte dos militares. Assim, os políticos foram deslocados pelas cúpulas castrenses não somente no poder, mas também na relação de representação popular.

A forma como a ditadura uruguaia finalizou é importante para a história política desse país, bem como das mudanças das direitas. Isso porque, como em outras ditaduras do Cone Sul, essa buscou se legitimar mediante uma reforma constitucional, plebiscitada em 1980. A proposta de reforma

constitucional, apesar do autoritarismo, foi rechaçada por 57,9% da população e inaugurou massivos protestos sociais.

Quanto à ditadura militar, começou com o MLN-T desarticulado, tendo seus principais líderes presos, como é o caso do ex-presidente José “Pepe” Mujica, e outros assassinados ou desaparecidos. Foi durante esse período que partidos, líderes políticos, sindicais e intelectuais foram proscritos, perseguidos ou exilados. Apesar de o anticomunismo já ter sido, de certa forma, institucionalizado, durante a ditadura foi aprofundado e utilizado como justificativa de governo.

Essa ditadura durou doze anos e não buscou impor uma ordem econômica diferente⁵². Assim como os grupos de direita que se dissolvem uma vez que aquela se impõe, foi uma reação ao que se entendeu como uma ameaça da esquerda, isto é, uma cosmovisão e possível implementação de um modelo alternativo ao capitalismo, como afirma Broquetas (2012).

2.2 Direitas uruguaias pós-ditadura, a grande transformação

A década de 1980 mostrou que a busca por legitimação do regime tinha fracassado, pelo menos entre a grande maioria da população. O principal objetivo desse plebiscito era estabelecer uma espécie de democracia tutelada. A rejeição ao governo militar se viu na resposta negativa à proposta eleitoral da ditadura para permanecer como forma de governo, pelo que o governo de fato estabeleceu um calendário transicional e começou a negociar a abertura com os partidos políticos.

Esse resultado propiciou o aumento de manifestações populares por parte significativa da população, que demonstrou não aceitar a cosmovisão a ser instaurada. Assim como os militares, a direita mais conservadora se viu no período pós-transição com pouco apoio.

Um exemplo dessa queda no apoio foi a fração *pachequista*, outrora a maior do PC. Finalizado o regime, deixou de ser hegemônica no partido e inclusive acabou se diluindo.

⁵² A ditadura manteve, num primeiro momento, o plano econômico do Bordaberry e somente o modificou segundo os problemas econômicos do momento. No final do período, seguindo a corrente mundial, permitiu que o capital financeiro aumentasse sobre o modelo agroexportador - no começo o capital financeiro ingressou ao país para apoiar o agronegócio (NOTARO, 2010).

Com a volta da democracia, o sistema de partidos estava mudado, tanto pela participação do *Frente Amplio* ilegalizado pouco após sua fundação, em 1971, quanto pelo retorno ao país de líderes que tinham sido proscritos. A esquerda do mapa ideológico se encontrava quase na sua totalidade no FA, liderada pelo General Liber Seregni; o centro foi capturado pelo PN, liderado pelo retornando do exílio Wilson Ferreira Aldunate; e a centro-direita se encontrava no PC, liderada por Júlio Maria Sanguinetti.

Nessa eleição, os *colorados* retornaram ao poder, dessa vez com o grupo moderado que fora contrário à ditadura, obtendo 41% dos votos. No segundo lugar, posicionaram-se os *blancos*, com 35%, e a coalizão de esquerda obteve significativos 21%. Como pode ser observado, a direita conservadora não teve uma representação político-partidária própria, já que os partidos tradicionais se apresentaram mais moderados.

Com a crise da dívida externa e as reformas neoliberais típicas da década de 1990, começadas na ditadura, foi se criando uma estrutura mais vulnerável ao capital financeiro transnacional. Dessa forma, os setores pecuaristas, industriais ou agroexportadores, que no passado foram os principais grupos de pressão, perderam esse papel, e seus históricos representantes políticos perderam também sua força.

Assim, as direitas perderam a capacidade de pressão e os trabalhadores organizados passaram a ocupar um primeiro plano. As direitas que governaram antes e depois da ditadura não superaram essas crises, e outras alternativas apareceram como possíveis dentro do sistema de partidos.

Finalizando essa década, o FA foi o partido mais votado, sem alcançar a presidência, por causa das regras do sistema eleitoral⁵³. Esse crescimento do partido se demonstrou no governo da capital desde 1990. Já advinda a década de 2000, assim como em boa parte da América Latina, o Uruguai se tornou parte

⁵³ Nas eleições de 1999, aplicou-se a reforma constitucional de 1996, a qual substituiu a maioria simples pela obrigatoriedade da obtenção de maioria absoluta dos votos atribuídos para vencer a eleição presidencial, o que abria a possibilidade da realização de 2º turno, mantendo o princípio de representação proporcional para a eleição legislativa definida na primeira eleição. Assim, o FA ganhou a primeira rodada, obtendo maioria legislativa com o total de 40,1% dos votos, mas o PC, que obteve 32,8%, aliou-se ao PN, com 22,3%, para a segunda rodada. Tabaré Vázquez obteve 45,9% dos votos, mas Jorge Batlle (PC) o superou, com 54,1%.

da *maré rosa*⁵⁴. Em 31 de outubro de 2004, foi escolhido, com uma maioria absoluta de votos (51,6%), o candidato da esquerda. Dessa forma, Tabaré Vazquez⁵⁵, que primeiro governou a capital, chegou à presidência, colocando a esquerda como uma opção legítima de governo e acabando com o bipartidarismo histórico uruguaio.

As eleições de 2004 apresentaram outras características do renovado sistema político uruguaio. Incorporaram-se ex-guerrilheiros, tal como José Mujica⁵⁶, a importantes cargos políticos. Esse líder inclusive alcançou a presidência em 2009, o que não somente mostrou que tinha se aberto uma brecha no bipartidarismo, como também a esquerda alcançou espaço enquanto uma opção legítima.

Dessa forma, consolidou-se o crescimento do FA e o debilitamento e realinhamento dos chamados partidos tradicionais. Esses últimos passaram de 81% dos votos, em 1984, para 46%, em 2004. O PC, partido que governou durante mais tempo – 100 anos de governo somados –, ficou, em 2004, reduzido a 10%⁵⁷.

O FA se manteve durante três períodos no governo nacional, dois deles governados por Vázquez (2005-2010; 2015-2020) e um por José “Pepe” Mujica (2010-2015). Já na capital do país, o FA continua no governo até a atualidade, completando mais de 30 anos ininterruptos no poder. Durante esse período, a esquerda implementou a chamada “agenda de direitos”, caracterizada, entre outras questões, por garantir os direitos de terceira geração, como matrimônio igualitário, aborto e regularização do consumo de cannabis.

Após a transição à democracia e a *maré rosa*, as direitas tiveram que mudar para se manter construindo hegemonia, como indicam Ansaldi e Giordano

⁵⁴ Referência à ascensão de partidos e coalizões que se definem como esquerda ou centro-esquerda, em governos nacionais em diversos países da região, no começo do século XXI.

⁵⁵ Tabaré Vázquez foi o primeiro político de esquerda a governar a capital uruguaia (eleito em 1989) e depois o país (2004). Iniciou sua militância no Partido Socialista em 1967 e, após esse integrar o Frente Amplio, foi membro da sua direção Central. Dados sobre seu governo serão trabalhados no Capítulo 3.

⁵⁶ José “Pepe” Mujica começou sua militância política no PN, seguindo o líder Enrique Erro. Deixaram juntos o partido e Mujica se uniu à guerrilha Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros, fundada em 1965, atividade pela qual foi preso em três ocasiões durante o governo autoritário da década de 1960, fugindo e sendo preso, pela última vez, em 1971, libertado unicamente após o fim da ditadura cívico-militar.

⁵⁷ O PC não conseguiu se recuperar, já que, nas eleições seguintes, em 2009, obteve 17%; e em 2014 e 2019, 12%, segundo o Instituto Nacional de Estatística.

(2012). Em concordância com eles, observando o caso uruguaio, Demasi (2019) considera que as direitas radicais acabaram se diluindo no apoio ao golpe, e a direita histórica perdeu sua legitimidade. O mesmo autor afirma que a direita que surge nesse período aparece como apoiadora da democracia política e crítica das violações aos direitos humanos da ditadura.

Com a chegada da democracia, além dos políticos, alguns intelectuais e empresários que acompanharam a ditadura transformaram o seu discurso e imagem. Dessa forma, segundo Bohoslavsky e Broquetas (2019), conseguiram consolidar uma direita nova, renovada na sua ideologia e cultura política, que encontrou um correlato eleitoral.

Poder-se-ia enquadrar o Uruguai no que Luna e Rovira (2021) chamam de resiliência da direita latino-americana. Para esses autores, nesse país, assim como no continente, essa posição política explora a influência e criação de senso comum que historicamente teve o conservadorismo na sociedade. Assim, também, a direita política, no continente, utiliza a conjuntura de crise para intensificar o “voto castigo” aos oficialismos.

De acordo com a análise dos autores citados acima, a direita uruguaia conseguiu abrir caminho para si, em parte, porque a esquerda apresentou debilidades após 15 anos de governo nacional. Essas debilidades, para os autores, foram causadas pela estagnação econômica e pela presença de alguns casos de corrupção⁵⁸. Isso tudo durante a crise das *commodities*, cujos ganhos eram voltados às políticas que buscavam reduzir a pobreza e a desigualdade.

Simultaneamente, Luna e Rovira (2021) observam o aumento da criminalidade e da violência – assim como no continente –, que foi potencializado com a cobertura midiática, que sistematicamente abordava o assunto. Assim, as direitas mostravam o governo como incapaz de solucionar os problemas da insegurança, propondo um retorno da denominada “mão dura”.

Para exemplificar o conservadorismo vinculado à ordem, aparece como principal figura o ex-candidato à presidência, Jorge Larrañaga (PN). Esse líder

⁵⁸ O caso de corrupção levou a que, em 2017, renunciasse o vice-presidente Raúl Sendic, por uso indevido do cartão corporativo. Este caso foi explorado pela direita por se tratar do vice-presidente, mas também por ser o filho de Raul Sendic. Este último foi um dos símbolos da esquerda organizada entre 1960 e 1980, por unificar o sindicato dos trabalhadores da canha de açúcar -do norte do país - e formar parte do MLN-T, preso durante 12 anos, desde o governo de Bordaberry até a abertura democrática.

político assumiu o assunto da segurança pública, que, como foi apresentado anteriormente, constituía a principal preocupação da população. Além disso, ele incorporou esse assunto à agenda como projeto de lei por ele apresentado, uma reforma constitucional chamada “*Vivir sin Miedo*”⁵⁹. A finalidade dessa era implementar medidas mais punitivas e uma militarização da seguridade interna.

A reforma, votada no momento da eleição de 2019, foi rejeitada em uma votação muito apertada, uma vez que 47% do seu eleitorado deu apoio. Assim, ficou demonstrado que, para grande parte da população, a segurança é um valor a ser considerado; que a ideia de “combate”, “mão dura” e militarização da seguridade interna era uma solução desejável.

Larrañaga⁶⁰, político de longa trajetória, esteve no Ministério do Interior na gestão atual – do presidente Lacalle Pou, do Partido Nacional, filho do ex-presidente Luis Alberto Lacalle (1990-1995) – até seu falecimento em maio de 2021, em decorrência de um infarto. O debate público em torno da segurança ainda tem um forte vigor, inclusive foi votada uma Lei de Urgência, que modifica muitos artigos constitucionais e possui forte similitude com as propostas do projeto antes mencionado⁶¹.

Tanto Demasi (2019) quanto Luna e Rovira (2021) observam a reação das direitas ante a implementação da agenda de direitos no Uruguai. Os últimos chamam a atenção para os valores morais que alguns líderes pregam no contexto de politização e busca de representação política de grupos evangélicos. Apesar de o Uruguai ter uma longa tradição secular, grupos evangélicos e neopentecostais que atuam em bairros periféricos vêm crescendo e atuando na arena político-partidária, especialmente no PN.

A esse respeito, cabe destacar a participação de Carlos Lafigiola (PN), do setor “Corriente Social Cristiana”, quem também foi pré-candidato à presidência em 2019 e se autodefine como “católico carismático”. Foi o principal promotor da campanha pela derrogação da Lei Integral para pessoas Trans⁶², contando com

⁵⁹ Os pontos principais da proposta eram endurecimento das penas, invasões domiciliares noturnas da polícia, reclusão permanente e criação de uma guarda nacional com militares.

⁶⁰ Das chamadas “famílias políticas” do Uruguai, o primeiro Larrañaga foi contrário ao *artiguismo*.

⁶¹ Essa lei encontra-se atualmente passando pelo processo de referendo, impulsionado pelo FA e organizações sociais e a central sindical, para a derrogação de 135 artigos, a maioria deles em relação à segurança. Será votado em 27 de março de 2022.

⁶² A Lei n° 19.684 possui 24 artigos, vinculados à saúde, educação, inclusão laboral, habitação, cotas e reparação da violência institucional. A polêmica da maioria a menores é errada,

o apoio de Verónica Alonso (PN) no parlamento e de grupos neopentecostais e evangélicos como sua base. Afirmou que essa lei poderia ameaçar as crianças, pois, segundo ele, colocariam hormônios e mudariam o sexo biológico delas sem o conhecimento dos pais.

Nesse grupo, resulta fundamental, desde 2014, a figura de Verónica Alonso, que foi pré-candidata à presidência pelo setor “Esperanza Nacional”⁶³. Apesar de ser uma católica convertida ao judaísmo, contou com o apoio de grupos neopentecostais, os quais, argumentava, haviam sido discriminados pelo governo de esquerda. Em campanha política, afirmou estar seguindo o propósito que Deus, que lhe deu e que busca trazer de volta os valores “judaico-cristãos”⁶⁴.

Grande parte das campanhas políticas de Alonso foram em igrejas evangélicas, onde afirmou que, ganhando as eleições, iria “erradicar a ideologia de gênero, que tanto dano faz a nossos filhos e a nossos jovens”. Também afirmou que iria trabalhar pela família, buscando criar famílias saudáveis para fortalecer a nacionalidade⁶⁵.

Desde a mudança de século até o fim da *maré rosa*, também surgiram alguns partidos novos no Uruguai, mas sem muita força eleitoral. Esse é o caso do Partido Independiente⁶⁶ (PI), disputando o espaço da esquerda, ou do Partido de la Gente, apresentando-se como popular, liberal e gerencial, para exemplificar dois casos diferenciados, mas com marcada importância dos líderes. Nenhum desses teve um êxito midiático ou eleitoral semelhante ao de Cabildo Abierto.

No caso do “Partido de la Gente”, seu principal representante foi Edgardo Novick, que lançou a sua criação, em 2016, após o relativo sucesso da sua candidatura ao governo da capital, no ano anterior, pelo “Partido de la

uma vez que menores de 18 só podem acessar tratamento ou prestação de saúde (sem ser cirurgia genital) com a aprovação dos pais.

⁶³ Que lidera junto ao Pastor Álvaro Dastugue – primeiro pastor evangélico a entrar na política partidária –, havendo a participação de vários membros da igreja “Misión Vida para las Naciones”. Verónica Alonso foi acusada de receber financiamento dessa igreja e de aproveitamento de pessoas em situação de vulnerabilidade social dos lares dessa igreja, que participavam na campanha de 2014. O “apóstol” e fundador dessa igreja é o sogro de Dastugue.

⁶⁴ Ditos de Verónica Alonso ao jornal La Diaria. Tradução da autora.

⁶⁵ Esse discurso foi parte de uma participação da ex-candidata em uma igreja evangélica. Apesar de o vídeo não estar mais no Youtube, foi possível ver um trecho em Subrayado, jornal nacional do Canal 10 do Uruguai, em 2019.

⁶⁶ O mesmo não será abordado por não ser do interesse desta pesquisa, pelo seu viés de esquerda.

Consertacion”. Esse partido reuniu *blancos* e *colorados*, obtendo 38,2% dos votos, segundo dados da Corte Eleitoral.

Por ter sido formado por alguns líderes advindos dos partidos tradicionais, assim, o “Partido de la Gente”, que se mostrava como *outsider*, conseguiu emplacar dois senadores e vários integrantes de governos departamentais. Apesar do repentino sucesso, em 2019 obteve somente um 1% dos votos, demonstrando um certo desgaste. O sucesso desse partido foi mostrar que era possível mobilizar um eleitorado que estava descontente com os partidos tradicionais.

A principal característica desse partido conservador foi a antipolítica apresentada pelo líder, que se mostrou como um *self made man* que procurava estender seu sucesso empresarial na política. Para tanto, utilizava um discurso de meritocracia, reafirmando que seu sucesso era fruto de uma vida de trabalho, junto com outro baseado no senso comum e em uma linguagem simples e combativa aos partidos políticos, especificamente, ao “Frente Amplio”. Finalmente, negava ser de direita ou de esquerda.

Com uma certa semelhança com esse líder, dentro do PN, durante a eleição de 2019 surgiu também um novo candidato. Trata-se de Juan Sartori, o primeiro milionário que se apresenta como tal na campanha eleitoral uruguaia – atualmente, apresenta-se como empreendedor, nas suas redes sociais. Esse, chegado do exterior pouco antes do começo da competição eleitoral, conseguiu o segundo lugar nas internas do partido, deslocando Larrañaga; porém, não conseguiu a vice-presidência, que ficou com Beatriz Argimón, do setor de Lacalle Pou, o atual presidente.

Assim como a de Novick, a campanha de Sartori esteve baseada na sua imagem de exitoso “homem de negócios” e *self made man*, a ser continuada na política. Contudo, existem diferenças do caso anterior. Enquanto o primeiro se dedica à questão comercial ou à presença de sérvios no Uruguai, Sartori, entre outros vinculados ao capital financeiro, é membro fundador de Union Agricultural Group, International Cannabis Corp, que ganhou a licitação para venda de cannabis farmacêutico no Uruguai. Poder-se-ia dizer, portanto, que Sartori é um representante da direita que se mostra como *outsider*, mas não representa o conservadorismo.

Como estratégia política, contratou um assessor venezuelano radicado em Miami, Juan José Rendón. Esse assessor possui variadas denúncias sobre manipulação de redes sociais e vínculos com o narcotráfico⁶⁷. Sua campanha foi baseada em contratações massivas para concorrer a atos ou entregas de folhetos – mobilização militante que, no Uruguai, geralmente não é remunerada – e promessas de campanha, como a da criação de cem mil empregos e o cartão “MedicFarma”⁶⁸.

Como última característica da campanha do empresário e agora político, houve a compra do portal de notícias “Ecos”. Esse portal de notícias *online*, que nega ser órgão de campanha, veiculava todo tipo de notícias de forma diária. Cumpre ressaltar, ainda, que essa plataforma se viu envolvida em um escândalo, quando a diretora do portal denunciou o político por ter sido pressionada, segundo ela, a publicar matérias falsas em prejuízo de outros candidatos, durante as eleições internas do PN.

Também essas eleições tiveram como característica que o histórico PC tenha se apresentado sem líderes fortes. Pedro Bordaberry, filho de Juan María, e líder do setor Vamos Uruguay, foi afastado do partido. Nas internas desse partido, foi eleito como candidato o economista e representante do *think thank* Centro de Estudios de la Realidad Económica y Social (CERES), Ernesto Talvi, que pode ser associado ao liberalismo, mas não ao conservadorismo.

Simultaneamente ao crescimento de Talvi – protagonista no começo do governo e da pandemia como chanceler –, diminuiu a ala *batllista* representada pelo jovem politólogo Fernando Amado, que deixou o PC⁶⁹. Assim, quando Talvi deixou a política, o único líder forte que permaneceu no PC foi o ex-presidente Júlio María Sanguinetti (1985-1990; 1995-2000). Contudo, esse líder político e reconhecido estudioso da história nacional, tem atualmente 86 anos, o que limita as chances do partido de construir hegemonia e renovar quadros políticos.

Em suma, em 2019, os setores de centro-esquerda dos partidos tradicionais ficaram muito prejudicados e a esquerda ficou reduzida basicamente

⁶⁷ É o primeiro caso desse tipo de assessor no país.

⁶⁸ O cartão MedicFarma foi proposto como promessa de campanha, para ganhar as eleições. Sartori afirmou que iria entregar esses cartões a todos os aposentados do país, garantindo o acesso de graça aos medicamentos necessários em qualquer farmácia.

⁶⁹ Amado se aliou ao Partido Independiente (PI), que se dissolveu. Formou o grupo independente Unión de Izquierda Republicana (UNIR) e apoiou um candidato do FA para as eleições municipais da capital de 2019.

ao FA. A direita se encontrou sem fortes representantes nos partidos tradicionais que viveram dentro de si a emergência de candidatos como os aqui apresentados, que aproveitaram o interregno com um êxito relativo. Porém, as direitas mais conservadoras encontraram debilitadas as frações que as representavam nos partidos tradicionais. Após variadas tentativas de reconstrução da conciliação das direitas atualmente, encontra-se, no Uruguai, um governo de coalização onde as principais figuras podem ser apresentadas como herdeiras de velhas direitas mais ou menos conservadoras.

Ao mesmo tempo, a reação à agenda de direitos implementada pelo FA, ao assunto da segurança e alguns casos de corrupção foram utilizados para reinstalar o discurso das direitas. Essas retomam denúncias de “caos”, perda de valores, mau trabalho dos políticos e necessidade de “mão dura”.

Assim, colocam como guia e unificador das direitas, novamente, um membro da família Manini Ríos, atualmente no partido *Cabildo Abierto*. Isso deverá ser observado por esta pesquisa no capítulo seguinte, tratando do novo da direita uruguaia.

2.3 O nacionalismo como elemento aglutinador

Como se desprende do percurso histórico aqui apresentado e como apontam as abordagens teóricas do capítulo anterior, o uso do passado é fundamental nessas direitas. As direitas buscam conservar, e, portanto, necessitam de uma referência favorável daquilo que buscam manter. Desse modo, encontram no revisionismo do passado a base para a justificação de sua existência.

As direitas encontraram nas lutas pela independência o maior herói, tantas vezes reinterpretado, que servia tanto como de passado comum aos partidos quanto de elemento de disputa. A partir desse líder histórico, elas constroem sua identidade própria e nacional, e um sentimento de nostalgia de um passado glorioso a ser reivindicado e resgatado; assim, dá-se sua justificativa como representante do “verdadeiro ser nacional”.

Para além dos usos do *artiguismo* até aqui apresentados, Yaffe (2001) argumenta que existem no Uruguai quatro grandes interpretações e usos políticos do líder da independência. Esses momentos foram analisados também

por outros autores, como Demasi e Islas (2001), em um livro que buscou compilar novas formas de olhar o *artiguismo*.

A primeira é a chamada “lenda negra”, que começa ao mesmo tempo que o líder estava no exílio no Paraguai⁷⁰. Foi construída uma imagem de Artigas bandido, anárquico, que buscava alterar a ordem, destruir as hierarquias e a propriedade, tendendo à pobreza. Foi apresentado como um violento e o “pioor tipo de patriota”. Segundo Islas (2001), era como não deviam comportar-se os moradores do território.

Com a necessidade de reafirmar a democracia no país, em finais do século XIX surge a “lenda de bronze⁷¹”. Como apresenta Islas (2001), buscava construir uma moral e um civismo que legitimasse a elite empresária, intelectual, social e política – que tendia a reunir as mesmas pessoas. Assim, Artigas foi separado do “popular”. O Artigas de bronze era lembrado como parte da elite montevideana – nasceu em uma das famílias fundadoras da capital – e como estatista. Dessa vez, Artigas era o símbolo de como ser cidadão.

Como caracteriza Yaffe (2001), foi um “*artiguismo* sobre-humano”, mas limitado aos dotes políticos e militares. Foi, simultaneamente, caudilho, líder, capitão, orador, pensador, estatista, bravo, “condutor e conduzido” pelo seu povo, uma figura quase messiânica. Como afirma Demasi (2001), foi criada uma essência nacional consensual para superar a época das guerras civis entre *blancos* e *colorados*, e Artigas aportou como o passado comum inclusivo.

Dentro da simbologia, o “hino a Artigas”⁷² resulta muito demonstrativo de como se tentou criar uma identidade nacional. Em um país já secular, Artigas acabou cumprindo, ao mesmo tempo, o papel de líder nacional e líder espiritual. A moralidade não era católica, mas igualada aos valores defendidos por esse “condutor do povo oriental”. O começo do hino diz:

O Pai nosso Artigas
senhor da nossa terra
que como um sol levava

⁷⁰ Essa predominou nos primeiros anos do Uruguai independente e foi elaborada pelos inimigos de Artigas, especialmente desde o governo e a intelectualidade de Buenos Aires, capital muito influente sobre a elite montevideana.

⁷¹ Chamada assim porque a simbologia se realizou erigindo monumentos no país inteiro.

⁷² Utilizado até na atualidade em atos comemorativos de datas nacionais pelas escolas públicas, particulares, o liceu militar e organizações tradicionalistas.

a liberdade atrás de si
Hoje é para os povos
o verbo da glória
para a história um gênio
para a Pátria um Deus
(Fernández Ríos, 1910)

A terceira é a “lenda vermelha”, que, segundo indica Yaffé (2001), começa na década de 1960. Aqui o líder é definido desde seu lado popular, e, segundo o autor, a historiografia da época focou nos dotes humanos do “caudilho”, caracterizado pela sua preocupação social defendendo os “mais infelizes”⁷³. Construíram um líder que se relacionava diretamente com o povo, uma espécie de herói social.

O Frente Amplio, buscando superar a divisão entre os partidos fundacionais e os de ideias, e se colocar como parte do sistema de partidos, valeu-se dessa revisão⁷⁴. Para o autor, a esquerda utilizou o *artiguismo* como pilar da sua tradição política, como legitimador dos valores e comportamentos políticos, gerando sentimento de pertencimento. Conseguiu, a partir disso, não somente se legitimar externamente como também estabelecer coerência interna e de identidade dos seus membros. A simbologia *artiguista* apareceu na bandeira⁷⁵ e em discursos como o do principal líder e fundador do partido, o General Seregni, quando, fechando o primeiro ato político, pronunciou “Padre Artigas, guia-nos”.

Finalmente, em oposição e reação à esquerda, surge a “lenda verde”, que foi o Artigas da ditadura. Neste capítulo, mostrou-se a construção desse como um líder de qualidades militares, vocação de serviço e defesa da Nação ante os estrangeiros, o “pai da família oriental”, e como se utilizou disso tudo como a base do sentimento da “*orientalidad*”.

Como apontam Ribeiro e Caetano (2015), após a ditadura, a disputa ficou na discussão entre historiadores e, somente foi retomada politicamente no ano

⁷³ “Os mais infelizes serão os mais privilegiados” é uma das frases do regulamento de terras proposto na revolução em 1915, que tratava da partilha de terras. Como “mais infelizes” nomeia os negros livres, indígenas, crioulos pobres, viúvas com filhos, entre outros.

⁷⁴ Ao tempo que utilizou essa releitura de Artigas, colocou-se como continuador de tradições revolucionárias do PN e PC.

⁷⁵ A bandeira desse partido é a do regimento liderado por Fernando Otrogúes, um dos tenentes de Artigas que não foi associado a nenhum dos partidos fundacionais, como outros tenentes.

de 2009, quando chega a esquerda ao poder. Foram incluídas algumas das frases suprimidas do mausoléu pela ditadura, como a declaração de Artigas: “Minha autoridade emana de vós e ela cessa ante vossa presença soberana”; e os artigos 18 e 3 das instruções: “O despotismo militar será persistentemente aniquilado com travas constitucionais que assegurem inviolável a soberania dos povos” e “será promovida a liberdade civil e religiosa”.

O *artiguismo* não volta a ser fortemente disputado na política até as eleições de 2019, quando surge Cabildo Abierto. Esse partido, carregado de referências e simbologias *artiguistas*, como serão apresentadas no próximo capítulo, volta a colocar em disputa, entre outras coisas, o significado das ideias do líder.

Como foi aqui apresentado, o revisionismo e a apropriação do *artiguismo* não foi unicamente uma característica das direitas, mas poder-se-ia afirmar que essas compartilham uma interpretação. As sociedades, partidos, organizações e líderes olham no passado para construir sua interpretação do presente e conseguem projetar um futuro. Por isso, como afirma Yaffe (2001), a tradição política legítima, justifica e cria sentimento de pertinência. No caso uruguaio, Artigas foi a base desses, como também da disputa pela reeleitura do passado, que permite questionar no presente a representação do “ser nacional”.

2.4 Características e ferramentas das direitas

A análise histórica aqui apresentada detectou aquilo que é orgânico nas direitas conservadoras uruguaias, isto é, aquelas características que foram comuns a todas elas. As direitas valeram-se de ferramentas para construir e projetar a sua visão de mundo, as quais aparecem diagramadas nas figuras a seguir:



Figura 1: Características orgânicas das direitas uruguaias

Fonte: Elaboração própria a partir da história das direitas uruguaias.

Todas essas direitas surgiram e se reinventaram em momentos de interregno, aproveitando as crises econômicas, buscando implementar novos modelos e se colocar como uma alternativa de representação num sistema de partidos em crise. Conseguiram isso com o apoio da mídia, de modo que os órgãos de comunicação de que são donos validam e projetam suas ideias.

Assim, mostram-se reacionárias a reformas, movimentos sociais, sindicatos e tudo o que for considerado de esquerda. Mediante um antagonismo de “nós” e “eles”, as direitas construíram um inimigo a ser combatido que permitiu a elas o alinhamento. Mediante uma linguagem bélica, o “eles” é combatido como uma ameaça ao ser nacional.

O modelo de país que defendem se baseou no mundo rural caracterizado a partir da construção de um passado mítico e de uma plenitude originária à qual se quer voltar. Isso permitiu se mostrar como defensores de uma tradição nacional que, segundo eles, os partidos políticos esqueceram.

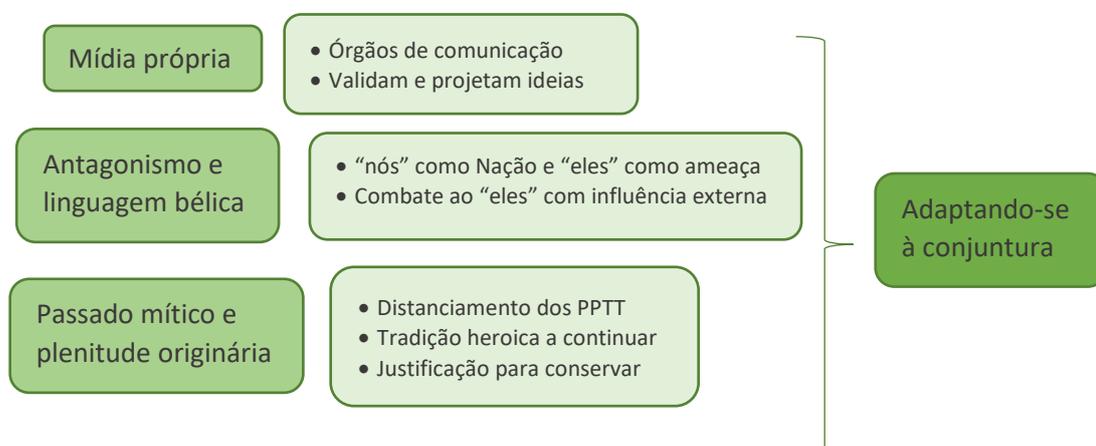


Figura 2: Ferramentas para disputar hegemonia

Fonte: Elaboração própria a partir da história das direitas uruguaias.

2.5 Conclusão parcial

Em suma, pode-se afirmar que a direita uruguaia, assim como as outras, buscou historicamente construir ou reconstruir hegemonia, aproveitando os momentos de crise ou mudança para impor sua agenda. Essa pretensão vai

além de um modelo econômico, já que, para a construção de hegemonia, é fundamental enraizar uma visão de mundo.

Como foi apresentado, o sistema de partidos uruguaio tem permitido alianças entre os partidos e também entre os setores. Assim, as agrupações do PC que buscaram disputar a hegemonia do *batllismo* formaram alianças por fora do partido, por serem mais próximas ideologicamente ao *herrerismo* ou *ruralismo*, conseguindo, assim, controlar a agenda política e crescer dentro do próprio partido.

Essas alianças mostram a capacidade das direitas de se unificar ante um inimigo comum, em que pesem às diferenças. Esses inimigos a enfrentar poderiam ser considerados como ameaças da esquerda, incluídas desde as reformas *batllistas* e os chamados partidos de ideias até os sindicatos e os movimentos estudantis.

Assim, é possível afirmar que existem elementos que se repetem em todas essas direitas, como se fossem uma herança genética. Aparecem vinculados pelas suas características e pelos membros que as compõem – já que há vínculos familiares, pessoais ou laborais –, sendo que as mudanças parecem explicar mais a conjuntura do que as direitas em si.

Para se definirem e criarem identidade própria, partem de antagonismos, nos quais o inimigo comum, apesar de estar sempre associado à esquerda e ao estrangeiro, é fabricado em função da conjuntura. Desse modo, as direitas constroem um “nós” associado ao *demos*, que é nacional e patriota, a ser defendido ante um “eles” externo, que supostamente vai destruir ou desintegrar o nacional. Dessa maneira, legitimam-se discursivamente ao se apresentarem como a única opção de combate àquilo que ameaça a todos.

Como foi apresentado, todas utilizam a fórmula do enfrentamento entre a cidade corrupta e o campo puro. Esse antagonismo é preenchido de valores tradicionais, representados no mundo rural; e os cosmopolitas, na capital, sendo esses últimos associados a interesses estrangeiros que vêm minar a soberania nacional. Ao se definirem como defensores da nacionalidade, afirmam agir por “amor ao povo”, contrariamente aos políticos, descritos como corruptos que agem por interesses próprios.

Para construir a sua identidade, as direitas também se valeram de discursos e de uma simbologia nacionalista. Várias dessas utilizaram uma

estética típica, como bandeiras ou roupas singulares – sendo a JUP o caso mais extremo, já que criou uniformes – utilizadas em passeatas ou desfiles. Em geral, essa simbologia aludia a um campo em atitude vigilante e defensiva, representando valores puros, da família, do esforço e do trabalho, elementos que, para elas, definiam a “família rural” que devia permanecer unida.

O mundo rural funcionou como microcosmo que apresentava os valores que consideram reflexo da Nação e do nacionalismo. Na visão dessas direitas, as hierarquias do mundo rural, além dos valores morais, tanto no trabalho como na família, seriam um elemento natural, onde não caberia a luta de classes desagregadora do nacional, associada à capital do país e à esquerda.

A visão de mundo da direita uruguaia, desde começo do século passado, foi construída mediante uma linguagem comum. Essa linguagem buscou ressaltar os valores que unificam os diversos setores sociais que a compõem, valendo-se dos meios de comunicação que controlava. Assim, cada grupo conseguiu transmitir um nacionalismo patriótico e conservador, com variados pontos em comum.

A linguagem utilizada era combatente e beligerante. Nos discursos e atitudes, hinos e símbolos, essas direitas utilizaram uma linguagem militar e bélica para se referir ao seu agir. A linguagem, a simbologia e os antagonismos, como elementos de construção da própria identidade, mudavam em função da ameaça contra o “ser nacional”, o estilo de vida tradicional, puro e moral.

Tudo o que se opunha à sua visão de nacionalismo era uma possível ameaça a essas direitas e, portanto, também à Nação. O *demos* que defendiam era entendido como os “verdadeiros nacionais”, e, apesar de mudar de nome segundo o tempo – “orientais”, “cidadãos de bem”, “forças vivas” –, sempre se referiu àqueles que coincidiam com os valores desses grupos.

Para defender seus valores, legitimar seu relato e disputar a hegemonia diante da esquerda, todas essas direitas se preocuparam com os âmbitos de socialização de ideias. Por isso, o antagonismo sempre se materializou, de certa forma, nos movimentos estudantis e nos professores da educação pública, acusados de pretender impor o marxismo às juventudes. Nessa acusação, também eram incluídos os sindicatos, que eram apontados como incitadores da fratura social e causadores dos problemas econômicos. Segundo eles, tanto os primeiros quanto os segundos queriam impor um modelo estrangeiro.

Contudo, poder-se-ia afirmar que estudantes organizados, professores e sindicatos eram os principais grupos sociais que lhes impediam de se legitimar como os representantes “do povo”, já que se encontravam constantemente mobilizados e impediam que as direitas socializassem suas ideias. Por isso, uma vez que a disputa por esses espaços não foi frutífera para a direita, essa se apoiou cada vez mais no governo e nos meios de imprensa dos quais era proprietária.

O elemento central que dá organicidade às direitas e funciona como aglutinador é o *artiguismo*. Esse, que foi um objeto de disputa, surge das diferentes reinterpretações das ideias e ações do líder da independência Artigas. Os diferentes grupos se valeram das reinterpretações históricas que realizaram os intelectuais e as incorporaram à simbologia, aos discursos e às agendas.

Artigas resultava útil para os setores, novos partidos ou grupos que buscavam se distanciar dos partidos históricos e, ao mesmo tempo, criar uma tradição nacional própria. Esse líder antecede a formação dos partidos “fundadores”, que conseguiram associar a história nacional à sua. Ao possuir uma tradição própria baseada no revisionismo, permitia às direitas justificar sua existência como a continuação da luta do líder por um modelo de país. Assim sendo, líderes se comparavam com Artigas por defenderem as ideias nacionais – as do mundo rural – diante das estrangeiras, que seriam impostas desde a capital, assim como por serem traídos pelas oligarquias e os políticos.

Uma utilização fundamental do *artiguismo* é a que permite a essas direitas configurar sua ideia de Nação e de nacionalismo. Esses grupos se apresentam como os continuadores das ideias de quem chamam “pai da Nação”, portanto, quem se lhes opõe seria um traidor da pátria. Como foi visto, esse ponto foi interpretado pelas direitas com maior ou menor radicalismo e violência.

Utilizando as mistificações do passado heroico e considerando que várias batalhas pela independência aconteceram no mundo rural, reforça-se a mistificação de nacionalismo do mundo rural. Dessa forma, mediante o revisionismo *artiguista*, do qual as direitas também se valeram, colocaram o campo como locus natural do “ser nacional”, e o que se opunha era, em contrapartida, “não nacional”.

Uma característica dessas direitas, que neste trabalho não é desenvolvido, é seu vínculo com a religião. Inclusive, sendo o Uruguai um país

fortemente secular, grande parte da reação diz vir a resgatar valores cristãos supostamente ameaçados. Esta dissertação não aborda esse ponto, mas cabe mencionar que uma das principais figuras impulsionadoras da secularização foi José Batlle y Ordoñez, gerando uma grande onda de reação conservadora.

Assim como as características e ferramentas apresentadas nas figuras permanecem, as direitas conseguem se adaptar para ganhar eleições e disputar hegemonia nos momentos de crise. Desse modo, elas se mantêm, dentro e fora do sistema de partidos, adaptadas à conjuntura, mas sempre apontando a conservar e em oposição à esquerda.

No próximo capítulo, busca-se avaliar os elementos orgânicos que definem as direitas uruguaias em relação ao novo partido uruguaio, *Cabildo Abierto*, observando que esse surge num momento de crise econômica pela baixa de preço das *commodities* e de realinhamento dos partidos políticos que perdem sentimento de pertencimento e modificam suas lideranças.

Ao mesmo tempo que um partido de esquerda no governo instaurava a chamada agenda de direitos, a segurança se estabelecia como assunto da agenda política e a confiança nas Forças Armadas ultrapassava a dos partidos. Nesse momento, grupos que se consideravam ameaçados pelas mudanças apoiadas pelo sistema político, especialmente desde o governo, conseguem, em 2019, reagir unificados nas eleições nacionais.

3. CABILDO ABIERTO

O presente capítulo pretende apresentar o novo partido, *Cabildo Abierto*, especialmente desde a visão de seus fundadores e de seus documentos oficiais. Assim, a primeira seção aborda o contexto em que surge o partido, dando lugar às seções que o apresentam, a partir de sua estrutura e motivações, para ingressar no sistema de partidos.

Desse modo, a primeira seção aborda o surgimento do partido, apresentando dados do momento histórico, seguidos de uma subseção ressaltando a visão dos fundadores e os motivos de criação do mesmo. A segunda seção, mediante uma análise documental, pretende encontrar aqueles elementos orgânicos das direitas no partido *Cabildo Abierto*.

A análise documental continua na terceira seção, onde também aparecem as ferramentas que o partido utiliza para construir hegemonia. Um elemento fundamental abordado na primeira subseção é a construção do nacionalismo, aqui chamado de conservador *artiguista*. Já a segunda subseção aborda os valores que derivam da releitura apresentada anteriormente. Finalmente, a quarta seção apresenta o que é novo em Cabildo Abierto, dando passo à última seção, de fechamento do capítulo.

3.1 Construção do partido

Esta seção apresenta duas subseções que abordam a construção do partido. Essas mostram como ele surge, no momento de mudanças no sistema político e de queda na opinião pública sobre a confiança e relação da população com os partidos. A segunda subseção apresenta a visão dos fundadores do partido Cabildo Abierto.

3.1.1 Contextualizando a construção do partido

O partido Cabildo Abierto nasce no que poderia se chamar de interregno, a poucos meses das eleições de 2019. Essa irrupção surpreendeu, uma vez que a democracia uruguaia é definida pela academia como uma velha democracia, na qual os partidos políticos são o centro. A narrativa da centralidade dos partidos na história política uruguaia é tão forte que chegou a igualar a história desses com a da própria nação⁷⁶. Inclusive, ditava que o bipartidarismo deveria ser entendido como o único sistema de partidos possível, associando-se aos partidos com a identidade nacional⁷⁷. No cenário atual, essa construção está sendo questionada.

Organismos de medição da opinião pública, como Latinobarômetro (2018), mostram que o Uruguai, apesar de ser um dos países com maior índice de apoio à democracia, viu esse índice cair de 70,0%, em 2017, para 61,0%, em 2018, percentual da população que prefere essa forma de governo.

Outra das características consideradas típicas do Uruguai e que começa a mudar no cenário atual é a relação da população com os partidos políticos. Segundo a base de dados *online* do Latinobarômetro (2020), a confiança que os

⁷⁶ Esse debate aparece em Pivel Devoto (1942) e em Demasi (2008).

⁷⁷ Esse debate aparece em Caetano; Rilla; Pérez (1987).

uruguayos apresentam é mais alta que na América Latina em geral. Uma vez que, para o continente, registram-se 13,6% de confiança, no país, 34,5% de pessoas manifestam confiar nos partidos, representando um aumento, já que, em 2018, somente 21,8% expressaram esse nível de confiança.

Sobre os partidos, resulta importante observar sua principal função, a de articulação de interesses e representação⁷⁸. Nesse caso, segundo registrado pela mesma base de dados, o país passou de 72,6% de pessoas que responderam se sentir próximas a algum partido em 2015, a somente 59,2% em 2020. Isso também alerta, no cenário político atual, para a mudança nos sistemas partidários e, como apresentam alguns autores citados no capítulo teórico, para o aparecimento de partidos ou líderes críticos da política.

Uma característica da América Latina é ser considerada uma região muito desigual e violenta, conforme os relatórios de desigualdade da CEPAL (2016) e o informe de violência do Banco Mundial (2018). Também é considerada uma região com altos índices de percepção da corrupção, segundo a base de dados *Transparency International*.

Durante a década passada, o Uruguai apresentou cifras que o fizeram ser considerado um país menos desigual que seus vizinhos. Isso é constatado pelo índice Gini, uma vez que o continente registra um índice de 0.462, enquanto o Uruguai registrava 0.391 em 2018, de acordo com a base de dados da Cepal.

Como mostrado pelo informe de 2018 do Banco Mundial, a região latino-americana, apesar de representar somente 8% da população mundial, é aquela onde ocorrem 37% dos homicídios do planeta, sendo que 8 dos 10 países mais violentos do mundo encontram-se nela, assim como 42 das 50 cidades mais violentas. O caso de estudo não é um desses países, visto que o mesmo informe mostra o Uruguai como um dos poucos do continente que registra menos de 10 mortes violentas a cada 100 mil habitantes.

Segundo a organização *Transparency International*, o Uruguai encontra-se entre os melhores países quanto à percepção das boas práticas de transparência e de combate à corrupção, ao ocupar, na medição do ano 2020, o lugar 21 dos 180 estudados pela organização no *corruption perception index*⁷⁹.

⁷⁸ Segundo a linha de Lipset e Rokkan (1967).

⁷⁹ É um índice composto que combina 13 *surveys* e avaliações de corrupção, coletados por uma variedade de instituições. Tradução da autora, a partir do *site* oficial.

O posicionamento em relação a esse índice é o melhor no contexto latino-americano, ficando somente atrás do Canadá, se consideradas todas as Américas.

À luz desses dados, o Uruguai parece não se encaixar nos padrões nos quais se enxerga a região latino-americana, visto que apresenta baixos índices de desigualdade e de violência, e bons índices na percepção de corrupção. A partir desses dados, poder-se-ia dizer que a percepção do país é de transparência, de uma certa tendência à segurança e de um certo igualitarismo, se comparado com o continente do qual faz parte.

Alguns dados apresentados até aqui, como o do atual contexto de queda no apoio à democracia e o baixo sentimento de pertencimento aos partidos junto com o valor alto dado ao tema da segurança, fazem com que o caso uruguaio possa ser considerado dentro dos estudos das direitas emergentes.

Nesse contexto, surge *Cabildo Abierto* (CA), o mais novo partido uruguaio, formado oficialmente em março de 2019, a partir do Movimento Social Artiguista (MSA), fundado um ano antes. Isso porque, quando o MAS é apresentado na Corte Eleitoral, buscando disputar as eleições, o nome não é aceito porque a legislação uruguaia não admite que partidos tenham nomes derivados de Artigas, por ser um valor comum.

Ao tomar o nome de *Cabildo Abierto*, resgatou fortemente o legado hispanista e *artiguista*. Como foi apresentado no capítulo anterior, os *cabildos* são associados com o legado ao mesmo tempo colonial e *artiguista*, de reunião entre representantes e representados. Cabe lembrar que essa modalidade também foi adotada pelo *ruralismo*, para se expandir em todos os pontos do país, o que resulta relevante, uma vez que CA tem esse setor entre suas referências.

Nesse momento, o MSA passou a constituir o principal setor do partido, cujos principais dirigentes coincidem com os membros fundadores do partido ou os líderes mais fortes. Por esse motivo, tanto CA quanto MSA podem ser estudados em conjunto para compreender os principais delineamentos dessa direita reinventada.

Esse partido, com somente nove meses de criação, conseguiu 10% dos votos na primeira rodada da eleição nacional. Dessa forma, colocou-se como a quarta força política, obtendo uma votação similar à do histórico Partido Colorado (12%). A partir desse resultado, CA conseguiu três senadores e onze deputados,

e, mediante sua incorporação à “*coalición multicolor*”⁸⁰, conseguiu ocupar o Ministério de Saúde e o de Moradia, no Poder Executivo.

Cabe destacar que essa coligação foi criada após o primeiro turno entre os partidos opositores ao governista Frente Amplio. Assim, “Partido Nacional”, “Partido Colorado”, “Cabildo Abierto”, “Partido Independiente” e “Partido Ecologista Radical Intransigente” (em ordem de votação) disputaram e ganharam a segunda roda eleitoral, com uma apertada margem⁸¹.

Segundo o jornal La Diaria, na edição de 4 de abril de 2020, o MSA começou em 2018 entre o geógrafo e jornalista de La Mañana, Marcos Methol, filho de Alberto Methol Ferré⁸²; o notário e advogado Guillermo Domenech, filho de Gervásio Domenech; e o proprietário rural e ex-líder da JUP, Hugo Manini Ríos.

Segundo relatou o geógrafo para o jornal La Diaria de 4 de abril de 2020, a fundação de MSA “não se pensou como uma estrutura partidária, senão algo que nascia como um movimento; eram espaços dispersos que começaram a se juntar” (Methol, 2020). Na mesma entrevista, Methol pontua que foi a partir da “grande adesão” que o movimento recebeu que os fundadores decidiram se constituir em partido. No estatuto fundacional, esse se apresenta como uma organização política e social formada por filiados e simpatizantes cuja finalidade era participar de todos os níveis de governo.

O artigo da redação do jornal La Mañana do dia 16 de outubro de 2019 explica o nascimento do MSA: “não era nem uma excisão nem aliança de partidos, nem sequer coalizão de setores ou dirigentes com trajetória partidária”. O mesmo continua opondo os *cabildantes* com outros políticos, uma vez que define os primeiros como “pessoas comuns, de diferentes localidades, em geral daquelas áreas mais esquecidas pelo Estado, pelo mercado e os governantes”⁸³.

⁸⁰ Cumpre destacar que essa coligação foi amplamente debatida porque alguns membros do PN ou PC, inclusive sendo definidos como “de direita”, consideravam Cabildo Abierto um partido radical e muito novo.

⁸¹ Segundo os dados da Corte Eleitoral, a coalizão ganhadora obteve 1.189.313 votos enquanto o Frente Amplio obteve 1.152.271.

⁸² Alberto Methol Ferré, filósofo, teólogo, ensaísta, professor e historiador nascido em 1929, começa sua militância política em 1944, no Partido Nacional, passando pelo movimento ruralista, pelo partido de esquerda Unión Popular que unia socialistas e um nacionalista, e, em 1971, participa da fundação do Frente Amplio. Em 2009, apoia a candidatura do Mujica e falece antes da tomada de posse.

⁸³ Tradução da autora a partir do La Mañana, 6 de outubro de 2019.

Na próxima seção, serão abordados os líderes fundadores do movimento, os quais têm vínculos político-partidários, organizacionais e/ou formam parte das chamadas famílias políticas uruguaias. Apesar disso, como é percebido nos discursos dos líderes ou no jornal, os líderes se consideram sem trajetória política e enfatizam a capacidade de união de “pessoas comuns” de lugares “esquecidos”. Essas afirmações apareceram repetidas vezes e serão abordadas no decorrer do capítulo atual e do seguinte.

La Mañana, na mesma publicação, pontua que o CA deve ser pensado como uma corrente de pensamento e de ação. O jornal da família Manini Ríos e dirigido por Marcos Methol também afirma que entender esse partido “exige repensar o *batllismo*, o *herrerismo* e o *ruralismo*, entre outras coisas”. Dessa maneira, esse órgão de comunicação busca ressaltar o papel continuador de velhas tradições políticas supostamente abandonadas pelos partidos, que deveriam representá-las na atualidade.

Segundo o artigo do jornal El Observador, sobre a volta de La Mañana em julho de 2019⁸⁴, as linhas editoriais que Methol indica são os valores da Igreja Católica, procurando combater a “propaganda anticatólica” da mídia nacional, incentivar a conformação da família segundo a linha do Papa e, finalmente, a de um “Uruguai produtivo de verdade”. Como aparece no capítulo 1 e no subcapítulo 2.1, essas linhas editoriais representam os valores e ideias das direitas conservadoras, que, como será apresentado nas próximas seções, correspondem aos valores do partido CA.

Em entrevista ao semanário Voces, em julho de 2020, Methol atesta que o jornal não surge como porta-voz do partido, mas sim “de uma filosofia, de um pensamento, que coincide com o de Cabildo Abierto” e que vem a dar voz a “um pensamento *artiguista*, nacional, que enfatiza muito o interior do país, a produção, uma forma de pensar a cultura”. Essa coincidência mostra a importância da escolha desse jornal como fonte explicativa de elementos ideológicos do partido.

Ante o aqui apresentado, é possível afirmar que MSA e CA podem ser vistos em conjunto para compreender os elementos originários da visão de mundo que aglutina essa direita. Isso porque, ambos compartilham fundadores,

⁸⁴ La Mañana foi fundado por Manini Ríos e se manteve como propriedade da família até 2001; sete anos depois, volta à família ao ser comprada por Hugo Manini Ríos.

princípios, valores e a cosmovisão originada no que aqui vai ser chamado de nacionalismo conservador *artiguista*.

Como o partido aqui estudado conseguiu se estender pelo país inteiro, apareceu não somente como quarta força, como marcou presença em todos os níveis de governo. Uma característica da sua campanha que mantém também na atualidade é que, mediante contínuas reuniões políticas – que chamam *cabildos* – mobilizou e uniu o eleitorado que se encontrava disperso tanto nos partidos quanto no território, chegando especialmente às localidades mais afastadas.

Como foi dito, esse partido surge no momento de interregno, disputando o poder e pretendendo criar hegemonia. E, como foi apresentado, os dados mostram uma queda na confiança na democracia e no apoio aos partidos no Uruguai. Nesse contexto, o CA exaltou esse clima, apresentando-se como novo e diferenciado dos partidos e do *establishment* político.

Ao mesmo tempo, no momento de declínio do apoio à democracia e desgaste do governo de esquerda, após quinze anos no governo nacional, irrompe como as anteriores direitas. Isto é, como uma reação conservadora, anti-*establishment*, antipolítica, apresentando-se simultaneamente como nova e como continuadora das velhas tradições nacionais julgadas como perdidas. Assim, constrói um antagonista composto pela esquerda, parte das instituições de justiça e educativas, os feminismos, entre outros, como será apresentado no decorrer do capítulo e aprofundado no seguinte.

Os *cabildantes*, ao se apresentarem distanciados dos partidos por se considerarem *outsiders*, evitam expor sua trajetória política prévia, ao tempo que constroem uma narrativa própria do surgimento do partido e de suas motivações para competir politicamente. Assim, partido e líderes, com ferramentas outrora utilizadas pelas direitas uruguaias, constroem e transmitem sua cosmovisão como inovadora e respeitosa da essência do povo.

Como esse partido aparece reagindo às reformas, especialmente à agenda de direitos, busca, mediante sua visão de mundo, disputar um lugar não somente no cenário político eleitoral, como também de representante social e cultural dos, segundo ele, esquecidos. Assim, os *cabildantes* construíram sua imagem como os representantes do tradicional, do nacional, do conservador,

ancorados nas famílias rurais e periféricas supostamente prejudicadas pelo avanço da globalização e da esquerda.

Como exposto no capítulo teórico, essa direita poderia ser entendida como a unificação de uma burguesia que perdeu representação nos partidos políticos tradicionais. Essa nova representação é realizada sem perder vínculos com as classes populares que os elegeram. Assim como as outras direitas, o CA pretende se mostrar como o representante de todas as ideias, especialmente daquelas que definem o “ser nacional”. Esse aspecto será abordado nas seções 3.2 e 3.3.

Uma vez que conquistam cadeiras no Poder Legislativo e posições estratégicas no Poder Executivo, os *cabildantes* vão conseguir disputar a hegemonia desde “dentro” do Estado. Assim, apesar de contarem com passado político-partidário ou nas Forças Armadas e, atualmente, formarem parte da instituição que monopoliza a violência física e simbólica, continuam se apresentando como *outsiders* e *anti-establishment*.

Finalmente, poder-se-ia utilizar a subdivisão e tipologia *sartoriana* de frações de partidos⁸⁵ para explicar alguns aspectos de CA. A estrutura é organizada, a motivação é a repartição do poder, sobretudo buscando a promoção de ideias. Conta com uma atitude ideológica precisa, de posição de direita, apesar de se apresentar como superador do eixo esquerda e direita e se autodefinir *artiguista*. Finalmente, a composição de facção e partido é personalista e com papel político de apoio e de veto, especialmente desde que forma parte da coalizão de governo. Isso surge do apresentado nas seções a seguir.

3.1.2 A visão dos fundadores

Os três fundadores do movimento têm trajetórias políticas diferentes, mas entrelaçadas. A família Manini Ríos, como foi apresentado no capítulo anterior, é *colorada* de tradição *riverista*; já Domenech era integrante, como seu pai, do Partido Nacional do setor *herrerista*; Methol, assim como seu pai, teve participação no PN e apoiou a candidatura Mujica. O passado político dos fundadores diz sobre a formação e ideologia do partido.

⁸⁵ Observando-se os dados compilados por esta pesquisa sobre o “Movimiento Social Artiguista”.

Hugo Manini Ríos, apesar de ser fundador, possuir vínculos familiares – irmão do principal líder do partido e sua esposa sendo da família Methol –, empresariais, com o jornal La Mañana e com Domenech sendo seu notário, não toma parte do partido desde o ato fundacional.

Em entrevista para o seminário Voces, em 6 de novembro, Hugo Manini responde que sua ideologia busca “conciliar o nacional, a justiça e o popular” e “esses três ingredientes têm que estar em todo movimento político, e nunca os encontrei em forma definitiva”. E culmina: “meu pai me criou com certa desconfiança de tudo o que for *establishment*”. O pai, Alberto, participou como advogado e político na redação da Constituição *terrista*; apesar de ter pertencido ao *riverismo*, participou do setor independente UDR, do qual foi o único candidato a ser eleito deputado em 1958.

Sobre a JUP, organização que cofundou e liderou, expõe que, para ele, tinha “a capacidade de nuclear idealistas e juventude, que nada tinha a ver com preconizar uma fratura institucional”. Relembra que essa tinha uma base de pensamento clara, “Nós estávamos amparados no famoso ‘Movimiento Popular Ruralista’, cuja madrinha era Olga Clérici de Nardone”.

Essa afirmação se corresponde com a vinculação dos movimentos, organizações e partidos de direita apresentada no capítulo anterior. Nas suas próprias palavras, esse fundador reconhece o *ruralismo* como base do seu pensamento e da organização que liderava no passado.

Na mesma entrevista, Hugo, respondendo sobre sua visão do nacionalismo, diz que “é pensar na nossa gente e o nosso está primeiro que qualquer outro grupo humano no mundo”. Para ele, os uruguaios pertencem “a uma cultura mediterrânea, somos um povo híbrido, mestiço”. Culmina citando Vasconcelos e Methol Ferré como as bases do que entende por nacionalismo, a “Patria Grande”, que, para ele, é “um grupo de Nações em busca de uma pátria”.

Apesar de a JUP ter sido dissolvida e se afastado do atual partido, Hugo Manini Ríos continua sendo uma figura que intervém no político, mas não desde o partidário. Esse se destaca nos debates de cunho intelectual, como a reinterpretação do pensamento *rodoniano* e no jornalismo, a partir do qual consegue colocar assuntos em agenda.

Em suma, Hugo Manini Ríos apresenta uma síntese da base ideológica de que esse grupo se constitui. Menciona Artigas como líder que construiu a

“Patria Grande” e Vasconcelos⁸⁶, Rodó e Methol Ferré como os intelectuais que o definiram. Rememora, ainda, Nardone e sua esposa. Essa mistura de pensamento é a que molda esse fundador, e, poder-se-ia afirmar que todos têm em comum o olhar rural, com diferentes ênfases de nacionalismo e a reivindicação de uma América hispano.

A figura de Hugo mostra também uma característica da política uruguaia, a “família política”. Como apontado no capítulo anterior, Manini Ríos é uma das mais velhas famílias políticas no Uruguai, que, inclusive, não tendo a notoriedade de outras – como as dos Herrera ou Bordaberry –, sempre formou parte dos grupos conservadores. Também permite vislumbrar a importância dos laços familiares e empresariais existentes entre os membros das direitas, assim como a sua vinculação direta com o mundo rural como proprietários.

Marcos Methol Sastre é geógrafo pela UdelaR e formado em Direito pela Universidad de Montevideo⁸⁷, onde também trabalhou no acervo do seu pai. No artigo que Methol publicou na revista eXtramuros, em 12 de setembro de 2020, define seu pai como “um filósofo que se preocupou em entender a história e a geopolítica da América Latina”⁸⁸.

Methol Sastre, além de ser fundador e senador suplente de MSA, é redator responsável do jornal da família Manini Ríos. Esse jornal, segundo ele, tem princípios e valores que coincidem com os do partido aqui estudado, mas não funciona como órgão de propaganda. De qualquer forma, auxilia na difusão e validação de ideias e interpretações que, sendo similares às do partido, são úteis como ferramenta na guerra cultural, favorecendo a visão de mundo de CA.

No artigo antes citado, Methol indica o surgimento de MSA quando, a seu ver, o Frente Amplio optou por “impor” uma “agenda globalista e um caminho de confronto com as Forças Armadas”, e os partidos tradicionais não tinham nem capacidade eleitoral “nem a força moral para contestar o discurso hegemônico”.

⁸⁶ Resulta interessante a escolha de Vasconcelos, uma vez que esse, na sua visita ao Uruguai, comentou, sobre a sociedade, que de todos os povos da América do Sul, o Uruguai é o que “menos parece conosco”. Definiu a raça como “pura” e quase exclusivamente branca, com intelectuais “afrancesados” e sem espírito latino-americano; criticou os latifúndios e o militarismo. Provavelmente, a releitura resgatada do mexicano por esse grupo é a crítica de alguns aspectos do *batllismo*.

⁸⁷ UM é uma Universidade que se define como cristã, do *Opus Dei* e inspirada nos valores de “trabalho bem feito, espírito de serviço, amor à liberdade e promoção da família”. É interessante, uma vez que coincide com vários elementos aqui estudados.

⁸⁸ Tradução da autora a partir de Methol, 6 de setembro de 2020.

Essa autopercepção coincide com a observação desta pesquisa de direita reinventada, que surge durante o interregno e no objetivo de busca de disputa hegemônica.

Na carta aberta escrita no jornal *La Mañana* e dirigida a Pedro Bordaberry após criticar a CA, Methol afirmou que o que os membros de MAS têm em comum é o “artiguismo social, que viam se extinguir ou ao menos diminuir nos três partidos majoritários”. E continua afirmando que não os uniu “ir contra ninguém nem copiar uma onda política de outro país, mas o sentido de pertencimento a uma corrente de ação e de ideias muito arraigada no DNA dos uruguaios”⁸⁹.

Assim, o MSA se organiza, para Methol, com gente de origens diferentes que define como muitos civis e militares, desencantados e integrantes do movimento *Un Solo Uruguay*⁹⁰. Essa organização, para Methol, veiculou “o esquecimento do país produtivo e da ruralidade”.

Na mesma carta, Methol considera que receberam críticas e questionamentos dos três principais partidos, “(...) desde a esquerda que nos acusava de ‘ultradireitistas’, como de *colorados* e *blancos*, que viam uma ‘intervenção *frenteamplista*’⁹¹ destinada a dividir os partidos tradicionais”. Dessa maneira, Methol mostra um partido por fora do eixo esquerda e direita, bem como rechaçado no sistema de partidos, inclusive formando parte da coalizão de governo.

Methol assegura que, mesmo Guido não participando na fundação do MAS, foi um dos inspiradores “desde o doutrinário”. Também traz a interpretação que Guido Manini Ríos realiza sobre o ideário *artiguista*, que resume como baseado em três elementos essenciais: soberania particular dos povos, opção preferencial pelos pobres e a inclusão social. Além disso, entende que a participação popular deve ser ativa nos Cabildos e não do “modo liberal”.

Esse fundador aporta uma nova forma de entender o surgimento do MAS, assim como as bases programáticas que o definem. No artigo aqui citado,

⁸⁹ Tradução da autora a partir de Methol, 22 dezembro 2021.

⁹⁰ Movimento que começou em janeiro de 2018, no centro do país, onde produtores rurais se reuniram com bandeiras nacionais, roupa e música folclórica, reivindicando Artigas, o nacionalismo e criticando os políticos, especialmente os do governo, os que acusam de não ajudar no campo que, para eles, é o “motor do país”.

⁹¹ Frenteamplistas é a forma de chamar os políticos ou militantes do Frente Amplo.

ressalta que, na interpretação de Guido sobre o *artiguismo*, vislumbra a influência *metholiana*⁹² e *rodoniana* da base ao partido. Na seguinte seção, será abordada brevemente a interpretação do *artiguismo* que esse partido faz.

Em suma, a explicação do contexto político e o surgimento do MSA reforça a ideia de que esse surge como uma reação que vem a disputar a hegemonia. Methol também apresenta as influências ideológicas do movimento, que coincidem com parte das direitas do passado. Esse fundador demonstra como os partidos tradicionais não conseguiriam disputar as brechas que aparecem no momento histórico. O MSA buscou unificar os descontentes, colocando-se como uma opção que reúne e defende os supostamente abandonados ou esquecidos.

Guillermo Domenech, em entrevista para o programa radial *En Perspectiva*, do dia 14 de março de 2019, também reconheceu a influência do pensamento de Methol Ferré, especialmente o da integração hispano-americana. Em relação a isso, afirma que “somos [os uruguaios] muito diferentes dos argentinos, chilenos, peruanos e temos esquecido que temos um passado comum, que fomos um Estado só”⁹³. Reconhece que esse é um dos assuntos mais importantes para o MSA, mas entende que, atualmente, o Uruguai tem outros problemas mais urgentes.

Sobre a candidatura de Manini Ríos, afirma que não tinham pensado nele como candidato, mas que o buscaram após a aposentadoria do militar. Na mesma entrevista, conta que consideram que o ex-militar tem integridade moral e capacidade de condução demonstradas na gerência do exército, afirmando que, na atualidade, ele se tornou uma personalidade relevante.

Domenech também revela que os líderes do movimento não debateram se iam se constituir como oposição ao governo, mas considera que, como partido, conseguiriam capturar uma fuga de votos tanto dos partidos opositores quanto dos desencantados com o Frente Amplio. Afirma isso recordando o passado político dos integrantes do partido, o que permitiria a confluência de votantes de todos os partidos.

⁹² Cabe destacar que Guido Manini Ríos foi aluno de Alberto Methol quando se formou como historiador.

⁹³ Tradução da autora a partir de entrevista a Domenech, de 14 de março de 2019.

Sobre La Mañana, o advogado afirma que, mesmo sendo um projeto independente, considera positiva a coincidência no tempo do relançamento do jornal. Em relação a isso, confessa que espera ter boa recepção por parte desse meio de comunicação, que demonstra apresentar ideias afins, especialmente com a presença de Marcos Methol. Essas afirmações coincidem com as observações sobre o rol do jornal na guerra cultural.

Apesar das trajetórias diferentes, os políticos se uniram pelo que Domenech define como coincidência na “concepção cristã da vida”. Vincula essa cosmovisão com o *artiguismo*. Em entrevista para La Diaria, no dia 4 de abril de 2020, afirmou: “Artigas era um indivíduo que tinha a mesma formação e a mesma cosmovisão que nós”, isso porque considera que o líder “não era um católico praticante, mas era um indivíduo crente formado com os franciscanos, tinha a preocupação tradicional da igreja pelos mais desvalidos”⁹⁴.

A partir dessa definição, tanto o movimento como posteriormente o partido constroem sua base, apresentando-se como os continuadores de uma tradição *artiguista* associada ao cristianismo. A identidade desse grupo será trabalhada com mais detalhe na seção “Nacionalismo conservador *artiguista*”.

Em suma, Domenech reforça a definição da cosmovisão apresentada pelos outros fundadores. Também coincide com o relato da formação do grupo na disputa pela hegemonia para além da competição eleitoral, pregando a visão de mundo que buscam defender.

Outro ponto comum dos fundadores é que possuem vínculos com grupos de ideias. Os três fundadores do partido formaram parte da Sociedade Rodoniana fundada em 2009 e presidida até 2017 por Hugo Manini Ríos. Essa se autodefine, no seu site oficial, como uma associação civil que busca promover e debater as ideias de José Enrique Rodó⁹⁵.

La Mañana, do dia 15 julho de 2021, cita as palavras de Hugo Manini Ríos na ocasião de homenagem a Rodó. Esse caracteriza o momento atual como de “queda cultural que prontamente é mais perigosa que a pandemia”. Essa crise, segundo ele, afeta “aos jovens, porque há uma diminuição na crença dos

⁹⁴ Tradução da autora, a partir de La diária, de 4 de abril de 2020.

⁹⁵ Rodó foi um representante do latino-americanismo, atualmente bastante questionado e apartado dos autores estudados no sistema educativo uruguaio, cujo pensamento foi, em parte, apropriado pelas históricas direitas conservadoras do Uruguai.

valores, dos princípios”. Para ele, Rodó “renasce”, porque busca melhorar o ser humano e, “se nós queremos como América Latina superar a outra América, temos que demonstrá-lo com nossa superioridade espiritual, coisa que lamentavelmente não há sucedido nestes anos”.

Essa análise do momento atual tem seu correlato nas apresentadas pelos fundadores e serão resgatadas pelo partido como instituição. Ao mesmo tempo, o vínculo desse grupo com Rodó é ressaltado pela história desde o jornal da família Manini Ríos, uma vez que esse intelectual iria ser o primeiro diretor do jornal, no contexto de oposição ao *batllismo*, segundo Hugo Manini Ríos no semanário Voces, em 6 de novembro.

Integrar essa sociedade revisionista e possuir órgãos de comunicação são simultaneamente parte das ferramentas de construção de hegemonia apresentadas pelas velhas e novas direitas e elementos unificadores desse grupo. A partir disso, essa direita pareceria ter uma base de pensamento sólida, pelo menos se observado o revisionismo desses três fundadores, e será tarefa do seguinte capítulo avaliar se o mesmo se verifica com os líderes.

A diversidade na trajetória política dos fundadores resulta importante não somente pela disparidade de pensamento, mas por esse parecer convergir com as do seu eleitorado. Os dados levantados pela empresa de opinião Pública Cifra (2019) indicam que 21% dos eleitores de CA votaram nas eleições anteriores no PC; 38% tinham votado no atual partido de governo, PN, e 24% no FA.

Outro elemento interessante desvelado nessa mesma base de dados é que o eleitorado de CA é principalmente autoidentificado como sendo de direita, uma vez que 59% se identificam dessa maneira e 39% com o centro, segundo os dados apresentados pela empresa Cifra, no informe antes citado. Isso é uma curiosidade no Uruguai, já que, como foi apresentado, desde a década de 1990 a direita estava perdendo legitimidade.

Ao analisar os locais onde o partido obteve maior votação, no mapa interativo do jornal El Observador sobre as eleições nacionais, pode-se compreender melhor o perfil da representação do partido. Destacam-se as áreas rurais na fronteira com o Brasil: Artigas, Rivera, Cerro Largo, Treinta y Tres e Rocha, onde o partido foi o terceiro mais votado, obtendo, em algumas localidades, mais votos que os tradicionais. Fora da área fronteira, o fenômeno ocorre em Tacuarembó, Durazno e Maldonado.

Analisando a capital do país – que tem maior peso eleitoral pela quantidade de habitantes –, em todos os bairros o FA foi o partido mais votado e CA aparece como a terceira força (somente ganhando do Partido Colorado) no oeste da capital, área periférica, mostrando um viés que a priori pode se chamar de rural e popular.

Visto isso, pareceria que, assim como as direitas históricas uruguaias, o partido conseguiu unificar a direita dispersa no mundo rural. Para isso, valeu-se dos princípios e valores essenciais dessa posição, assim como das ferramentas que lhe permitem produzir e transmitir sua visão de mundo.

3.2 O orgânico das diretas no partido

Como foi abordado no capítulo anterior, existem características orgânicas das direitas uruguaias. Assim, esta seção se propõe a verificar, a partir dos documentos do novo partido, quais daquelas características orgânicas apresenta. A continuação se realiza com uma análise similar em relação aos princípios e valores que *Cabildo Abierto* alega como base.

Uma das características apresentadas é a luta pela hegemonia, visível nas falas antes apresentadas, nas quais os fundadores afirmam defender sua visão de mundo. Essa cosmovisão compartilhada pelo grupo que compõe o partido pode ser definida como nacional, conservadora, tradicionalista e de defesa da ordem, que se nutre de uma releitura própria do *artiguismo* e tem no mundo rural o modelo social de referência.

Os resultados eleitorais favoráveis nas áreas rurais e fronteiriças, assim como na periferia da capital, demonstram os locais onde o partido disputa a hegemonia. Essas são as áreas que aparecem referenciadas no caráter nacional do partido e supostamente esquecidas pelos políticos, especialmente os do governo anterior. Em relação à área geográfica, deve ser considerada a proximidade ideológica – já que a direita tradicional tem fortaleza eleitoral –, a proximidade e influência do Brasil e a presença de igrejas evangélicas. Mesmo os eleitores não sendo o foco do trabalho, essa divisão geográfica ajuda a compreensão do *demos* a que o partido se refere e defende.

Coincidindo com o apresentado no capítulo anterior, esse grupo tem um forte componente de reação. Assim como as direitas anteriores, *Cabildo Abierto* reage ante as reformas que o governo de esquerda realizou, especialmente à

visão do passado da ditadura, às políticas de justiça transicional e ao avanço da “agenda de direitos”. Entendem que essas mudanças são uma ameaça direta à sua forma de entender o mundo, que, segundo eles, é o dos orientais no seu conjunto.

Sem embargo, segundo Methol, essa não é uma direita reacionária para conservar. Assim afirma na entrevista antes citada, para o semanário Voces: “Muitos erraram quando pensaram que ‘Cabildo Abierto’ era uma espécie de monstro restaurador. ‘Cabildo Abierto’ não é nem antiglobalização nem antimodernidade”.

De todos os modos, apesar dessa afirmação, no correr do presente capítulo e do seguinte, poderá ser visto como muitas das pautas de CA são opostas às mudanças realizadas nos governos do Frente Amplio. Também tendem a ser críticos à suposta ameaça que organizações globais significam na soberania nacional.

A relação com a justiça transicional pode ser vista, em um começo, como a maneira que Manini Ríos chega à política. Esse líder ingressa na política de forma polêmica, criticando o agir do Poder Judiciário e do presidente da época, Tabaré Vazquez. Esses aspectos serão abordados em profundidade no próximo capítulo, mas resultam de interesse, já que Guido Manini Ríos foi mencionado por alguns dos fundadores como referência.

A reação à agenda de direitos aparece no programa de governo. Esse avalia negativamente o governo do FA, e, entre os problemas enumerados, ressalta o que caracterizam como o “assistencialismo como política de desenvolvimento contrária à cultura do trabalho e a submissão a agendas que fazem mal à juventude e desrespeitam a Constituição”⁹⁶.

Do trecho do programa de governo se desprende que o partido se opõe ao assistencialismo e às agendas internacionais. A primeira medida é enfrentada porque a entende como contrária à cultura do trabalho, que, como será apresentado, para esse partido é o que define os homens. A segunda, porque fere a Constituição – que esse partido entende como a defensora da soberania nacional –, que para eles é submetida a políticas globais e faz mal à juventude. Essas “ameaças” serão aprofundadas no correr deste e do seguinte capítulo.

⁹⁶ Tradução da autora, a partir do programa de Cabildo Abierto.

Como apresentado no primeiro capítulo, pode-se chamar a essas direitas de neopatriotas, partindo de um internacionalismo reacionário que adquire características próprias de cada local. Desse modo, mesmo que todos os representantes dessas direitas se oponham às mudanças que sentem como ameaça, a configuração de CA responde a transformações do Uruguai.

A reação à agenda de direitos também aparece nas falas dos fundadores antes apresentados. Como é o caso de Methol, quando refere ao seu afastamento do governo Mujica, uma vez que, segundo ele, “em 2012 senti que teve um grande vácuo. Com os bons resultados do governo anterior, tinha-se que mostrar alguma credencial. Não tinha nada e ali apareceram os *lobbies*.⁹⁷” Já sobre a própria agenda, afirma não estar de acordo com nenhum dos pontos dela. Na mesma entrevista, afirmou: “Buscou-se ‘encher o olho’ com o matrimônio homossexual, com a maconha e o aborto”.

A defesa do nacional sobre o de fora os faz recorrer muitas vezes à retórica nacionalista, reivindicando os valores do líder da independência. Já Rodó foi um intelectual que pregou a importância das juventudes como transformadores, jovens que, segundo o partido, encontram-se atualmente ameaçados. A ideia de *lobbies* que interferem e políticas que buscam “encher o olho” é uma característica típica das direitas atuais, que, como foi mostrado, colocam-se como as únicas que não se encontram comprometidas com interesses que não sejam os dos reais problemas do país.

Domenech, em ato político da campanha eleitoral, definiu a agenda de direitos como “o matrimônio homossexual, o aborto, a legalização da maconha e alguma outra coisa” e agregou: “daqui a pouco vão nos impor alguma lei pela qual a homossexualidade seja obrigatória”⁹⁸. Em contrapartida, segundo Domenech, CA tentará implementar “outra agenda”.

Essa reação será a que permita formar suas propostas, a partir da negação do ameaçante, de que CA define sua plataforma de defesa do real interesse nacional. Essa “outra agenda” será abordada no capítulo seguinte, uma vez que ele aborda algumas das propostas que os líderes eleitos do partido realizam.

⁹⁷ Tradução da autora, a partir de Methol, de 18 de julho de 2020.

⁹⁸ Tradução da autora, a partir de Montevideo Portal, de 26 de agosto de 2019.

Esse tipo de reação é, ao mesmo tempo, produto do contexto internacional e do nacional, apresentados nos capítulos anteriores. Já foi mencionado que esse partido irrompe no Uruguai num momento chamado de interregno, com eleições marcadas pela queda na confiança nos partidos políticos, pela crise de representatividade de variados grupos de direita – de modo que surgem novos líderes – e pela volta da pauta da segurança e do punitivismo.

O momento do surgimento, a motivação dos fundadores, assim como os locais onde o partido teve maior votação, demonstram que esse partido conseguiu unir uma direita dispersa. Como foi apresentado, os fundadores do movimento e partido provinham de trajetórias diferentes, de que o CA se aproveitou para se apresentar como o representante de todas as ideias e disputar a hegemonia.

Isso é ao mesmo tempo verificado no programa de governo, que diz que esse partido “não se identifica com os interesses de nenhuma classe social nem faz da luta dessas o motor da sua política”⁹⁹. Pelo contrário, propõe-se impulsionar reformas, que, segundo eles, assegurariam a dignidade do trabalho e da vida de todos, a “elevação cultural” e a felicidade.

Como pode ser visto, essa parte busca se opor aos discursos da esquerda, a qual baseia a sua ideologia na classe trabalhadora, e se apresentar como os unificadores dos conacionais. A ideia de dignidade do trabalho e de vida, mais especificamente a elevação cultural e a felicidade, são conceitos que aparecem repetidamente nas obras *rodonianas*¹⁰⁰.

A relação com a representação também aparece nos “*conceitos programáticos do social artiguismo*” apresentados no *site* oficial, no qual o partido define sua ideia de justiça. Entende que essa deve agir firme, sem ideologias e afastadas dos interesses de classe.

Tanto a proposta programática quanto a relação de justiça afastada de interesses de classe se relaciona com o orgânico das direitas uruguaias e com elementos das direitas reinventadas em geral. Remetem à forma de ver o mundo sem necessidade de divisão social, evitando o conflito de classe que leva a confrontos e mudanças, a ideia de melhoria na qualidade de vida pelo próprio

⁹⁹ Tradução da autora, do programa de Cabildo Abierto.

¹⁰⁰ Especialmente na obra *El mirador*, de Próspero, de 1912.

esforço e de liberdade e responsabilidade dos próprios atos, negando a estrutura social ou os conflitos inerentes às sociedades.

Esses elementos de negação do conflito social e, especialmente, das ideologias que regem os diferentes grupos, foram apresentados no capítulo anterior. Tanto Losurdo quanto Žižek, desde suas diferentes óticas, alertaram para esse comportamento e se utilizam dessa suposta falta de ideologia e conflito para universalizar suas ideias.

Essas direitas reagem às reformas, aos movimentos sociais, aos sindicatos e à esquerda em geral. A uruguaia é considerada, como foi exposto previamente, uma sociedade “amortecedora do conflito” dentro dos partidos e pelas reformas “integradoras” promovidas pelo Estado. No entanto, o surgimento e rápido crescimento do partido CA indica que uma parte da população não se sentia contemplada por esse crisol e tampouco integrada pelas reformas.

3.3 As ferramentas para a irrupção

Cabildo Abierto é uma direita reacionária, que tem um “nós” fortemente definido desde o seu ingresso na política. Esse “nós”, que vai ser melhor definido na seção “valores orientais”, define-se como o que resiste, do “eles”. O “eles” é constituído pelos impulsionadores das suas ameaças, ou seja, movimentos sociais no país e especialmente fora desse, pelos sindicatos, as minorias sexuais e por coletivos que surgiram em relação a pautas concretas, como justiça transicional ou violência carcerária. Considerando que esse grupo vê a si mesmo como o verdadeiro nacional, o “eles” que combate é estrangeiro – ou influenciado por esse – e vem a romper com os laços que unem “o nacional”.

Assim, essa forma de reação irrompe no cenário político como as outras direitas na atualidade. Apesar do cenário de 2019 não ser totalmente comparável com o das crises anteriores do país, poder-se-ia afirmar que, após anos de crescimento ininterrompido, o governo do FA chega ao final com uma agenda de direitos muito ampla, mas uma economia estancada que interrompeu algumas reformas.

Como apresenta o perfil nacional do Uruguai na CEPAL, o PIB per capita, durante o governo da esquerda, aumentou em relação a períodos anteriores. Contudo, a partir de 2014, o crescimento vai se moderando, somente aumentando levemente em 2016, para ficar estancado até o final do período.

Cabe esclarecer que a mesma base de dados mostra o crescimento do PIB e do PIB per capita durante esse período, comportando-se de igual maneira, podendo deduzir uma tendência redistributiva.

Ao mesmo tempo, segundo essa mesma base de dados, durante os primeiros anos desse governo, o nível de desemprego caiu, chegando aos seus níveis mais baixos. Porém, assim como o dado anterior, a partir de 2014 esse começa lentamente a aumentar, chegando perto dos níveis do começo do governo do FA, ao alcançar 8,7% em 2019.

Apesar de o Uruguai ser dos países mais seguros, igualitários e com baixos índices de violência, a percepção parecia ser diferente. Em relação a essa sensação, especialmente à da segurança, surgiram, desde 2014, projetos de lei que buscavam implementar a mão dura¹⁰¹. E, como foi demonstrado no capítulo anterior, continuam aparecendo propostas similares na atualidade.

Nesse contexto, aglomerando pautas dessas direitas dispersas é que surge *Cabildo Abierto*, representando elementos característicos das direitas. O partido se define por um nacionalismo tradicionalista e conservador, associado ao mundo rural e da ordem, baseado na sua própria releitura do *artiguismo*. Essas são as características orgânicas que lhe permitem unificar o sentimento de rechaço às mudanças, mediante uma cosmovisão que os integra.

Para isso, *Cabildo Abierto* utiliza algumas das ferramentas retratadas no capítulo anterior. A primeira dessas é a da mídia própria, apesar de que o jornal *La Mañana*, como foi aqui apresentado, segundo o editor, não é um órgão de comunicação do partido, mas as coincidências são múltiplas. Coincide na visão dos proprietários do jornal, do redator principal, na correspondência dos valores e na visão de mundo, como indica Methol na entrevista antes citada. Os fundadores não se encontram somente vinculados a *La Mañana*, como também à *Rádio Oriental*¹⁰².

¹⁰¹ Junto das eleições de 2014, foi plebiscitada uma reforma constitucional que buscava, entre outras coisas, reduzir a 16 anos a imputabilidade penal, para julgar como adultos, ante alguns delitos, menores infratores, e aumentar as penas aos maiores de idade que utilizassem menores para delinquir. Essa reforma obteve o apoio de 47% dos eleitores, não sendo aprovada, mas revelando uma parte significativa que se mostrou favorável a esse tipo de proposta.

¹⁰² *Rádio Oriental*, uma das mais antigas do país, fundada em 1928, passou por vários donos. Em 2003 foi comprada pela Arquidiocese de Montevidéu, representando os interesses e visão da igreja católica. Assim como *Cabildo Abierto*, *La Mañana* tem um espaço nesse meio radial.

La Mañana se apresenta no seu *site* como “referente histórico da imprensa uruguaia”, que surge como “expressão original de uma corrente de ação e pensamento, com nítida marca social e modernizadora”. A continuação se autodefine como um jornal de “informação geral, plural e democrático” e expõe sua linha editorial como voltada “à produção agroindustrial e à justiça social, sem perder a vista de, que para nós, ‘o interior é a capital’”. Se analisada essa autodefinição, à luz do antes exposto, o jornal representa não somente as ideias de CA como também a visão de mundo das históricas direitas uruguaias. Isso se relaciona, também, com o fato de o jornal funcionar sempre como porta-voz de ideias conservadoras, influenciando o estabelecimento de um senso comum conservador.

O partido se expressa mediante redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, onde pode interagir diretamente com seus apoiadores. Comunica-se com seu público também mediante programas radiais semanais, nas Rádio Oriental e Rádio Universal, onde, a partir de outubro de 2020, o partido expõe sua visão de mundo. Por consequência, consegue, de forma direta e massiva, projetar sua visão de mundo com alcance nacional. Esses meios de comunicação – e as intervenções nas câmaras – serão a ferramenta utilizada no próximo capítulo para estudar os líderes.

A partir do programa de governo, da mídia e dos discursos dos políticos que integram o partido, é construído um antagonismo que os define. Como foi antes mencionado, a elaboração de um “eles” e um “nós” ajuda a delimitar a comunidade imaginada que o partido representa e estende ao “ser nacional”. Mediante a utilização de uma linguagem bélica, justifica-se o conservadorismo contra o “não nacional” que ameaça os orientais, e se apresenta esse partido como o único interessado e capaz de combater aquele.

Esses aspectos aparecem na definição das Relações Internacionais dos “conceitos programáticos do social *artiguismo*”, entendidos como o dever de defender o interesse nacional e a livre determinação dos povos. Em seguida, alegam que as soberanias jurídicas, políticas e econômicas das Nações devem ser respeitadas plenamente, não reconhecendo interesses de fora que se oponham a elas.

Esse elemento é típico das direitas na atualidade, já que essas tendem a ver nas organizações internacionais formas de ameaça à sua visão tradicional e

conservadora do nacionalismo. Além disso, tendem a ser contrárias às políticas conservadoras de direita, como CA. Para se defender disso, esse partido traz o *artiguismo*, que lutou contra os impérios que buscavam dominar nosso território.

A principal ferramenta que resulta transversal a todas as direitas é a criação de um passado mítico baseado na ideia de uma plenitude originária que deve ser conservada e resgatada. Como foi apresentado, esse recurso permite ao partido construir uma identidade própria e distanciada dos partidos, ao mesmo tempo que resgata as tradições deles que lhes são favoráveis, considerando o valor que a historiografia uruguaia atribuiu aos partidos fundacionais na criação da identidade nacional.

Cabildo Abierto e os *cabildantes* se mostram saudosos da época de apogeu da exportação de carne e lã, que coincidiu com a convergência de conservadores e liberais, da elite industrial e pecuarista, tanto nas ideias quanto nos representantes políticos. Esse momento é apresentado no programa como o momento das “vacas gordas”, interpretado como mal aproveitado pelo *batllismo*, que melhorou a capital e esqueceu o mundo rural que gerava a riqueza.

Como foi apresentado no capítulo anterior, esse entendimento coincide com o das direitas *ruralistas* ou *riveristas*. Essa relação será aprofundada ao analisar os líderes no próximo capítulo, mas a defesa do mundo rural como o centro de desenvolvimento econômico e moral do país também aparece no programa do partido.

Vão utilizar esse momento histórico para compará-lo ao governo do Frente Amplio. Como foi aqui apresentado, esse, durante o auge das commodities, realizou a agenda de direitos e não as reformas que CA considera necessárias no mundo rural. Assim como o *batllismo*, a esquerda contemporânea, para esse partido, esqueceu o campo, que é aquele que gera a real riqueza.

Um dos conceitos programáticos do social *artiguismo* é o de Estado. Uma das observações é que o Estado deve gerar políticas públicas, “com especial foco no desenvolvimento rural e na integração sociourbana”. Consideram que, dessa maneira, vão conseguir acabar com a fragmentação, marginalidade e pobreza extrema.

Outro conceito é o de “país produtivo”, que versa sobre a atuação estatal para evitar que a população rural “abandone o seu meio de vida”. O entendimento do mundo rural como bastião do desenvolvimento econômico e moral é baseado na interpretação do ideário *artiguista*, como um nacionalismo tradicional e conservador. Como o *artiguismo* é transversal à construção da visão de mundo do partido, vai ser estudado em profundidade na próxima seção.

3.3.1 Nacionalismo conservador *artiguista*

Uma característica do sistema de partidos uruguaio que foi apresentada é a longevidade dos partidos chamados fundadores. Isso acarretou, entre outras consequências, que os partidos contassem com figuras históricas próprias relacionadas ao surgimento da Nação. Sendo assim, os novos partidos ou agrupações que disputavam o poder buscaram uma tradição para se apropriar dessas figuras, encontrando em Artigas, o líder da independência, seu referente.

Como se apresentou no capítulo anterior, existiram variadas reinterpretações do *artiguismo*. Assim, o nacionalismo patriótico, baseado numa mística originária como base para a cosmovisão e justificação do partido, é uma característica típica dessas direitas, como se desprende dos capítulos anteriores. Esta seção analisa o nacionalismo e a ideologia, bases da visão de mundo com a que CA pretende disputar a hegemonia.

Esse partido parte de uma ideia de mundo que o coloca como herdeiro das direitas e do nacionalismo conservador *artiguista*. Na construção desse *artiguismo*, é fundamental o aporte de Rodó, como foi apresentado anteriormente.

A esse respeito, a redação do jornal La Mañana, do dia 16 de outubro de 2019, afirma que a academia “via na inspiração *artiguista* e *rodoniana* de Manini uma reivindicação do nacional e de certos valores tradicionais que se chocam contra o internacionalismo ideológico e pós-moderno que predomina nos círculos acadêmicos”.

Cabildo Abierto e seus membros questionam e se distanciam dos acadêmicos. Dessa forma, realizam sua própria releitura do *artiguismo* e tendem a reivindicar grupos como o *rodoniano*, formado por intelectuais e outras figuras, mas não vinculado à academia universitária. Para esses, a academia – assim

como aquilo que os ameaça – encontra-se mais vinculada às correntes internacionais do que as nacionais, por isso a necessidade de reeleições.

Como aparece nos documentos oficiais de *Cabildo Abierto* e do MSA, existe uma ideia clara e explícita sobre o significado do *artiguismo*. Na carta de princípios do partido, anuncia a inspiração no “Bicentenário do ciclo *artiguista*”, ciclo datado entre 1811 e 1820. A continuação define as ideias do líder como o conjunto de princípios, valores e ações que orientaram o caudilho oriental no Governo de Purificação. Isso é, segundo eles, uma concepção humanista, com sensibilidade social, projeto político e visão estrategista.

O programa de governo de CA começa reconhecendo o cenário atual como um momento de “inflexão” na política nacional. Nesse, segundo eles, debate-se a vigência “daquele ideal que abraçou o povo oriental, protagonista de uma história de feitos em épocas de autoafirmação e luta contra o absolutismo”¹⁰³.

Analisado essa afirmação, pode-se sustentar que o partido entende seu nascimento em um momento de interregno. Para esse partido, na conjuntura atual se debatem cosmovisões sobre a representação e nas que o partido coloca o líder da independência no centro. Dessa maneira, associam a Artigas o combate do absolutismo em defesa da identidade nacional do que chamam “povo oriental”.

No mesmo documento, o partido conceitua que Artigas, no seu programa, “sintetizou o melhor do aporte hispano-crioulo e sua organização municipal, o espírito de fraternidade ameríndio das Missões [jesuítas e indígenas] e as ideias de República, Confederação e Indústria (...)”¹⁰⁴.

Como apresentado por Sanahuja e López, as direitas atuais tendem a incorporar reivindicações nativistas. *Cabildo Abierto* não é exceção, uma vez que atribui para si a representação de tradições supostamente esquecidas não só do líder da independência como de líderes de outros partidos, ou a relação dos povos originários e a igreja.

Para esse partido, o hispano é importante, como foi exposto, dada a influência de Rodó em uma cosmovisão do ser nacional em relação às reivindicações do hispanismo e dos povos latinos. Também cabe lembrar a

¹⁰³ Tradução da autora a partir do programa de *Cabildo Abierto*.

¹⁰⁴ Tradução da autora. As maiúsculas são do original do programa de *Cabildo Abierto*.

importância do caráter hispano de líderes como Herrera ou inclusive da visão nacional do governo ditatorial.

No programa de governo, realiza uma análise histórica, rememorando o contexto do primeiro centenário do chamado ciclo *artiguista*. Define essa época como a das grandes guerras e revoluções, criação da Sociedade das Nações, eventos que “se incorporam à vida nacional”, contribuindo com a formação da identidade. Também caracteriza o Uruguai daquela época como o do esplendor da capital, em virtude da riqueza pecuarista, enquanto o mundo rural era marginalizado e com pouca infraestrutura.

O programa continua essa análise situando o final da segunda guerra e a consecutiva crise de final do modelo econômico, o momento em que novamente existiu “divisionismo” no país. Segundo indica o programa, nesse momento, a adoção “acrítica” de uma ideologia estrangeira fez com que orientais se enfrentassem de forma violenta, paralisando as mudanças necessárias para esse tempo.

A revisão histórica continua analisando o contexto de finais da Guerra Fria, quando o Uruguai participa da integração da Cuenca del Plata e do Mercosul. Para o partido, nada se fez para evitar a crise bancária ou a fração socioterritorial que causaram desemprego e emigração.

Para finalizar, o programa considera que Frente Amplio chegou ao poder com “promessas de mudança”. Em contrapartida, valoram-no negativamente, concluindo que durante os quinze anos de governo ocorreram infantilização da pobreza, aumento da delinquência, baixa do nível educativo, desmantelamento da produção, estrangeirização da terra, deterioração dos recursos naturais, bancarização obrigatória, assistencialismo como política de desenvolvimento contrária à cultura do trabalho e o submetimento a agendas que fazem mal à juventude e desrespeitam a Constituição.

Essa análise histórica relaciona todos esses momentos como afastados dos valores do *artiguismo*. Em alguns, priorizou-se a capital, sendo que o líder buscava pelo campo; em outros, enfrentaram-se compatriotas; também foram realizados acordos fúteis com a região que Artigas buscou integrar e, finalmente, o governo da esquerda, segundo eles, impôs agendas que debilitaram e destruíram o país.

Culmina avaliando o momento atual de desconfiança nos partidos políticos. Considera isso movido não somente pelas políticas erradas dos partidos políticos como também por esses serem supostamente burocratas e clientelistas. Assim, para CA, os partidos políticos se afastaram das suas bases e do *artiguismo* e deixaram o povo, portanto, sem representantes.

Para esse partido, o *artiguismo* vem a combater a “desilusão”, buscando o entendimento que considera necessário para enfrentar os desafios da atualidade. Essa análise pode ser verificada quando o programa de governo de Cabildo Abierto define o partido como:

a expressão dessa autoconsciência histórica, um movimento sustentado no valor da palavra, com vocação de justiça no mais amplo dos sentidos, de construção de consenso e de serviço à Pátria, surgido para devolver a esperança a quem a perdeu (CABILDO ABIERTO, s.d).

Em suma, esse novo partido parte da mitificação do passado, aproveitando a memória coletiva do *artiguismo* para construir uma trajetória própria que considera esquecida pelos partidos. Essa interpretação de um “passado heroico” contribuiu não somente à justificação do pensamento do partido e à unificação da direita dispersa e “esquecida”, como também para se mostrar como necessária à representação nacional, tradicional e popular.

Cabe observar a linguagem desse partido, seja nos seus documentos, nas falas dos fundadores e especialmente quando se referem ao *artiguismo*. Isso porque apresentam o que Souyris (2019) marca como a construção de uma identidade nacionalista, baseada numa linguagem preexistente, já forjada pelas anteriores direitas. Assim, o partido vale-se do *artiguismo* como uma forma de buscar uma origem comum e compartilhada, que considera universalizada, para promover e oficializar sua forma de pensar e de ser.

O *artiguismo* foi a base da construção dos valores e do programa do partido expressados constantemente pelos líderes. Como foi apresentado nesta seção, esses princípios e valores são considerados pelo partido como constituintes do ser nacional e, segundo eles, foram esquecidos pela sociedade. Para Cabildo Abierto, coincidindo com outras direitas do tipo, a causa desse esquecimento é o avanço da globalização permitida pela esquerda no governo.

Os conceitos programáticos do social *artiguismo* e a carta de princípios do partido Cabildo Abierto finalizam citando uma frase que atribuem ao General Artigas: “Nada devemos esperar que não seja de nós mesmos”. Essa frase que o líder da independência proferiu durante a defesa do governo de Purificação contra Buenos Aires, os portugueses e a Espanha, foi amplamente reinterpretada; mas esse partido não a explica, embora se possa deduzir a visão do *artiguismo* em certas falas dos fundadores de MSA.

Em entrevista para o seminário Voces, de 6 de novembro de 2020, Hugo Manini define o *artiguismo* como “por sobre todas, um estilo de vida. É o contrário ao que um não quer ser” e “é essa maneira de conduzir as pessoas, por caminhos às vezes sacrificados, como o foram o êxodo e a resistência contra o reino de Portugal.”

Pode-se entender, a partir dessa fala, que o *artiguismo*, para esse grupo, é formado por oposição, aquilo que “não se quer ser”. Ao mesmo tempo, considera que é uma forma política, já que o relembra como o condutor do povo buscando a liberdade.

Também se referindo ao *artiguismo*, responde que “desde o regulamento das terras, do ano XIII, e o respeito à soberania popular, pela vontade popular (...) é essa concepção de que o povo, as pessoas, é a que, no fundo, tem a palavra definitiva na condução”. E afirma que a Artigas “jamais se lhe ocorreu desconhecer as decisões do *cabildo*, como expressão do *demos* naquela época”.

Essa última parte do discurso do fundador do MAS mostra aqueles pontos que Cabildo Abierto mais resgata do líder, a ideia de soberania nacional e a representação direta do povo, escutando-o nos *cabildos*, e não somente uma forma de fazer política no próprio nome.

3.3.2 Valores orientais

A partir do nacionalismo conservador *artiguista* é que esse partido, como ele mesmo afirma, constrói seus princípios e valores, sua cosmovisão. Também a partir dessa releitura justifica o *demos* que representa, define-se como continuador do ideário *artiguista*, para eles o representante do ser nacional.

Como foi apresentado no decorrer do capítulo, esse *demos* é chamado de diferentes formas, mas, geralmente, refere-se a quem representam os

“*orientales*”. Essa forma de chamar a população não somente permite a continuação da tradição *artiguista* como também dá uma ideia de “verdadeiros nacionais”. Além disso, remete às formas das anteriores direitas. Assim como Pacheco, esse partido se dirige a: “homem”, “homens e mulheres do território”, “famílias”, “orientais”. Como o político anterior, o público se vê incluído num grande grupo nacional, ao tempo que aparece reconhecido desde o privado e não apenas nos âmbitos públicos e políticos como “cidadãos”.

Paralelamente, esse *demos* que adquire muitos nomes é definido da mesma forma que os *cabildantes*, ou seja, aqueles que pertencem ao grupo que o partido representa. No programa do partido, definem estar baseados “no povo uruguaio que vive do seu esforço e sua criatividade, no marco da Constituição e nas leis, contribuindo para estreitar laços com uma comunidade solidária e empreendedora, que inclua os mais postergados”.

O grupo que eles representam, um microcosmo que associam ao “ser nacional”, é melhor definido no *site* oficial do MSA, onde apresentam a ideologia e princípios. Segundo eles, a partir do *artiguismo*, elaboram conceitos de “homem”, da “economia social” e “vida em comunidade”.

Esta pesquisa parte desses princípios para compreender melhor a comunidade imaginária à que Cabildo Abierto se refere. Primeiramente, definem a sua “concepção de homem”. Ora, o homem, para esse partido, é um ser social naturalmente livre e responsável pelos seus atos. Caracterizam esse como nascido de uma família e que essa deve ser preservada, por ser a primeira linha de defesa na vida.

Assim como as direitas em geral, esse partido se preocupa com a família. Essa é definida nos conceitos programáticos do “social *artiguismo*” como a base da sociedade. O partido julga que ela deve ser fortalecida, uma vez que é a formadora inicial dos valores do ser humano. Esse partido não define família, mas sim se mostra ciente da sua importância na formação de visão de mundo que outorga às pessoas. No próximo capítulo, serão analisadas algumas lideranças do partido e essa visão da família será esclarecida.

Seguindo com a conceitualização de homem, esse partido ressalta que deve ser defendida a dignidade humana contra todo tipo de totalitarismo político,

econômico e social. E, para isso, é necessário assegurar a “cada oriental um trabalho que lhe permita se sustentar com seu próprio esforço¹⁰⁵”.

Culmina essa definição apontando as diferenças entre os homens, identificadas como de caráter físico, intelectual ou social, e que não podem ser motivo para a eliminação de direitos. Essa ideia de igualdade, do ponto de partida e meritocracia, apareceu no capítulo teórico como característica de outras direitas na atualidade, e, no capítulo anterior, entre as velhas direitas uruguaias.

Em seguida, o *site* conceitualiza o que esse partido entende como “concepção da economia social”. Nesse caso, admitem que o desenvolvimento de um país produtivo é o único caminho para “atingir o bem-estar dos *orientales*”. O país produtivo, para eles, baseia-se na riqueza do mundo rural, onde se encontra não somente a capacidade de melhoria econômica, mas também moral do Uruguai.

Essa conceitualização do modo de vida desses *orientales* estaria baseada na visão social do *artiguismo*. Tal associação se conceitualiza na referência da busca pela atenção aos “mais vulneráveis” e a releitura do *artiguismo* aparece na proposta de atendê-los, incluindo-os em planos concretos para que vivam do seu esforço, novamente aparecendo, aí, a centralidade da meritocracia.

Finaliza com o conceito de “vida em comunidade”, que poderia exemplificar a forma que deve ter a sociedade para esse partido. Entendem a “Nação *oriental*” como aquela formada pelo conjunto de homens e mulheres que habitam o território uruguaio e a ele se agregam, que se expressam diretamente nos municípios, convocatórias ou *cabildos*, e através dos seus representantes nas instituições do Estado.

Culminam essa conceitualização explicando que a base da unidade dos *orientales* se relaciona ao enfrentamento de todo tipo de divisionismo que somente tende a debilitá-la e possibilitar qualquer agressão. Essa ideia traz novamente a importância, para esse partido nacional, dos verdadeiros nacionais, que são aqueles que se opõem ao que vem de fora, já que o que vem de fora o faz buscando debilitar a unidade nacional.

¹⁰⁵ Tradução da autora a partir dos princípios do “Movimiento Social Artiguista”.

A partir dali, entende-se a ideia de centralidade da família que esse partido aponta como a principal linha de defesa dos homens. Essa é a que dá unidade e, ao mesmo tempo, permite que o partido *Cabildo Abierto*, como foi apontado pelos autores do primeiro capítulo, apresente-se como o líder de grande família nacional.

Os princípios e valores do partido coincidem com aquilo que foi antes apresentado como o orgânico nas direitas uruguaias. Esses valores e princípios que guiam o partido, para eles, não respondem a ideologias e sim às pautas e necessidades que eles levantaram do “povo oriental”, do qual se apresentam como únicos e verdadeiros representantes.

3.4 O novo em *Cabildo Abierto*

Esse partido se apresenta como novo e diferente, mas, quando são analisadas as suas características, emergem, como apareceu no capítulo anterior, elementos associados a determinada época e contexto. Poder-se-ia dizer que CA é uma direita reinventada que aparece como a herdeira ou continuadora das velhas direitas mais conservadoras, inauguradas pelo próprio avô do principal líder.

Para disputar hegemonia, o partido, aqui estudado, incorpora, além das características aqui apresentadas, elementos próprios do contexto. Dessa maneira, o que *Cabildo Abierto* tem de novo se relaciona com a conjuntura que foi esboçada no capítulo anterior, com as demandas do eleitorado, em um momento de interregno em que os partidos aparecem debilitados.

Poder-se-ia afirmar que esse partido incorpora elementos da democracia social, característica das direitas de pós-ditaduras. Contudo, esses também aparecem nas demandas dos *ruralistas* do século passado. Portanto, a maioria das características que pareceriam ser novas, desse partido, apresenta uma mudança na linguagem de velhas pautas das direitas conservadoras.

Como se mostra na seguinte figura, o partido possui características que compartilha com as velhas direitas uruguaias, assim como as adapta, apresentando similitudes com as direitas apresentadas no capítulo anterior.

Esta figura incorpora, às características achadas neste capítulo, as informações da figura 1, elaborada a partir das abordagens teóricas. Apresenta

aqueles elementos extraídos das abordagens teórico-conceituais da figura 1, contrastados com as características orgânicas das direitas uruguaias.

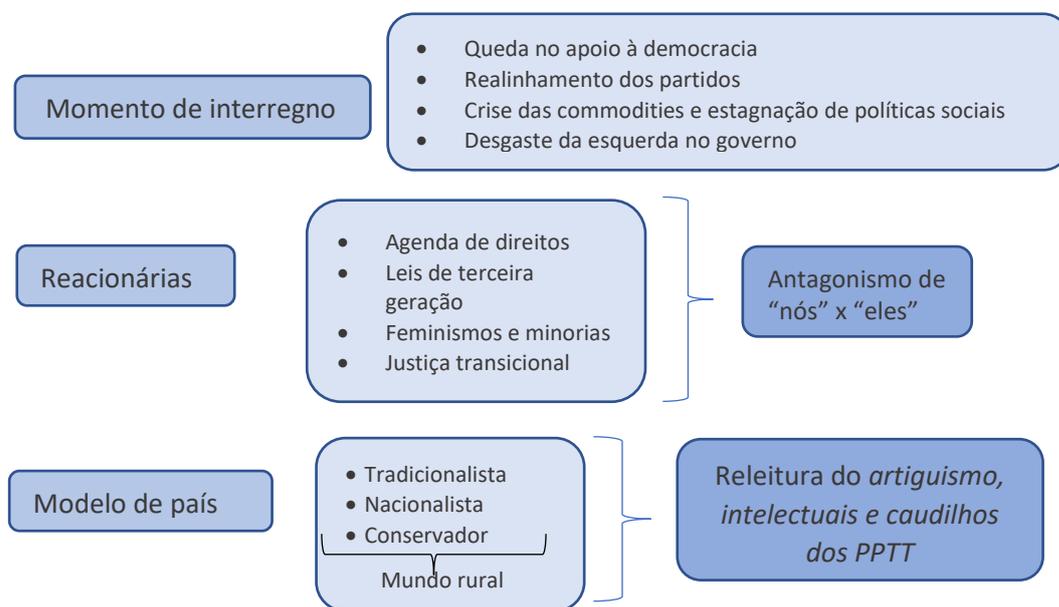


Figura 3: Características orgânicas das direitas uruguaias em Cabildo Abierto

Fonte: Elaboração própria com base na figura 1.

Assim, pode-se ver que os elementos próprios do contexto servem como forma de adaptação do que é orgânico e não como uma novidade em si. Isso aparece com maior clareza na utilização das ferramentas com as quais Cabildo Abierto, assim como as outras direitas, disputa a hegemonia.

Na figura 4 se apresentam aqueles elementos de que se vale o partido para conseguir unificar e instalar sua visão de mundo. Esta figura, assim como a anterior, é produto da incorporação das ferramentas apresentadas na figura 2 àquelas utilizadas por Cabildo Abierto.

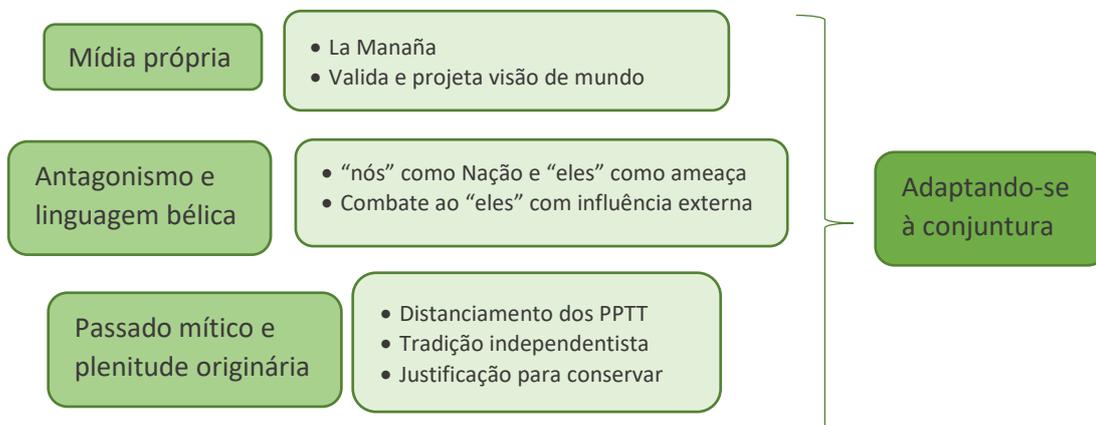


Figura 4: Ferramentas para disputar hegemonia

Fonte: Elaboração própria com base na figura 2.

3.5 Conclusão parcial

Em síntese, ante o aqui apresentado, é possível entender o partido *Cabildo Abierto* como uma direita reinventada. Isso porque, no seu programa, os conceitos, os princípios e valores que afirma ter por base coincidem com o orgânico das direitas uruguaias, ao passo que, aquilo que traz de novo, tem a ver com o movimento das direitas para disputar a hegemonia da esquerda e, no caso uruaio, também a representação de alguns valores defendidos pelos partidos tradicionais.

O partido se percebe e se apresenta como continuador de um legado de tradição nacionalista, invocando um sentimento de passado mítico de uma época de “glória nacional”, centrada no momento heroico das lutas independentistas. Também tende a atribuir para si a representação das velhas bandeiras dos partidos tradicionais, mostrando-se como o representante de todas as ideias que representam o “ser uruaio”.

4. A VISÃO DOS CABILDANTES

Este capítulo analisa tanto os programas radiais nos espaços reservados ao partido *Cabildo Abierto*, nas rádios *Oriental* e *Universal*, como as intervenções nas câmaras legislativas de alguns *cabildantes*, especificamente de seus representantes eleitos.

O partido conta, atualmente, com três senadores e onze deputados, sendo abordados a totalidade dos primeiros e seis dos últimos. A amostra escolhida deve-se à quantidade e qualidade do material a ser analisado, já que os deputados escolhidos são aqueles que tem maior participação tanto nas audições radiais do partido quanto nas intervenções na câmara.

Desse modo, este capítulo agrupa os principais assuntos que aparecem nas falas dos representantes escolhidos. O estudo dos discursos foi feito de forma individual, sendo coletadas todas as intervenções de cada um dos legisladores. Após a transcrição, foram separadas as falas em grandes dimensões de análise, para detectar os princípios e valores que essa direita

defende. As falas aqui apresentadas são resultado da tradução da própria autora.

O primeiro discurso a ser abordado é o do senador e ex-chefe do Exército, Guido Manini Ríos, o principal líder do partido. Manini Ríos é quem tem maior presença nos discursos, já que tanto é o que mais intervém em ambas as fontes aqui utilizadas quanto é o que mais tempo dedica a suas intervenções.

Manini Ríos ingressou na política partidária uruguaia se mostrando como um *outsider*¹⁰⁶, no começo do período da campanha eleitoral. Sua irrupção na política partidária aconteceu, diretamente, como candidato à presidência, semanas após ser demitido pelo Presidente da República de seu cargo de comandante em chefe do exército nacional. Isso aconteceu após criticar o Poder Judiciário e ser acusado pelo ocultamento das confissões do militar José Nino Gavazzo¹⁰⁷ nos tribunais militares.

O líder do partido, apesar de não ser o primeiro militar a integrar um partido político no país¹⁰⁸, é o primeiro candidato a presidente que se identifica e aparece rodeado de pessoas que têm um “olhar militar” da sociedade. Isso ocorre em um momento em que a confiança nos partidos políticos em parte cede espaço à confiança nos militares¹⁰⁹.

O segundo discurso analisado é o do senador advogado e notário Guillermo Domenech, que foi secretário da presidência uruguaia, desde 1990 até sua renúncia para se candidatar como vice-presidente pelo partido *Cabildo Abierto*. Sua atuação político-partidária não começa com esse partido, mas sim no Partido Nacional, pelo qual se candidatou a deputado, apoiando a candidatura de Luis Alberto Lacalle¹¹⁰.

O terceiro discurso estudado é o do Coronel aposentado Raúl Lozano, que entrou em 1973 em uma instituição militar, onde fez toda sua formação. Já

¹⁰⁶ Sua carreira militar não lhe permitiu ter carreira política, de modo que sua candidatura continuou uma tradição da própria família, de direitas e de militares políticos.

¹⁰⁷ Esse militar admitiu ao Tribunal de Honra militar ter jogado, em 1973, no Rio Uruguai, o corpo sem vida do *tupamaro* Roberto Gomensoro.

¹⁰⁸ Inclusive, alguns dos líderes fundadores do FA foram o General Liber Seregini e Victor Licandro.

¹⁰⁹ Segundo o *Latinobarómetro*, em 2018, somente 21,8% confiavam nos partidos políticos, enquanto 64,5% da população expressaram simpatia pelas Forças Armadas.

¹¹⁰ Luis Alberto Lacalle Herrera é neto do líder *blanco* Herrera, mencionado no capítulo 2, e pai do atual presidente uruguaio. Esse último foi presidente do país desde 1990 até 1995.

no final dessa, tomou parte da *Minstuah*¹¹¹, o que lhe valeu certo prestígio, assim como sua participação nas negociações pela paz entre as FARC¹¹² e o governo colombiano.

O quarto discurso analisado é o de Eduardo Lust, advogado e notário, suspenso do exercício desta última ocupação desde 2014, pela Suprema Corte de Justiça¹¹³. Atualmente, é professor de Direito Constitucional na UdelaR e deputado de Montevideu pelo partido *Cabildo Abierto*. Cabe destacar que, antes de ser membro ativo desse partido, foi simpatizante do “Partido Nacional”, embora nunca tenha se candidatado a cargos por ele.

Outro discurso a ser estudado é o do deputado Sebastian Cal, empresário e piloto comercial, de Maldonado. Com 32 anos, é um dos mais jovens parlamentares uruguaios, segundo a entrevista da revista *Galeria*, de 3 de setembro de 2020. Também será estudado o discurso do deputado por Canelones, Carlos Testa, que estudou num liceu militar do interior e foi patrão de pesca.

A diferença de Martin Sodano, de quem também será analisado seu discurso, é que não começou sua atuação política no partido *Cabildo Abierto*, mas sim no Partido Colorado, apoiando Bordaberry em 2014. O deputado é mecânico naval, católico não praticante e se apresenta como ex-viciado em drogas.

Elsa Capillera já trabalhou como empregada doméstica e catequista, morou num assentamento irregular, onde começou a atuar no ativismo bairrista, chegando a ser a presidenta do movimento para a regularização do terreno. Também foi militante do Partido Nacional, chegando a participar da fundação de um setor junto ao hoje Ministro de Defesa¹¹⁴, do qual se afastou por sentir, segundo ela, pouca liberdade e nenhuma retribuição pelos seus esforços. Casada com um militar e conhecendo muitas pessoas desse setor, foi convidada

¹¹¹ Minsustah vem da sigla aqui traduzida como Missão de Estabilização das Nações Unidas em Haiti.

¹¹² Fuerzas Revolucionarias Armadas de Colombia foram um grupo guerrilheiro que questionou o poder instituído desde quando foi fundado, em 1964. Atualmente, abandonaram as armas nos processos chamados de “Acuerdo de Paz”.

¹¹³ Por ficar com parte de dinheiro de um processo de compra e venda no qual atuou como notário.

¹¹⁴ O Ministro Javier Garcia, líder do “espacio 40” dentro do PN. Anteriormente, estava vinculado a Larrañaga, de quem se afastou para impulsionar, desde 2012, a candidatura do atual presidente.

a participar de CA pelo ex-militar Radaelli¹¹⁵, assessor de Manini Ríos. Capillera atualmente é vice-presidenta da câmara de deputados.

Finalmente, Silvana Perez Bonavita, também uma das mais jovens no parlamento, é militante política desde sua adolescência. Também, segundo a entrevista de Galeria, de 3 de setembro de 2020, Perez Bonavita foi eleita, em 2016, para um cargo em um município de Montevideu¹¹⁶, pelo PN. Trabalha com *marketing* digital e afirma que, após se unir como militante a Cabildo Abierto, conseguiu, rapidamente, um lugar de destaque, chegando a ser eleita deputada e coordenadora de bancada.

Os diferentes temas que serão abordados nas seções apresentadas neste capítulo se orientam a partir de eixos que caracterizam Cabildo Abierto como uma direita da atualidade. O primeiro é a visão da ordem, que apareceu 35 vezes, seguido da visão do feminismo, que apareceu 23 vezes. A esses segue o segundo mais citado, que se refere à justiça transicional, 53 vezes. Segue uma seção que engloba os principais grupos que Cabildo Abierto enfrenta, isto é, sindicatos, Frente Amplio e sistema judicial, que aparecem, somados, um total de 127 vezes.

Em seguida, abordam-se as releituras conceituais, seja da ideologia *artiguista*, de Rodó ou de líderes de outros partidos, que, segundo legisladores de Cabildo Abierto, foram abandonados e se mantêm vigentes; esses aparecem 20 vezes. Finalmente, a partir de todo o anterior, a última seção aborda o modelo de país que o partido, a partir dos seus líderes, projeta e defende, achado 62 vezes.

4.1 O problema da falta de ordem

O assunto da ordem, especialmente da segurança, foi o que esta pesquisa categorizou, *a priori*, como o principal. Isso porque o *slogan* “acabou o recreio” foi utilizado na campanha política. Além disso, outro fator para esperar essa

115 Radaelli, ex-militar e atualmente assessor de Manini Ríos, foi condenado pela justiça chilena por sequestro e associação ilícita no assassinato, em 1992, de Eugenio Berrios. Este último era procurado pela justiça do Chile por sua atuação como químico da Direção de Inteligência Nacional desse país, durante a ditadura.

116 O governo e a administração uruguaios são compostos por três níveis: nacional, departamental e municipal. Esse último é uma área geográfica cuja administração é realizada por um “alcalde” e quatro “concejales”, eleitos a cada cinco anos e que funcionam como colegiado.

presença discursiva é o fato de se tratar de um partido com vínculos militares, com um tipo de programa e com relatos dos fundadores direcionados a esse tema.

Contudo, após analisar as falas dos representantes aqui abordados, esse tema apareceu como um assunto menos citado, se comparado com outros. Contudo, a questão da segurança é transversal a todos os outros temas, especialmente a ideia de ordem como valor em si mesmo.

Para o partido, a desobediência civil é um dos principais problemas da atualidade, considerada consequência da suposta má gestão da esquerda no governo. Segundo eles, essa é a causa da desordem verificada na sociedade atual, na qual as figuras de autoridades e hierarquias não são respeitadas como eles acham que deveriam.

4.1.1 Ordem social hierárquica

Diante do que entendem como situação caótica pela desobediência civil, alentada nos governos *frenteampelistas*, propõem medidas para retomar o “respeito a todo tipo de autoridade, educadores, família, polícia”.

Essa forma de ver a sociedade é apresentada no programa radial de 19 de fevereiro de 2022, no qual Lozano descreve como se encontrava, para ele, a sociedade uruguaia antes de assumir o governo atual: “numa decadência de tudo o que tem a ver com o respeito à autoridade¹¹⁷”. Dessa maneira, segundo ele, “não se respeitavam os pais, os professores, tudo tinha se invertido (...)”.

No mesmo programa, Lozano afirma que, pela lei de urgência, criada no atual período de governo, existe respeito. Um dos principais elementos que se respeitaria atualmente no Uruguai é o “direito humano inalienável a se defender”. Segundo ele, a lei ofereceu “direitos a nos defender e nossa família quando um intruso, um criminoso ingressa no nosso lar”.

Para as direitas, como foi apresentado tanto no capítulo teórico como nas históricas direitas uruguaias, a defesa da família cumpre um papel fundamental. Isso porque a família é entendida como o microcosmo que depois vai se estender à nação por inteiro. Dessa forma, a direita busca apresentar um modelo de

¹¹⁷ Todas as frases são tradução da autora a partir das atas da câmara ou das audições radiais.

família hierárquica e patriarcal, em que o pai da família é o provedor de ordem e segurança, visualizado como fundador da nação.

Muitos dos discursos dos representantes aqui abordados associam o respeito à autoridade com a defesa da polícia. A esse respeito, Sodano, no programa do dia 24 de março de 2022, ressalta a importância do “respaldo jurídico ao policial, as ferramentas e as garantias que damos à polícia”.

Esse respaldo jurídico pode ser entendido a partir de como esse representante legislativo define as denúncias de abuso policial, que, para ele, são “uma farsa”. Segundo ele, “podem existir abusos de maus funcionários, mas não de policiais que estão realmente defendendo seu país”. Portanto, considera que “não podemos tirar as garantias às pessoas que queremos que tenham as garantias para nos defender, para nos cuidar”.

Também o deputado Testa tratou desse assunto no parlamento: “Eu acredito que há que confiar na polícia; de que apoio vamos falar se não confiamos nela, se, por algum caso isolado generalizamos de maneira imprudente?”. Para ele, também, é necessário que se apoie o agir policial, inclusive existindo denúncias contra o mesmo.

O respeito à autoridade aparece de forma diferente nas falas de Manini Ríos. Sobre um cartaz com a frase “há ordem de não fraquejar”, em dependências policiais, em homenagem ao falecido Larrañaga¹¹⁸, o senador afirmou, na sua audição de 1 de junho de 2021, que a frase poderia funcionar como estímulo e para manter a moral da “polícia nacional que está submetida a um grande estresse, que deve dia a dia afrontar riscos e sobretudo sacrifícios”.

A polícia é associada, por esse partido, com a vocação de serviço e cuidado, estendendo-se essa definição ao governo atual. Assim, no programa de 15 de março de 2022, Manini Ríos diz que a polícia defende aos mais frágeis, “que não têm recursos para pagar uma segurança privada, porque essa lei dá certas ferramentas para que a polícia atue com eficácia e eficiência, porque é o escudo dos mais débeis”.

A mesma força é utilizada de forma combativa, como diz o senador na mesma audição, “Se a polícia não domina o delito, o delito domina a polícia e se transforma na lei da selva, na lei do mais forte”. Cabe destacar uma fala do

¹¹⁸ Na mesma audição, o senador afirma que essa frase não é original de Larrañaga, mas de Saravia, caudilho do Partido Nacional que se opôs a José Batlle y Ordoñez.

mesmo sobre um assassinato de um policial, no 11 de março de 2021. No programa de rádio, afirmou que se deve: “fechar fileiras, com firmeza, sem claudicações, ante esse delito irracional, ante essas infames atuações de quem, durante anos, acostumou-se a agir totalmente fora da lei, sem respeitar nada”.

A partir dessas audições, começa a se delinear um antagonismo no qual as forças policiais defendem as pessoas “de bem” dos “criminosos”. As forças policiais e os cidadãos de bem seriam defendidas por *Cabildo Abierto*, enquanto, como será aprofundado na seção 4.4.4, os delinquentes foram produto especialmente dos governos da esquerda.

Essa observação aparece quando Manini Ríos, no dia 11 de novembro de 2020, refere-se aos críticos do uso excessivo da força policial, reivindicando a importância de “ficar do lado da autoridade, do lado de obrigar a todos os uruguaios a respeitar o uniforme policial e respeitar toda forma de autoridade”.

A polícia é associada com a segurança, com a imposição da ordem, e, portanto, esse partido vai defendê-la como sendo a defensora do “nós”. Ao mesmo tempo, trata-se de uma instituição caracterizada pela hierarquia e a obediência, o que favorece a narrativa do partido. Dessa maneira, busca que toda a população também defenda e respeite a polícia, já que, dessa forma, respeitará e defenderá a visão hierárquica, ordenada e combativa que o partido defende.

Esse antagonismo de “nós” e “eles” aparece quando Sodano, no programa de 24 de março de 2022, afirma que “essa lei [LUC], o que fez com a gente do povo, aos trabalhadores, aos uruguaios, a gente de bem, foi dar garantias” e, em contraposição, “tirou liberdades aos criminosos, aos estupradores, (...) a todas as pessoas que se apresentam como corruptas dentro da nossa República”. Essa fala se aproxima tanto da dos autores teóricos abordados quanto da dos representantes das velhas direitas uruguaias.

4.1.2 Esquerda causante da desobediência

Como já foi mencionado, esses representantes veem a causa dessa desobediência e inversão de valores na atuação dos governos do “Frente Amplio”. Assim o afirma, em 10 de novembro de 2021, Manini Ríos: “quinze anos de medidas equivocadas levaram à desobediência civil para com a autoridade; tem se inculcado, às vezes desde a própria escola, a falta de respeito”.

O argumento da inversão de valores é defendido por Lozano, que, na audiência do dia 20 de novembro de 2020, afirma que, nesses quinze anos, “partia-se de um paradigma que entendemos que era equivocado, (...) a existência do delinquente era por culpa de toda a sociedade, fazia-se uma similitude entre a pobreza e o crime, isso não é verdade”.

Também, criticando as políticas do governo do Frente Amplio sobre assuntos de segurança, a deputada Capillera, na intervenção do 13 de outubro de 2020, afirmou: “o crime foi ganhando espaços e a droga também. Então, nós, os cidadãos, fomos ficando à mercê de uns poucos e, literalmente, abandonados pelo Estado”.

Uma das principais críticas dessa deputada é a forma do combate às drogas. Novamente, colocando-se como uma cidadã, afirma que “a gritos, solicitamos fechar bocas de fumo, que tanto dano fazem a nossos jovens, mas a resposta era: ‘buscamos o peixe grande’”. Nesse sentido, Capillera diz que “todos os uruguaios sentimos nossos direitos humanos totalmente atacados por um crime crescente e fora de controle”.

A partir dessas falas, reforça-se o antagonismo do “nós” e “eles”. Ela se desliga de seu papel de deputada e fala como “cidadã” que se sentia abandonada pelo Estado, que não escutava seus pedidos. Assim como Sodano na subseção anterior, ela associa o “nós” com todos os uruguaios. Dessa maneira, seu discurso, igual ao das outras direitas, associa o grupo que elas defendem a toda a nação.

As falas até aqui apresentadas poderiam se encaixar nas chamadas guerras culturais. Outro elemento característico da guerra cultural das direitas atuais é que acusam de violação aos direitos humanos aqueles que consideram criminosos. Isso porque utilizam a linguagem – da defesa dos direitos humanos – para se opor diretamente à narrativa tanto da esquerda nacional como dos organismos internacionais. No caso uruaio, o embate ocorre com o Frente Amplio, o Sistema Judicial, os sindicatos, os grupos sociais e os organismos internacionais, que serão abordados na seção 4.4.

Essa oposição aparece demonstrada na mesma intervenção, quando Capillera afirma que essa violação dos direitos humanos acontece porque “os problemas de segurança (...) não podem se abordar desde a ideologia”. Segundo ela, “o medo que sentíamos ao sair na rua não tem ideologia. As vítimas não têm

ideologia; ainda mais, os próprios criminosos, quando transgridem a lei, não têm ideologia”.

A utilização do conceito de ideologia em um sentido negativo foi apresentada no capítulo teórico, verificando-se sua organicidade com a direita uruguaia. Negar a própria ideologia permite se colocar como os representantes de todas as ideias, ao tempo que se coloca a esquerda como respondendo unicamente a uma ideologia.

Um dos problemas mencionados por quase todos os legisladores é a relação entre consumo de drogas e crime. Quando analisadas as falas dos líderes, pode-se entender como esse assunto, para eles, atravessa a família, a sociedade e, especialmente, os jovens. É nesse assunto que aparece um perfil mais punitivo. No programa radial de 9 de março de 2022, referindo-se ao problema da venda de drogas, Manini Ríos afirmou: “essa realidade tem de ser combatida com toda a dureza porque é a única forma de cortar”.

Buscando abordar o assunto desde uma narrativa científica e demonstrar que a regularização do consumo de cannabis recreativa foi um erro, durante a audição de 2 de novembro de 2021, Manini Ríos afirmou: “a maconha afeta os neurônios, afeta o cérebro, isso é um dado científico, e isso tem que ser dito com todas as letras”. Também afirmou que especialistas consideram a maconha como a porta de ingresso a outras drogas.

Continuou criticando essa política, porque, segundo ele, “não pode ser que existam jovens que pensem que como isso [maconha] se vende na farmácia e como está junto a remédios, isso não é tão ruim, não é tão nocivo”. Em seguida, desde o senso comum, diz: “nós percebemos que há muito mais fumantes de maconha nas coxas dessa política de naturalizar seu consumo e realmente acreditamos que isso é errado”.

Na sua intervenção no senado do 11 de novembro de 2021, avaliou que “depois de oito anos de aprovada a norma [de regularização do consumo de maconha], os resultados mostram que o narcotráfico no país não deixou de crescer”. E acrescenta que “está por demais demonstrado o aumento do delito a partir do aumento do consumo”.

As falas de Manini Ríos valem-se das ferramentas típicas da direita para buscar combater a chamada agenda de direitos, como é o caso da linguagem combativa e a apresentação de críticas que, ao mesmo tempo, baseiam-se em

dados que apresentam como científicos sensações ou pensamentos baseados no senso comum. O caso da regularização do consumo de maconha atravessa as políticas de segurança e combate ao crime, segundo ele, impulsionado pelo governo da esquerda.

Também, criticando a política de drogas, Sodano traz sua experiência como ex-consumidor de drogas, para se posicionar contrário à lei que regula o consumo de maconha. Durante sua intervenção na câmara de deputados, em 13 de outubro de 2021, afirmou sobre os consumidores “(...) os que vão [passam a consumir] a cola, a nafta, a pasta-base, os que vão fumar um *nevado*, que é a mistura de maconha com cocaína, e demais, primeiro consumiram maconha, 90%; perguntem a qualquer um, é assim”.

O deputado também afirma que as políticas levadas a cabo pelo “Frente Amplio” e continuadas pela Junta Nacional de Drogas são falhas. Aponta que esse organismo, para enfrentar o narcotráfico, somente propõe “aumentar o THC¹¹⁹ e vender aos estrangeiros”.

A partir dessas falas, pode-se notar como, para o partido, as políticas que o governo anterior implementou, em relação ao narcotráfico e ao consumo de maconha, levaram à naturalização do consumo e a uma certa destruição do que chamam o “tecido social”, especialmente dos jovens, aumentando a insegurança. Cabe destacar que, na audição do dia 25 de maio de 2021, Manini Ríos se manifestou sobre o que, segundo ele, foram as causas do antedito:

(...) quinze anos de políticas totalmente desacertadas que tenderam a dividir cada vez mais os uruguaios, a enfrentá-los a radicalizar nossas situações, a gerar uma juventude sem esperança na vida, sem uma luz no horizonte, sem uma motivação, perdida no ócio, no nada para fazer, pensando em sair em frente através do crime, através da droga que leva ao crime.

A ideia de que a esquerda e outros grupos buscam confrontar e dividir os uruguaios aparece em todos os eixos que se identificaram nas falas. Nesse caso, é a causa de enfraquecimento social, especialmente de uma juventude levada a uma vida que, segundo esse representante, é de ócio, drogas e crime. É essa

¹¹⁹ Tetraidrocanabinol, substância da maconha que produz o efeito psicoativo.

juventude “perdida” que Cabildo Abierto, assim como as velhas direitas, diz vir a resgatar.

4.2 A ameaça da “ideologia de gênero”

Como foi apresentado, a direita é uma reação e Cabildo Abierto, assim como as antigas direitas uruguaias e as abordadas no capítulo teórico, veem nas mudanças sociais uma ameaça à sua cosmovisão. O avanço do feminismo é uma dessas ameaças, já que coloca em dúvida a visão de mundo do partido.

A maioria das falas sobre o feminismo, aqui observadas, apareceram em relação às datas de 8 de março, de diferentes anos, dia em que a maioria dos representantes homens cede seu lugar a uma mulher que seja suplente¹²⁰. Essas falas também aparecem quando se abordam leis ou assuntos em relação à família ou a processos demográficos.

Os integrantes do partido se mostram cientes das desigualdades existentes entre homens e mulheres, particularmente aquelas relacionadas com a violência que sofrem as últimas ou com a desigualdade de salários. No entanto, entendem que essas e outras desigualdades ou violências são causadas ou agravadas pelo que chamam de “ideologia de gênero”, como será observado nos próximos discursos. Dessa maneira, o partido diz buscar solucionar esses problemas.

Um exemplo disso é a deputada Perez Bonavita, na sua intervenção na câmara, no dia 8 de junho de 2020, condenando a escalada da violência contra as mulheres. Ela aproveitou a oportunidade para anunciar que: “Nesse sentido, [prevenção da violência], desde Cabildo Abierto, estamos trabalhando na criação do Instituto Melchora Cuenca”, definindo esse como “uma organização conformada por mulheres do nosso partido” que tem a finalidade de “promover políticas e práticas que apoiem as mulheres em situação de vulnerabilidade e contribuam para destacar o valioso aporte das mulheres em diferentes âmbitos da sociedade”.

¹²⁰ Em 9 de março, ambas as câmaras fazem sessões comemorando o dia da mulher (8 de março), e, nesse dia, no partido Cabildo Abierto – assim como em outros partidos –, algumas mulheres eleitas como legisladoras suplentes assumem as bancas dos legisladores homens. Aqui se apresenta Inés Monzillo, suplente de Testa.

Na mesma seção, a deputada Capillera, também sobre o aumento da violência contra as mulheres, apresentando outro olhar, afirma “eu quero expor minha tristeza e preocupação pela violência que sofrem crianças e adolescentes, que depois acaba em violência contra as mulheres e a sociedade toda”. Isso porque, segundo ela, “nesse momento, muitas crianças crescem sem referentes de valores, sem suas necessidades básicas atendidas, sem religião (...) não tem Estado comprometido”. Essa intervenção apresenta os valores que, para a deputada, são associados com a família.

4.2.1 Contra as feministas e as imposições

As características de *Cabildo Abierto* serão aprofundadas nas próximas seções. É um partido que se baseia na meritocracia e, por isso, é contrário às cotas de ingresso para diversas categorias. Nesse sentido, em várias das falas dos legisladores, é ressaltado que as mulheres que participam do partido o fazem por merecimento e não por obrigação legal.

Simultaneamente, as mulheres do partido, mediante diferentes argumentos, expressam-se contrárias ao feminismo atual, que chamam de “radical” ou “ideologia de gênero”. O rechaço ao feminismo se manifesta na intervenção de Perez Bonavita, de 9 de março de 2021, definindo a passeata do 8 de março como “aglomeração de milhares de pessoas”. Isso por considerá-la “um desrespeito total a todos os que, com muito esforço, cumprimos com as medidas sanitárias pelo bem de toda a população”. Considerou o ato como falta de empatia e, segundo ela, “esse tipo de atitude desprestigia completamente a causa; não me representam”.

Finalizando sua exposição, a deputada questionou o agir de suas colegas na política, especialmente aquelas que não compartilham sua visão de mundo e sente que a excluem. Discursou: “quero assinalar que, enquanto entre as mulheres políticas nos excluamos por questões de ideologia da causa que convocamos, continuará existindo discriminação”.

Inés Monzillo substituiu o deputado Testa, no parlamento, no dia da mulher. Na sua intervenção, de 9 de março de 2022, ela considerou que já chegou o momento em “que as feministas radicais não falem mais em nome de todas”. Em contraposição, autodefine-se e define a outras mulheres como “a maioria silenciosa que não se sente representada nos seus [feministas em geral]

discursos”. Autodenomina-se como sendo parte do “feminismo dissidente, o feminismo pró-vida, o feminismo que aceita a diversidade de opiniões, que não acredita na vitimização constante”.

A partir das duas exposições, pode-se entender a visão do feminismo das deputadas e como esse poderia ser entendido como fazendo parte de uma disputa pelo significado do feminismo.

Na sua intervenção do dia 16 de junho de 2021, a deputada suplente criticou as mulheres que se negam a compartilhar a guarda de seus filhos, assim como os homens que, segundo ela, não levantam sua voz por medo do politicamente correto. Propõe que “deixemos de legislar por ordens impostas e compromissos políticos, e escutemos objetivamente e verdadeiramente os verdadeiros envolvidos”.

A ideia de imposição na legislação ou nas demandas sociais de organizações internacionais, como foi visto, é característica das direitas. Nesse caso, há uma crítica ao feminismo que ameaça a ideia de meritocracia e de família tradicional, ou do próprio papel da mulher na sociedade.

Nas críticas ao feminismo, aparece também a ideologia, assim, na intervenção de Monzillo pelo dia da mulher, em 9 de março de 2021, afirmou que: “não é uma homenagem às mulheres que lutaram pelos seus direitos; enxergo uma promoção ideológica e política, algo que não faz bem à mulher nem à sociedade em geral”.

Para ela, esse mal ocorre porque a “ideologia de gênero” não busca melhorar a condição das mulheres e sim dividir a sociedade. Por isso, afirma que “é mais fácil usar a mulher como bandeira de ideologias do que realmente lutar por uma verdadeira equidade e igualdade”. Adiciona que esse movimento procura “acrescentar a distância entre os sexos, querendo demonstrar que, pela fraqueza das mulheres, é necessário que lhe presenteiem com cotas”. Opõe-se a essas políticas porque “as mulheres não somos vítimas nem somos o sexo débil, somos forjadoras do nosso próprio destino”.

Sobre a visão da mulher e seu papel na sociedade, cabe destacar a intervenção de Domenech, no senado, no dia 9 de março de 2021. Ele cita a advogada e parlamentar Sofia Álvarez Demicheli que, em 1946, foi coautora da lei que consagrou a igualdade de capacidade jurídica entre homens e mulheres, que define a mulher como “mãe por antonomásia, reclama seus direitos para

organizar e defender a vida que naturalmente está destinada a dar” e continua “dignificada no sagrado apostolado que deve cumprir como depositária da vida, como raiz da humanidade, como conservadora augusta da semente humana”.

Essa definição da mulher vinculada à família é característica das direitas, já que essa é o microcosmo que vai representar a sociedade por inteiro. Assim, vinculada a uma visão hierárquica, ordenada e tradicional, com o papel definido da mulher na família, permite que sua visão de mundo seja projetada nesse modelo.

Também, realizando uma definição da mulher, o senador Manini Ríos, na audiência de 10 de março de 2021, homenageou “essa mulher que luta sem perder sua essência, que não se deixa utilizar por esses ideólogos dos novos tempos”. Manini Ríos coloca como exemplo a “ideologia de gênero inventada, ideologia elaborada em outras latitudes que busca a destruição, semear a divisão, na família, na sociedade” e que acaba “destruindo a instituição da família e termina deixando mais fraco e desarma o ser humano, ao perder sua primeira linha de contenção”.

Manini Ríos, na audiência de 23 de dezembro de 2020, referindo-se a uma suposta destruição da família, afirma que foi: “constante em todos os regimes totalitários (...) tentar anular a família para que o indivíduo se encontre numa posição mais fraca, inerte, totalmente dependente do Estado todo-poderoso”.

Esse partido e seus líderes entendem a ideologia de gênero, considerada responsável pelas divisões sociais, especialmente da família, como uma imposição estrangeira para debilitar o país. Essa visão de que organismos internacionais e grupos totalitários buscam debilitar a soberania nacional aparece nos outros temas aqui abordados.

4.2.2 Visão da igualdade entre homem e mulher

Como foi apresentado no capítulo anterior, esse partido considera que existe uma igualdade natural entre os cidadãos e que essa é garantida pela Constituição. Dessa forma, o partido questiona os sistemas de cotas. Por exemplo, a deputada Perez Bonavita, no dia 9 de março de 2021, na câmara de deputados, felicitou seu partido “pela igualdade natural com a qual se move, sem necessidade de cotas e escolhendo mulheres capazes para importantes lugares de decisão”.

A deputada Monzillo manifestou-se em um sentido similar, na sua intervenção na câmara, do dia 9 de março de 2022: “Não consideramos todos os homens como machos opressores, nem a todas as mulheres como inocentes. Não reclamamos nem aceitamos leis com privilégios para as mulheres”. Assim, também, “não queremos cotas nem paridade de nenhum tipo; não necessitamos que o governo nos assegure uma vaga para a qual talvez nem estejamos capacitadas”.

Em contraposição, afirmou que: “ganhamos [as mulheres que diz representar] nossos lugares pelos nossos próprios meios, capacitando-nos e demonstrando nosso talento”. Finalmente, proclama que a verdadeira igualdade será atingida quando “deixar de ser comemorado o 8 de março com atos políticos, atacando os homens e, realmente, trabalhar-se por uma verdadeira igualdade sem importar sexo, raça ou religião”.

Monzillo propõe sair à rua “cada 10 de dezembro [dia internacional dos direitos humanos], pelos direitos de todos e não de alguns poucos”, justificando que deve ser cumprido o artigo 8 Constituição¹²¹. Encerra a argumentação com a frase “ensinemos a pescar e não demos o peixe de presente”.

A visão da igualdade se refere às capacidades, mas não aos papéis sociais do homem e da mulher. Pelo menos, assim parece, a partir dessas falas. Além de impostas desde fora, as manifestações das feministas são, para essa deputada, erradas, porque não vão levar à igualdade e sim à instauração de privilégios. Para esse partido, como um todo, as leis baseadas em gênero são injustas, especialmente com os homens e as crianças; e debilitam a sociedade.

Em oposição, apresentaram projetos como o de guarda compartilhada, do qual Monzillo é uma das redatoras. Defendendo essa lei na câmara, no dia 16 de junho de 2021, afirmou que: “todas as crianças devem compartilhar a maior quantidade de tempo com ambos os pais, para atingir seu máximo potencial, serem felizes (...)”. Isso porque, segundo ela, “o papel do pai é diferente do da mãe, se complementam; por isso, ante a falta de um progenitor, sempre será uma criança órfã”.

Comentando essa mesma lei, na audição radial do dia 24 de junho de 2021, Manini Ríos declarou que é necessário “evitar essa ideologia que leva a

¹²¹ O artigo 8 da Constituição uruguaia diz sobre a igualdade perante a lei de todas as pessoas, não reconhecendo outra diferença que não seja a dos talentos ou virtudes.

enfrentar o pai com a mãe, o filho com o pai, o filho com seus progenitores; acreditamos que isso afeta a família, debilita a família”. Considera que o projeto busca “aplicar justiça, sob preceitos constitucionais; a ideia-base desse projeto é a igualdade entre a mãe e o pai”.

O partido considera injusta a lei que tipifica a violência baseada em gênero. Essa foi criticada por Manini Ríos, na audiência de 8 de fevereiro de 2022, já que, segundo ele: “transforma de fato, ao denunciado, eu diria, que automaticamente em culpável; a menos que consiga demonstrar sua inocência”. Dessa forma, segundo ele, modificam-se as pautas jurídicas, pois “uma vez mais se está invertendo a carga da prova e isso leva novamente a um atropelo”.

Outra crítica é à educação oficial, que consideram baseada na “ideologia de gênero”. Definem essa educação como aquela imposição que “ensina a uma criança de 5 ou 6 anos que seu sexo é opcional, é uma construção social; achamos que é perverso e que somente pode gerar problemas no futuro”. Todas essas críticas ao que chamam ideologia de gênero, especialmente aquelas medidas instaladas no sistema legal, representam uma característica das outras direitas da região.

Alguns dos representantes, como é caso de Monzillo, acreditam que, atualmente, existe uma certa igualdade social. Para ela, “não estamos na época em que a mulher não tinha nenhum direito”, como declarou na sua intervenção no senado, no dia 9 de março de 2021. Isso porque, segundo ela, nos primeiros feminismos, as mulheres “ganharam direitos, mas, sobretudo, ganharam respeito. Conseguiram essas conquistas dignamente, com atitude, trabalho e intelecto, não com cotas”.

Domenech também, no dia 9 de março, no senado, homenageia a Álvarez Demicheli, citando o agradecimento aos homens pela aprovação da lei da igualdade jurídica, já que: “sem considerar a condição desvantajosa na qual a legislação colocou a mulher, souberam dar a suas companheiras e suas mães o lugar que por direito e moral lhes correspondia”.

Em um sentido similar, Manini Ríos, na homenagem a Martha Montaner¹²², no dia 3 de novembro de 2021, ressaltou que ela “abriu passo na

¹²² Ela liderou, até seu falecimento, um setor conservador do Partido Colorado, que previamente foi liderado por seu pai, que fora *pachequista*. Ambos ocuparam cargos legislativos representando o departamento de Tacuarembó.

política, não necessitou de cotas para entrar na política pela porta grande” e que mostrou “a igualdade que pode atingir uma mulher com sua luta, sem ter que pedir benefícios especiais”.

Na sua audição radial, de 14 de março de 2021, Domenech continuou homenageando a Demicheli e contrapôs sua trajetória à: “dessas pessoas que, se dizendo mulheres, pretendem excomungar os outros 50% da humanidade”. Considera que essas buscam “o enfrentamento, a denegrição, a injúria dos homens como se não tivessem irmãos, pais, maridos e filhos” e que “condenam, de antemão, (...) a pessoas de bem e os colocam no mesmo plano que os criminosos, os estupradores e abusadores”.

Finaliza essa audição enviando uma mensagem às “mulheres mães, esposas, trabalhadoras que têm nos homens seus companheiros”. A elas diz: “deseja-lhes as melhores conquistas, do braço dos seus companheiros, os homens”.

Como se pode concluir dessas falas dos representantes do partido, na sua cosmovisão, o conflito do passado aparece oculto. Colocam as mulheres de antes como lutadoras pela igualdade, mas sem perder o que consideram a essência da mulher, que seria a defesa da família. Também a entendem como estando do lado do homem e a esse como seu companheiro, excluindo ainda outros tipos de identidades não heteronormativas ou inclusive sem enxergá-las como coletivo ou mulheres independentes. Evitam mencionar os conflitos do passado e se referem unicamente aos do presente, aprofundando a visão caótica do momento atual, o qual é incentivado, nessa leitura, por grupos feministas percebidos como seguindo imposições externas.

4.3 Revisão do passado recente

Um dos assuntos que apareceu com maior repetição, nos discursos dos líderes aqui analisados, foi a revisão do passado político, especialmente a história das décadas anteriores à ditadura. Isso porque é o que permite o enfrentamento do relato que, segundo Cabildo Abierto, é tergiversado.

A década de 1950 foi contextualizada por Lozano, no dia 13 de abril de 2020, como uma época em que o Uruguai não era alheio à Guerra Fria. Existia no país o que ele chama de “guerra revolucionária”, isto é, assim como no

restante da América Latina, existiram pessoas que “buscavam conquistar o poder pela via armada e fazer cair a nossa democracia”.

Sobre essas pessoas, Domenech, na audição de 13 de dezembro de 2020, afirmou que se nucleavam em organizações armadas que “pretenderam, pela força, (...) mudar nossa forma de governar e impor um regime que, por sorte, ou graças a Deus, não conseguiram impor no país”. Para o senador, de não terem sido impedidos, os uruguaios teriam “as liberdades tão violadas como as de Nicarágua, Venezuela e Cuba”.

O partido gera um relato próprio sobre os anos prévios à ditadura. Após citar ações da guerrilha, Manini Ríos, no dia 6 de abril de 2022, afirma que essas “levaram a esta década na qual os uruguaios viveram surpresos, temerosos e ameaçados por uma escalada sangrenta”. Segundo ele, jovens inspirados na Revolução Cubana, nucleados em organizações militares e associados aos partidos Socialista e Comunista uruguaios, “concorreram a cursos em Cuba, assim como também outros na União Soviética”, levando a cabo esses atos.

Manini Ríos questiona, por sua vez, um suposto ocultamento dos mortos dessa época nos livros de história sobre o passado recente. Especialmente, considera que se apagaram as quatro mortes que, segundo ele, “deram lugar à reação das Forças Conjuntas (...) e na tarde do mesmo dia encontraram mortos oito integrantes da organização sediciosa”. Esse tipo de relato acaba explicando o acionar repressivo das forças do Estado como uma defesa da democracia e não como uma violação aos direitos humanos.

O líder do partido continua com esse relato, apontando que, após esses atos de violência, o Poder Executivo, com a aprovação da Assembleia Geral, declara o Estado de guerra interna, dando lugar à intervenção militar. Isso porque, segundo ele, “diante do estado de amedrontamento no qual se encontrava a justiça ordinária, depois de uma onda de ameaças e sequestros sofridos pelos seus integrantes”, era, para o senador, o momento de os militares serem os defensores da democracia.

Segundo expressa Domenech, na sua intervenção do dia 13 de abril de 2021, apesar da “versão oficial”, a violência política não começou com o golpe de Estado, “senão muito antes, quando dando prosseguimento a campanhas internacionais (...) houve quem no mundo e no Uruguai acreditou que a violência política era uma forma de mudar a orientação das políticas governamentais”.

Para Domenech, essa forma revolucionária não condiz com a tradição uruguaia, a qual é caracterizada, no seu entender, pela alternância no poder. Porém, na década de 1960, “começamos a sentir repetidamente que, por métodos ou meios revolucionários, pela violência e desconhecendo o pronunciamento libérrimo (...) poderia se mudar a forma de governo e as políticas de governo”.

Assim, no dia 19 de maio 2021, na sua audição de rádio, Manini Ríos convida os ouvintes a “refletir sobre o que significou a insanidade que representou esse confronto entre orientais, durante mais de uma década, antes de se produzir o Golpe de Estado de 1973”. Para finalizar, propõe refletir e “não alimentar uma fratura, não seguir vivendo do ódio que piorou naqueles tempos, não tentar unificar uma torcida para reviver permanentemente o enfrentamento”.

Domenech considera que essa visão distorcida é validada por uma lei¹²³, que, como Manini Ríos apontou, na audição de 22 de dezembro de 2021, “diz que já no ano de 1968 não existia neste país uma democracia plena”. Nesse sentido, afirma: “considero que é uma ofensa para quem vive nessa época e somos cientes da realidade (...) sabemos que aqui a Constituição foi respeitada até 1973”.

4.3.1 Busca de superação do passado recente

Como Cabildo Abierto se apresenta como o representante da unidade Nacional, pretende mostrar que um dos aspectos que não permite que essa seja alcançada é a divisão causada pelo passado. Para os legisladores desse partido, deve-se superar o passado recente, mas enxergam essa superação como impossível porque consideram que a história é contada por ex-membros ou simpatizantes da guerrilha.

Essa visão é apresentada por Manini Ríos, no senado, em 6 de abril de 2022, postulando que “é necessário olhar pra frente como país e deixar atrás esse passado de enfrentamento”. Para isso, segundo ele, é necessário o “conhecimento da nossa história real, despojada das paixões que se vivenciam

¹²³ Em referência à lei 18.831 de 2011, interpretativa da lei 15.848, da caducidade da pretensão punitiva do Estado, que aprovada em 1986 foi o marco jurídico do final da transição à democracia. A partir dela, os crimes cometidos por militares e policiais em funções, durante o golpe de Estado, não seriam objeto de juízo.

meio século depois”. Em contraposição, busca “que não transforme em heróis quem atentou contra a democracia e reconheça aqueles que deram sua vida para defender a sociedade dessa agressão”.

As falas conceituam, novamente, o antagonismo do “nós” e “eles”, nesse caso, em relação aos que mudam a história real movidos por paixões. Segundo o partido, a esquerda pretende colocar como heróis essas organizações armadas que descreveram como ameaça à democracia. Em contraste, o partido propõe reconhecer aqueles que considera que protegeram a democracia, em oposição àqueles que transgridem a lei.

Essa visão da história também é apresentada desde fora do partido, assim afirma Lozano, na sua audição do 25 de outubro de 2021, sobre a apresentação do livro de um ex-coronel da aviação a respeito da soberania e do Estado de Direito. Definiu esse livro como um “estudo desde o jurídico e político da situação de presos civis, militares e policiais na prisão de Domingo Arena¹²⁴”. O autor conclui que por “um afastamento do Estado de Direito, não se cumpriu nem com a Constituição nem com o Código Penal ao se submeter aos ditames internacionais”.

Na mesma audição, Lozano comenta que, segundo o autor do livro, nos julgamentos sobre crimes de lesa-humanidade, “há um claro afastamento com uma sede de ódio e vingança, que não coincide com o que deveria ser o nosso país, que é um exemplo de democracia e republicanismo”. Assim, o partido atribui para si a defesa da democracia e das leis uruguaias, que mostra como sendo violadas por motivos de vingança, afastando-se das normas jurídicas ou ameaçando a democracia.

No mesmo sentido, o partido busca impor uma narrativa que marca a existência de supostas vítimas esquecidas. Na audição de 13 de dezembro de 2020, Domenech relatou que, antes do golpe de Estado de 1973, essas organizações “pretendiam alterar a institucionalidade e impor pela força sua ideologia [marxista], ocasionando numerosas vítimas, não somente de policiais e militares, mas também de civis”.

¹²⁴ Atualmente, um presídio que, em 2006, foi recondicionado para receber os processados por crimes de lesa-humanidade, e que foi, entre 1972 e 1984, o corpo de cavalaria, que funcionou como centro de sequestro e torturas durante a ditadura.

A importância que o partido outorga à construção da narrativa das vítimas se materializa no projeto de lei apresentado por Manini Ríos na sua audição, no dia 30 de junho de 2021, que solicita uma reparação às vítimas dos atos violentos da guerrilha. Propõe que essa reparação não passe somente pelo fator econômico, mas “também por implantar ou introduzir nos textos de estudo de todos os âmbitos da educação, a verdadeira história, o testemunho dessa gente que foi vítima desse agir”.

A partir das falas dos representantes legislativos, entende-se que esse projeto tem três pilares, sendo um primeiro de *visibilidade moral*, por reconhecer o caráter de vítima a partir da construção de memoriais, entre outras formas; o segundo identificado como *social*, pois busca construir uma visão dos acontecimentos que incorpore a das pessoas que consideram esquecidas; e, como último pilar, considera-se *o econômico*, que pretende uma reparação econômica como a que recebem as vítimas do terrorismo de Estado.

O partido pretende igualar essas supostas vítimas com as atualmente reconhecidas como vítimas de terrorismo de Estado. Assim o ressalta Manini Ríos, no dia 27 de julho de 2021, na sua audição, referindo-se ao caso do filho de um soldado que morreu em 1972. Nesse caso, há um paradoxo, pois “(...) quem assassinou seu pai há anos cobra uma pensão do Estado, e ele não a cobra”. Por isso, o senador considera que seu projeto vem a fazer justiça.

Esse mesmo caso foi descrito por Domenech, na intervenção no senado, no dia 7 de dezembro de 2021, quando declarou que viu como “humildes soldados do nosso país” indenizaram o filho de “um dos tantos civis, militares e policiais assassinados cruelmente, no Uruguai, numa loucura política como nunca antes tinha se vivido”. Ao comentar sobre esse sucesso, declarou que sentiu “vergonha de que humildes cidadãos, com o coração apertado pela situação de uma das vítimas (...) foram os que afrontaram a responsabilidade de indenizá-las”. E considera que todo o país deveria sentir a mesma vergonha e dor.

O reconhecimento dessas vítimas vai além da reparação dos indivíduos. Como fica exemplificado na audição de Domenech, do dia 13 de dezembro de 2020, quando o legislador afirma que, ao outorgar esse reconhecimento, a reparação também será para “toda a República, que viu como suas instituições

estremeciam-se ao extremo em que o próprio período democrático deveu ser declarado como um estado de guerra interno”.

A ideia de estender essa visão, para a sociedade por inteiro, fundamenta-se no fato de que, segundo o partido, esses atos violentos foram “estereotipados desde o ponto de vista de quem o cometeu e não de quem o sofreu”. Segundo Lozano, na sua audição do dia 19 de dezembro de 2020, muitos não foram tratados como vítimas, por causa do “relato que impregnou a memória coletiva devido à constante narrativa que impediu a consideração dos direitos humanos daqueles sujeitos que foram alvo desse agir”.

A partir dessa concepção, o partido considera necessária uma mudança cultural. Assim, Lozano aponta, nessa mesma audição, que o relato oficial levou a que existisse uma “batalha cultural na sociedade” e propõe que “se deixe essa visão paralisada da realidade e se veja a verdade como ela foi, e que o ponto de vista das vítimas (...) seja reconhecido pela sociedade”.

Além desse projeto de lei, Cabildo Abierto¹²⁵ começou a fazer homenagens, especialmente aos civis que consideram vítimas da guerrilha. Como anunciou o deputado Cal, na sua audição de 17 de dezembro de 2021, “estaremos descobrindo uma placa em rememoração dos 50 anos do assassinato, do vil assassinato, daquele humilde peão rural Pascacio Baez Mena, na cidade de Pan de Azúcar”.

“Toda la Verdad” é uma associação que se opõe ao entendimento que se tem feito da justiça transicional. Essa foi caracterizada por Testa, na sua audição de 12 de outubro de 2021, como “conformada por vítimas e familiares de vítimas dos grupos terroristas que atentaram contra a democracia há meio século”. Segundo ele, a diferença das vítimas reconhecidas pelo Estado “não tem cor política; não ousariam desonrar a suas vítimas com a vil busca da receita partidária”, e somente pretendem “a construção de uma sociedade mais honesta, transparente e justa”.

A partir dessas falas, visualiza-se como o partido aponta a esquerda – agora compreendendo também, para além do partido “Frente Amplio”, a educadores, historiadores e fiscais – como a que busca manter a população dividida. Essa “esquerda” faz isso, segundo eles, mediante relatos falsos do

¹²⁵ Outros políticos do oficialismo e principalmente membros da organização “Familiares de presos políticos”.

passado recente, que considera enviesados por uma suposta vingança e por ódio. Em oposição, o partido, junto com as vítimas e suas famílias, segundo a sua visão, busca a união para uma sociedade justa.

Como apareceu em quase todas as falas, o partido considera que a união nacional não é possível porque, como denunciou Domenech no senado, em 30 de setembro de 2020, abordam-se assuntos que “remetem às décadas de sessenta e setenta. Os violentos de então foram vitoriosos sobre os que querem construir um futuro”.

Para Domenech, “os violentos da década de 1960” continuam triunfando, porque considera que, ao chegarem ao governo, acabam cumprindo mandatos externos. Isso porque, “buscando eternizar a fratura na nossa sociedade, fazem correr generosamente os recursos para manter aceso o fogo que ardeu há meio século”, como falou Manini Ríos, em 6 de abril de 2022, na sua intervenção no senado. Dessa maneira, esses supostos violentos e os que os financiam constituem uma parte importante do “eles” que Cabildo Abierto constrói.

Uma declaração semelhante é a do próprio Manini Ríos, em 30 de junho de 2021, quando, na sua audição, lembrou das causas, segundo ele, do golpe de Estado. Entre os vários “nunca mais” que pregou, cabe destacar “nunca mais violação às instituições democráticas, nunca mais salvadores messiânicos da democracia, nunca mais ingerência estrangeira nos nossos assuntos”. Também pediu um nunca mais à “vingança, essa que ainda segue presente em muitas almas, almas que não conseguiram sair desse passado que os tem presos”.

Em ambas as falas, assim como nas anteriores que remarcavam o papel atribuído à extinta URSS, aparece a ideia de que existem interesses externos em manter a divisão no país para buscar se aproveitar. Esse elemento não é único de Cabildo Abierto, já que, como foi apresentado no capítulo teórico e nas velhas direitas, a ideia de ingerência externa na autodeterminação é fundamental nas direitas que reivindicam uma tradição com certo nativismo.

Há um projeto de Cabildo Abierto que se opõe a como é aplicada a justiça transicional no Uruguai. Esse é por eles chamado de “humanização dos presídios” e defende que a lei que permite que maiores de 65 anos terminem sua condenação em prisão domiciliar seja aplicada à totalidade dos presos, o que incluiria os condenados por crimes de lesa-humanidade.

Desde um ponto de vista jurídico, Domenech, no dia 13 de dezembro de 2021, argumenta que essas pessoas estão presas de forma injusta, já que, no seu entendimento, não cometeram crimes de lesa-humanidade. Isso porque, segundo ele, no Uruguai não podem se chamar crimes de lesa-humanidade os cometidos durante a ditadura militar, porque “o nosso país ratifica a convenção correspondente após a restauração democrática, portanto não pode ser aplicado retroativamente”.

Essa lei também é defendida desde a negação de uma suposta ideologia, como defende Testa na sua audição, em 22 de outubro de 2021, na qual afirmou: “não sou jurista nem historiador, mas tenho a capacidade de distinguir entre o que é justo e aquilo que é motivado ideologicamente”. Agrega que, para ele, na época pré-ditadura, “o que não existiu foram santos, de nenhum dos lados, o que houve foram vítimas, mas essas depois conduziram seus sentimentos ao encarceramento de velhos soldados”. Também afirma que “não questiono a justiça, seus ditames devem ser acatados sem questionamentos, mas sim questiono as pessoas encarregadas de aplicá-los e a ausência de implicâncias”.

4.3.2 Influência estrangeira na soberania interna

Para os líderes desse partido, é importante o enfrentamento ao que consideram a “versão enviesada da história”, baseada em narrativas impulsionadas por grupos, em geral estrangeiros, que propositalmente buscam dividir e enfrentar os uruguaios entre eles.

Isso se confirma na intervenção de Manini Ríos, em 15 de dezembro de 2021, referindo-se ao que considera um atropelo da lei de anistia. Para ele, essa lei é a mais legítima porque a cidadania “duas vezes ratificou uma lei que buscava a reconciliação nacional; a única das nossas vinte mil leis que foi ratificada duas vezes por consulta popular”. Apesar disso, para Manini Ríos, essa lei foi nos fatos derogada porque “a reconciliação nacional não está no horizonte dos eternos mercadores do ódio que lucram, política e, sobretudo, economicamente com a fratura e o enfrentamento entre os uruguaios”.

Os “mercadores do ódio” apareceram em várias instâncias nos discursos desse senador. Isso porque os “centros de poder” representam, para ele, os grupos que desde fora buscam enfraquecer a democracia uruguaia. Considera que esses buscam manter a divisão que começou pelo que chamam “violento

agir da guerrilha”, supostamente influenciada pelos interesses dos Estados Unidos e da URSS, na época, para colonizar o território nacional.

Na audição de 7 de outubro de 2020, Manini Ríos considera relevante pontuar que os atos de violência foram causados por “uma lógica perversa que enfrentou os uruguaios (...) muitos deles incapazes de entender o verdadeiro acordo que sempre existiu entre Washington e Moscou para neocolonizar o mundo emergente”.

Para ele, a partir dessa lógica surgem “alguns iluminados vanguardistas que com armas em mão seriam capazes de mudar o mundo”. Agrega que assim nasce “a teoria do foco, que o único que buscava era aprofundar as diferenças internas, de modo que hoje, meio século depois, essas diferenças são quase insuperáveis”. Essa teoria, para ele, “era parte e segue sendo parte de uma estratégia perversa para controlar melhor nossos países, para colonizar melhor os nossos países”.

Dessa maneira, em 6 de abril de 2022, afirma que não vão aceitar que se fale em dois atores porque, segundo ele, “houve muitos atores, internos e externos, que apostaram, provocaram ou permitiram essa deterioração institucional”. Acrescenta, sobre esses atores, que “nunca foram sinalizados com o dedo e aos que cabem importantes responsabilidades”.

Durante a homenagem na Assembleia Geral, ao recentemente falecido ex-presidente Tabaré Vazquez, no dia 8 de dezembro de 2021, Domenech e Manini Ríos lembraram certas coincidências com o líder de esquerda. Entre outros assuntos, lembraram o projeto de criação do dia do “Nunca mais”, a ser comemorado, todos os anos, na data de nascimento de Artigas, no 19 de junho.

Após citar parte do discurso de Vazquez, Domenech afirma esse sentimento de nunca mais, que “compartilha a imensa maioria dos nossos compatriotas, que rejeitam a quem trafica com o ódio por motivações ideológicas e, ainda pior, por estímulos econômicos”. Também rememorou que o homenageado, segundo ele, equiparou as vítimas dos grupos armados às do terrorismo de Estado, as que deveriam ser vistas todas como vítimas, já que, apesar de serem vítimas diferentes, a dor da família seria igual.

Referindo-se à não aprovação da comemoração do dia do “Nunca mais”, Domenech expressou que “é terrível assistir a como esse mecanismo de alívio

da pressão psicológica que tem o ser humano, que é o esquecimento, é aplicado, às vezes, de maneira discricional e arbitrária”.

Sobre a atualidade daqueles que chama mercadores do ódio e como a história oficial é falha, na intervenção do dia 30 de novembro de 2020, Domenech expressou que a história da ditadura não foi contada por inteira. Assim relatou que, para ele, o governo de fato começou em “9 de fevereiro de 1973 com os comunicados 4 e 7, que supunham justamente um levantamento militar, os quais foram aprovados pelo Partido Comunista”.

Na mesma afirma: “acredito que temos que ser claros sobre quem foram os partícipes de toda essa desordem institucional que viveu o país”. Isso porque, como culmina a intervenção do 13 de abril de 2021, entende que nos acontecimentos das décadas de 1960 e 1970 que levaram à ditadura “houve culpas concorrentes. Existiram violações dos direitos humanos de esquerda, direita e centro”.

Testa, na sua intervenção de 9 de março de 2022, afirmou: “creio que há milhares de orientais a quem não temos agradecido o suficiente ou não temos agradecido nada”. Nesse sentido, ele agradeceu a:

todos os homens e mulheres civis, policiais e militares que há meio século evitaram que nossa República caísse ante os grupos armados que tentaram derrocá-la para impor um regime identificado com a Revolução Cubana de 1959, regime que cumpriu sessenta e três anos no poder, que é a antítese da forma de governo que queremos os uruguaios para nossa pátria.

Na mesma intervenção, chamou a esses de “heróis da pátria, que não sabiam nada de política nem de ditaduras”. E considera que foi um “gravíssimo erro histórico permitir que os excessos cometidos no período de fato opacassem até a ignorância a heroica luta de orientais (...) por manter a liberdade dos semelhantes (...)”. Encerra o discurso querendo homenagear e agradecer àqueles que conseguiram que “no Uruguai prevalecessem a democracia e a República tal como a conhecemos atualmente, como foi concebida pelos nossos antepassados”.

É a partir dessas caracterizações do passado que, segundo os legisladores de Cabildo Abierto, aquele é ocultado e tergiversado no presente

pelos mesmos que atentaram contra a democracia. Para esse partido, a leitura dos acontecimentos de 1960 se mistura com a Guerra Fria, com a busca de atentar contra a soberania nacional, mas com partidos ou movimentos políticos da atualidade, do Uruguai ou do exterior que também ameaçam a soberania, a partir de propostas de rupturas e de divisões da população.

Testa, na audição de 22 de outubro de 2021, abordou a questão da prisão de processados por crimes de lesa-humanidade – todos eles maiores de 65 anos. Começa expondo: “pessoalmente, nunca me encapsulei numa corrente ideológica (...) sempre concordo com o que encontre como positivo e justo, venha de onde venha”. Segundo ele, essa característica pessoal lhe faz ter “autoridade suficiente para pregar pela liberdade dos presos”.

4.4 Construção do “eles”

A partir da oposição às más políticas que levaram à desobediência civil, ao desrespeito da autoridade, às políticas de gênero e à história mal contada do passado recente, é que o partido cria um grande “eles” que vai ser combatido. Para esse partido, o enfrentamento entre orientais é o principal problema do país, e consideram que é consequência, como foi apresentado, de ações ideadas desde antes da ditadura por centros do poder do exterior, ameaçando, até a atualidade, a união nacional.

Os atores que Cabildo Abierto enfrenta, por sua vez, são acusados pelos líderes do partido de buscar corromper a opinião pública contra os principais líderes do partido. Assim, quando políticos, sindicatos, analistas políticos, historiadores e jornalistas criticam alguma postura de Cabildo Abierto ou de seus membros, são acusados de servir àqueles que buscam destruir a unidade nacional.

Desde o ponto de vista dos líderes, apesar dessas críticas e ameaças, eles e o partido saíram fortalecidos. Na sua intervenção, Domenech argumentou que: “em que pese à perseguição jurídica e política durante toda a campanha eleitoral, o povo com seus 270.000 votos, colocou o senador Guido Manini Ríos nesta casa da democracia”.

Assim como no caso das velhas direitas, tenta-se mostrar o líder como isolado com o povo. O mesmo senador afirmou que “somente será o povo, o soberano, apesar de muitos serem contrários, o responsável de tirá-lo”. Culmina

sua intervenção com a frase do líder da independência: “minha autoridade emana de vós e ela cessa ante vossa presença soberana”.

Esse partido afirma que é a esquerda quem cria o antagonismo do “nós” e “eles”. Assim o manifesta na sua audição do dia 7 de abril, o deputado Testa, ao se posicionar contra os “dirigentes políticos que se empenham em dizer que quem pensa diferente não é Uruguai, de que uns são bons e uns são pouco menos que demônios ou tontos”. Segundo ele, esses políticos dividem e enfrentam a população porque “necessitam a todo custo criar e alimentar um inimigo para manter certa unidade e respaldo, e, portanto, proteger suas posições de poder”. Afirma também que esses dirigentes que se dirigem ao povo, para enfrentar um “eles” caracterizado como o mal, “pretendem reviver os fantasmas da oligarquia versus povo”.

Esse partido também critica os politólogos ou analistas políticos. Lozano, na audição de 4 de dezembro de 2021, questiona que esses últimos diagnosticaram que “não íamos ter êxito, mas o certo é que estávamos interpretando o que a gente (...) nenhum dos politólogos tão conhecedores da realidade tinham oferecido essa possibilidade”.

Esse partido também retoma o antagonismo campo e cidade das velhas direitas uruguaias. Manini Ríos, na audição de 7 de setembro de 2021, criticou os políticos em geral, porque, segundo ele, seu partido é o único que dialoga diretamente com o povo e não fica “em borbulhas burocráticas que desde Montevideu adotam disposições que estão de costas à realidade das pessoas”.

4.4.1 Os sindicatos como ameaça para o futuro

A principal central sindical uruguaia, o PIT-CNT, foi definida, em 17 de junho de 2021, por Manini Ríos, como buscando a “transmissão do ódio (...) a quem pensa diferente, encham a boca falando em democracia, tolerância, respeito e, na prática, somente aprofundam a divisão, a separação, o ódio”.

Como já foi apresentado em outros temas, o senador considera que fazem isso porque “dessa radicalização surge a fortaleza para mobilizar, surgem réditos políticos mesquinhos”. Os sindicatos, como todos aqueles que não pertencem ao grupo do “nós”, são por esse partido vinculados ou manipulados por interesses estrangeiros.

Sobre isso, na mesma audição, Manini Ríos comentou que, para a divisão, sempre há “organizações internacionais dispostas a pagar, a financiar, companheiras¹²⁶ ONGs internacionais, uma teia de aranha para conseguir que feche o discurso”. Essas organizações, segundo Manini Ríos, coincidem com o sindicato no objetivo de que “não exista possibilidade de que reine a concórdia entre os uruguaios e reine um espírito patriótico que contribua a sair adiante”.

O sindicato é criticado porque, segundo esse partido, acaba sendo contrário ao trabalho e somente busca impor o comunismo. Como afirma Lozano, na audição de 19 de julho de 2021, “é o trabalho que dignifica as pessoas e não as dádivas do Estado”. A esse respeito, critica os sindicatos que, segundo ele, “muitas vezes confunde[m] a ideologia com o que eles têm que defender” e agrega “sua missão não é levar adiante uma ideologia comunista (...) é ajudar os uruguaios, a todos os que vivemos nesta terra, não colocar paus na roda”.

Também entendem que o agir dos sindicatos é para obter ganhos políticos. Manini Ríos, na audição de 14 de dezembro de 2021, questiona os motivos dos sindicalistas levarem aos fechamentos de fábricas ou empresas. Considera que o agir é “intencional para criar condições objetivas de mal-estar para lucrar politicamente”. Segundo ele, essas ações somente afetam negativamente os trabalhadores, empobrecendo o país. Para ele, “definitivamente temos que defender os trabalhadores, e a primeira defesa dos trabalhadores é lhes garantir os postos de trabalho, é não pôr em risco seus empregos”.

Esse partido entende que o sindicato da educação representa uma ameaça. Segundo Cal, na sua audição de 17 de março de 2022, o Frente Amplio e o sindicato são contrários às modificações da lei de urgência porque “não gostam da liberdade, porque pretendem, como têm conseguido já faz muitos anos, ter uma doutrina através da educação”. Para ele, agora “a condução será dos docentes, não da intimidação sindical da educação”.

Cal continua com a crítica ao partido e sindicatos, pontuando, na audição de 24 de março de 2022, que “as políticas que levaram a cabo o Frente Amplio e as centrais sindicais, que estão dentro da educação, fizeram com que na educação se desse um retrocesso de mil anos”. Já segundo Manini Ríos, na

¹²⁶ Os líderes do partido utilizam o termo “companheiro ou companheira” para fazer referência seja a membros da esquerda em geral ou do PCU.

audição de 15 de março de 2022, os presidentes anteriores tentaram realizar mudanças, mas não as conseguiram porque “um sindicato virulento as freou, colocou paus na roda e falou ‘aqui mandamos nós’ e tomou de reféns os nossos jovens e crianças”.

Para esse partido, os educadores são “aqueles que têm a responsabilidade de formar os nossos jovens, agem com total coragem, com total liberdade de fazer o que querem sem respeitar a laicidade”. Nesse sentido, ele propõe, na audiência de 3 de março de 2021, que é preciso “recuperar o docente que entende qual é sua função na sociedade”. Isso porque, segundo ele, atualmente os docentes “tomam suas aulas como espaço para alentar suas ideias políticas, muitas vezes gerando ódio, divisão, enfrentamento e fragmentação entre uruguaios”.

A educação é importante, para esse partido de direita, uma vez que é nela que se disputam as narrativas, a linguagem e parte da socialização dos jovens. Assim, Cabildo Abierto tende a mostrar esse sindicato como refém de uma ideologia e não como o que realmente deveria fazer, o que, segundo eles, é educar, nos parâmetros que eles considerem certos.

Numa linha semelhante de crítica, o sindicato da indústria láctea ameaça o modelo de país produtivo apresentado na seção 4.6. Como aponta Manini Ríos, na audiência de 16 de novembro de 2021, por uma “medida administrativa menor”, o sindicato “está disposto a ir ao conflito apesar de que isso signifique afetar o elo mais fraco da corrente, que é o produtor de laticínio, o pequeno produtor”.

Esse partido opõe industriais e produtores, como na audiência do dia 14 de julho de 2021, em que Manini Ríos afirma que: “sacrificados produtores estão expostos também ao irresponsável e irreflexivo agir de alguns funcionários que possuem confortáveis salários e seguros ingressos mensais”.

Esse partido realizou um projeto de lei, que, conforme explicou Cal na intervenção no senado em 21 de dezembro de 2021, tinha a pretensão de regularizar as organizações de trabalhadores e empregadores. Isso porque considera que, no Uruguai, existem “diferentes excessos sindicais” a partir de “uma condução quase caprichosa ou anárquica da nossa principal central sindical”.

Também criticando o agir sindical, Lust, no senado, em 14 de dezembro de 2021, defendendo a comissão investigadora sobre horas sindicais de professores sindicalizados, afirma que “está muito longe do nosso interesse realizar perseguição sindical, acreditamos que o que fazemos é localizar a tarefa de cada um”. Isso porque, segundo ele, em vez de defender os interesses dos filiados, os sindicatos “tomaram funções de governo”.

Assim, acusa que as reclamações dos sindicalistas não são por perseguição, mas sim por recuperar essa função de governo “que nunca lhes correspondeu, por definição vem amarrada a uma perda de uma quantidade de benefícios que obtiveram de maneira ilegítima”.

CA propôs um projeto de lei para que os sindicatos se constituam como pessoa jurídica. Sobre isso, Monzillo, em 21 de dezembro de 2021, questionou a central sindical porque “quicá, o que não se quer é que certos sindicatos tenham pessoa jurídica para que não exista transparência sobre o que ali acontece”. Também os critica por se oporem ao sistema de voto secreto, já que, segundo ela, “sabemos perfeitamente que muitas pessoas são forçadas a votar coisas nas assembleias para não se sentirem pressionadas pelos seus próprios companheiros e acabam votando o que não querem”. No mesmo dia, o deputado Lust afirmou que “não ser pessoa jurídica dá indenização, imunidade, não posso ser objeto de um juízo como instituição”.

Essas falas mostram como esse partido localiza os sindicalistas como parte do “eles” que não se importa com o futuro do país, que segue seus próprios interesses e que é contrário às normas e leis do país. Ao mesmo tempo, os membros do partido se mostram como os combatentes das irregularidades daqueles que deveriam defender os trabalhadores.

4.4.2 O sistema judicial como ameaça à soberania

Para esse partido, “é lamentável que a política seja judicializada e a justiça politizada. Acredito que transitamos há muito tempo por esse caminho que faz tanto mal à justiça e à política”, como pronunciou Domenech, em 30 de setembro de 2020.

Essa fala ocorreu durante a votação pela retirada dos privilégios parlamentares de Manini Ríos para ser levado a juízo. Para ele, esse ditame, como algumas leis implementadas pela justiça, segue o “ritmo de lemas impostos

internacionalmente pelos grandes centros de poder mundial que, sem hesitar, têm seguido governos que se autodefinem de esquerda ou direita”.

Também afirmou: “tenho um juízo crítico sobre o novo procedimento penal e a lei que cria o serviço descentralizado da *Fiscalía General de la Nación*”. Já que, no seu entender, ambos representam uma “fratura na tradição jurídica latino-romana à que responde, na sua generalidade, nossa organização jurídica, importando um modelo do direito anglo-saxão, brigado com nossas tradições jurídicas”.

Essas primeiras falas apresentam o sistema judicial como sendo politizado e perseguindo o líder do partido. Ao mesmo tempo, associa ao sistema judicial o que chamam “grandes centros de poder”, que se contradizem com o que viria a ser tradicional no Uruguai. Assim como o sindicato, para esse partido, o sistema judicial também está extrapolando as funções, impulsionado por organizações internacionais.

Manini Ríos, na audição de 4 de maio de 2021, acusa que o Poder Judicial “está interferindo como a atividade de um ministério, essas decisões estão baseadas em ditames de organizações internacionais, de juristas estrangeiros”. Essas são “organizações dependentes da ONU ou bancadas por ONGs, que no mundo decidem, se introduzem no nosso Direito com força constitucional”. Segundo ele, a partir dessas organizações estrangeiras é que “diversos atores que formam nosso sistema de justiça agem com base no que é decidido, impulsionado desde fora do país, sem que nossa cidadania, sem que o Parlamento o ratifique”.

Para esse partido, a anteposição de tratados internacionais à Constituição é parte do antagonismo do “eles”, que são contrários ao interesse nacional, e o “nós”, que seria o defensor da tradição. Isso se verifica na intervenção de Manini Ríos que, no dia 4 de agosto de 2020, criticou “quem toda sua vida aceitou e aceita que nos seja indicado desde outras latitudes o que devemos fazer, de quem exhibe com orgulho seu *cipayismo*¹²⁷ apátrida”.

Além de importadas, Domenech entende que essas inovações ferem a Constituição, como afirmou em 13 de julho de 2021, no senado. Nessa ocasião,

¹²⁷ O termo *cipayo* vem do recrutamento dos soldados indianos pelo Império Britânico. Na América Latina, foi utilizado de forma análoga nas lutas coloniais, voltando-se ao discurso nos anos de 1960.

criticou os promotores, especialmente porque “o que o senhor Díaz¹²⁸ está fazendo é domesticar a Fiscalía General de la Nación para que seja um instrumento de seus desejos pessoais”.

Também criticando o fiscal, Lust rebateu acusações ao Ministro do Interior, no senado, em 28 de setembro de 2021, acusando que “50% do que é imputado ao Ministro deveria ser imputado ao companheiro Díaz, ao companheiro do Partido, ao promotor Díaz, ao criador desse sistema [Novo código penal]”. Esse é acusado pelo deputado de negociar com os presos, de lavagem de dinheiro, de ser parcial, entre outras coisas.

Dessa forma, o partido, sem criticar diretamente as instituições jurídicas e continuar se mostrando como defensor da democracia e contrário à corrupção, critica os magistrados. Essa crítica se aprofunda uma vez que, desde o sistema judicial, acusa-se o principal líder de cometer crimes vinculados à justiça transicional.

Para defender a democracia desse tipo de funcionário, o partido elaborou um projeto de lei. Esse foi apresentado na audiência de 12 de fevereiro de 2022, quando Domenech afirmou que eles “querem dar as garantias a todos os cidadãos de que não serão perseguidos arbitrariamente por se impor à hoje tão em voga ideologia de gênero”, que, segundo ele, leva a condenar acusados sem provas. Para o senador, contrariamente “estaremos navegando na arbitrariedade de quem tem como modelo a Fidel Castro, ao senhor Maduro, ao senhor Ortega”.

O projeto de lei de Cabildo Abierto coloca uma série de regulamentações à atuação dos magistrados. Na audiência de 14 de abril de 2022, Manini Ríos referiu-se às críticas dos promotores como um “indício de que realmente temos que continuar para sair em frente com esse projeto, como garantia do convívio democrático”. A importância, para ele, está em que se pretende “acabar com a perspectiva de que há um preconceito, às vezes político, e que, segundo de quem se trate, a forma de agir no processo penal é de uma forma ou de outra”. Porque, segundo ele, muitos acabam “agindo como militantes e não bastiões ou referências fundamentais em tudo o que faz ao processo penal”.

Também, criticando o sistema judicial em relação à justiça transicional, na intervenção do senado em 4 de agosto de 2020, Manini Ríos afirmou: “o que aqui

¹²⁸ Jorge Díaz foi o promotor de corte de 2012 a 2021.

está em jogo não é a defesa de uma corporação [militar], mas a vigência do Estado de Direito”. Considera que se “hoje são os cidadãos uniformizados; amanhã pode ser qualquer um que fique exposto à arbitrariedade enviesada do magistrado de turno; isso debilita a democracia”.

Os magistrados agem dessa forma arbitrária, segundo ele, desde a lei interpretativa da lei de caducidade que define como a “mais legítima de todas nossas leis, foi revogada por uma maioria de votos no senado em 2011, mediante uma lei que foi declarada inconstitucional pela Suprema Corte de Justiça”. Segundo o senador, “a partir desse momento se abriu caminho para que certos magistrados agissem com total impunidade, alentados por um coro em que somente lhe interessa a vingança”.

Como parte da justiça transicional, em 2008, foi criado o que Domenech define como um “mau” chamado Instituto Nacional de los Derechos Humanos (INDDHH). Esse é um instituto dependente do Poder Legislativo, sendo fortemente criticado pelos representantes do partido.

Domenech criticou esse instituto, em 1 de dezembro de 2021, porque os sítios da memória que o mesmo reivindica não incluem aqueles que rememoram os que Cabildo Abierto chama de vítimas. Para o senador, o INDDHH reconhece somente “uma parte da história, a que tergiversa e pretende ocultar, ignorar e calar a outra parte, a que nos explica porque no Uruguai aconteceram os sucessos que aconteceram”.

O senador afirma que “essa suposta instituição defensora e investigadora da forma que se comungam os direitos humanos neste país não existe”. Assim, Domenech também, desde uma perspectiva legislativa, propõe que esse instituto seja revisado, pois, segundo ele, constituiu um “aborto da natureza, porque se contrapõe às normas constitucionais, (...) pessoas envolvidas não podem se defender nem aportar provas”.

Esse instituto é criticado na sua composição jurídica, por Lust, na sua audição de 9 de dezembro de 2021. Segundo ele, “é uma instituição inconstitucional que eles mesmos [integrantes do INDDHH] confessam que sua natureza jurídica é duvidosa”. E adiciona: “um sistema curioso, indefensável desde o ponto de vista jurídico e que tem me motivado a apresentar, na próxima semana, um projeto de lei revogando artigos dessa mesma lei [que cria o instituto]”.

As críticas a esse instituto também constroem o antagonismo do “nós” e “eles”. Assim fica explicitado na audição de 4 de setembro de 2021, em que Domenech contrapôs a visão de CA com a do INDDHH. Para ele, o partido “é um firme defensor dos direitos humanos, mas a defesa desses não deve significar uma máscara para defender determinadas posições políticas em detrimento de outras”. Finaliza afirmando que as más práticas que identifica no instituto podem acontecer em países comunistas, mas não no Uruguai.

O INDDHH, mediante uma carta aberta, realizou críticas à lei de urgência. Uma das críticas rebatidas por Lust é que a lei coloca em risco a vida da população. Assim, na sua audição de 9 de dezembro de 2021, considerou que, se aqueles estivessem certos, significaria que “eles [membros do INDDHH] estão dentro de um sistema orgânico integrado por criminosos que somos os legisladores que apoiamos a LUC”. Continua com ironia afirmando que, dessa forma, deveria ser para os membros do instituto “desconfortável trabalhar para uma instituição integrada por criminosos, quando eles são os protetores dos direitos humanos, [finalizando com um] claro que o cargo é remunerado”.

O partido critica a constituição legal e os integrantes do instituto. Assim, surge dessa última fala a afirmação de que os membros do INDDHH buscam o réditio político e não a defesa dos direitos humanos. Por sua vez, continua adicionando atores ao “eles”. Nesse caso, a crítica vai dirigida aos que pretendem rever o passado recente ou controlam possíveis casos de abuso de poder das forças do Estado. Esses atores vão aparecer, para o partido, agindo por interesse próprio e não pelo bem comum.

Também sobre as críticas à lei, Lust afirma, no dia 28 de setembro de 2021, no senado, que: “achei que estava descrevendo o governo do Goyo Álvarez¹²⁹. Fiquei surpreso com os companheiros da Instituição Nacional de Direitos Humanos”. A partir dessa fala, o deputado busca insinuar também que o instituto tem um viés político-ideológico, e entende isso como negativo.

No mesmo sentido, na audição de 4 de setembro de 2021, Domenech se referiu ao INDDHH como “o refúgio de pessoas que fracassaram politicamente (...) trata-se de um destino político bem remunerado, é uma dilapidação de recursos públicos”. Critica também o agir da instituição, que considera

¹²⁹ Último militar que governou de fato no Uruguai, de 1981 a 1985.

enviesado, porque “não investiga as violações prévias à ditadura por grupos terroristas que pretendiam mudar a forma democrática de governo mediante a violência”.

4.4.3 Meios de comunicação e a ameaça dos interesses privados

Na sua audição de 18 de janeiro de 2022, Manini Ríos questionou “certos meios de comunicação que têm se dedicado constantemente a criticar o novo partido, o seu líder, seus dirigentes e até seus militantes”. Considera que “os métodos são vários, o objetivo é claro, instalar na opinião pública o conceito de que *Cabildo Abierto* é perigoso para a institucionalidade e para a República”.

Na mesma audição, aponta que “trata-se de um esforço sistemático, dirigido desde alguma central não visível”. Após realizar uma série de questionamentos à relação entre o jornalismo e essas supostas centrais, e advertindo que não busca teorias conspiratórias, mas diagnostica a realidade: “por trás dos poderes visíveis estão os que dirigem o poder atrás dos bastidores”.

Esse poder oculto, segundo o senador, busca “enfrentar dirigentes independentes e dignos e que não foram capturados pelos verdadeiros tentáculos do poder não visível”. Esses dirigentes seriam os de *Cabildo Abierto*, que, como não obedecem a esses supostos poderes ocultos, acabam sendo criticados pelos meios de comunicação. Essa característica foi apresentada por Stanley, quando identifica a estratégia de criticar a imprensa quando essa questiona a visão de mundo do grupo, como também apareceu no sindicato docente.

No mesmo sentido, na audição de 11 de janeiro de 2021, Manini Ríos, acusando meios de comunicação e analistas políticos de responder a grupos econômicos que se opõem a *Cabildo Abierto*, afirma que esse último “irrompeu no cenário político desafiando o relato político imposto e colocando na agenda política assuntos que afetam os interesses de personagens acostumados a não serem tocados”.

O partido acusa os “comunicadores que agem em definitiva como sicários dos seus mandantes”. Um desses mandantes seria o que o partido chama de “*lobby* celulósico”, que, como aponta Manini Ríos, na audição de 28 de dezembro de 2021, “inundou os meios de comunicação com propagandas, com dinheiro generoso que foi correndo”.

A contraposição do “nós” e “eles” também aparece com os meios de comunicação. Assim, durante sua audição, de 27 março de 2021, Domenech destacou o jornal La Mañana porque “pelo seu nível deve ser a publicação política de maior importância no Uruguai”. Ao mesmo tempo, considera que esse jornal “coloca no seu lugar a Búsqueda, que nasceu para ser o porta-voz das ideias econômicas do neoliberalismo que depois se constituiu no bastião das ideias econômicas do governo de fato”.

Assim, aponta que a esse último periódico, bem como a todos os meios de imprensa: “talvez lhe incomode que Cabildo Abierto busque revogar a lei que pretende ser interpretativa da lei de caducidade”. Também sugere que pode ser que “lhe incomode a lei de reparação das vítimas do terrorismo de grupos políticos armados na década de 1960 e 1970”. Faz o mesmo com a lei que é contrária à usura e a preservar solos de prioridade florestal, mostrando os diferentes supostos centros de poder que se encontram por trás dos comunicadores.

A ideia de grupos de fora também é apresentada por Lozano, quando, em 1 de junho de 2021, acusou o relator especial para a liberdade de expressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, que, durante uma entrevista para uma “agência internacional”, realizou críticas ao governo. Essas, segundo ele, representaram “uma série de afirmações que ele sabe não têm nada a ver com a realidade dos fatos”.

Por um lado, o senador defendeu a liberdade de expressão; e, por outro, o criticou por fazer mau uso dessa: “pode realizar todo tipo de comentários e relatos, mas o problema é quando se atravessa o sentido de outro valor humano, como é a ética”. Por sua vez, Manini Ríos, na audição de 24 de junho de 2021, apontou que o jornalista é *frenteamplista* e funcionário do governo da capital uruguaia; afirmando que “é clara a intenção de mostrar no país uma deterioração da liberdade de expressão, o que é uma falsificação flagrante da realidade, mas não nos surpreende”.

Para além de acusar a Comissão de ter uma intencionalidade político-partidária, também afirmou que “quem está por trás desse informe é uma ONG fundada em 2011, CAINFO¹³⁰, que foi financiada e tem vínculo com George

¹³⁰ O Centro de Archivo y Acceso a la Información Pública se autodefine, no seu site oficial, como: “associação civil sem fins lucrativos que desenvolve ações no Uruguai pelo direito à

Soros”. Soros¹³¹ é a figura em que as direitas atuais localizam um suposto inimigo internacional. Na mesma audição, Manini Ríos o definiu como “o criminoso de colarinho branco, sempre disposto a financiar as causas que dividem os povos, que enfrentam os diferentes setores, que debilitam a família, entre outras”.

Manini Ríos finaliza essa audição fazendo o seguinte questionamento: “Esse tipo de ação demonstra o que pode ser feito quando são dominados os meios de comunicação a serviço de causas espúrias”. Considera uma ameaça que “nossos meios de comunicação possam cair em mãos estrangeiras que, com intenções alheias ao servir ao nosso povo, possam distorcer a realidade”. Cabildo Abierto, buscando combater essa ameaça, propõe “estar sempre alerta, porque podemos chegar a ficar presos ou vítimas da desinformação organizada e sabemos que há muito interesse em nos deixar inertes como sociedade”.

Por esse motivo, Cabildo Abierto apresentou um projeto de lei de meios, o qual, segundo Manini Ríos, busca combater a concentração dos mesmos e assim melhorar o sistema democrático. O senador, em 17 de julho de 2021, afirmou que pretende “fortalecer o sistema democrático republicano, garantir aos cidadãos seu direito a receber uma comunicação política imparcial, séria, plural, rigorosa e equilibrada”.

Em relação a quem considere que essa lei não busca favorecer a democracia, Manini Ríos diz que “o faz baseado em determinados interesses e acreditamos que isto não é bom para a opinião pública uruguaia”. Essa última fala também apresenta a construção do “nós” que busca melhorar o sistema democrático e o “eles” que defende interesses que não fazem bem. Ao mesmo tempo, também mostra o argumento antes citado de que quem é contrário ao grupo é antinacional.

4.4.4 A ameaça dos “pseudoprogressistas”

Os líderes de Cabildo Abierto aqui escolhidos, ao mesmo tempo que negam a própria ideologia, questionam a dos outros partidos, especialmente a

informação pública, liberdade de expressão e participação social”. Tradução da autora a partir do site de CAINFO.

¹³¹ George Soros é definido, pela sua fundação *Open Society*, como um filantropo húngaro e judeu que, após viver na Hungria nazista e comunista, formou-se como economista em Londres e fez sua fortuna trabalhando com finanças, nos Estados Unidos.

da esquerda. Assim o fez Manini Ríos, no dia 30 de setembro de 2020, referindo-se ao FA como o “autodenominado progressismo” que “debaixo da máscara de defensores dos direitos humanos, têm se dedicado a negócios (...) defraudando a milhares que pensaram que queriam mudar a realidade histórica”. Segundo ele, “durante décadas envenenaram a alma de gerações de uruguaios, alimentaram uma fratura funcional aos seus interesses políticos”.

Na mesma intervenção, afirma que os políticos do FA buscaram colocar *Cabildo Abierto* como “uma ameaça à democracia”, a seus líderes como “extremistas, fascistas e nostálgicos da ditadura, epítetos que há décadas usam para qualquer um que resista a aceitar seu relato ou suas ideias de corte totalitário e destruidoras das nossas instituições”. Novamente se posiciona como o partido que é assediado por aqueles que têm interesses totalitários e identifica a ameaça no outro.

Nesse sentido, afirma que “são outros os que devem provar sua vocação democrática” porque “são outros que após o golpe de Estado quiseram apoiar ditadores, supostamente *peruanistas*, demonstrando a falsidade de seu apego às instituições democráticas”. Dirige essa crítica ao PCU, que comemorou seu aniversário “içando a bandeira com a foice e o martelo – bandeira soviética – à sombra da qual dezenas de milhões de pessoas pagaram com sua vida a luta pela liberdade”.

Cabildo Abierto foi o único partido que não assistiu à comemoração, no parlamento, pelos cem anos do “Partido Comunista”. Sobre isso, Lozano, em 6 de novembro de 2020, após afirmar que foi parabenizado pelos seus votantes e os dos outros partidos, definiu o PCU como um partido totalitário “que, como sabem, tem um longo histórico de genocidas e violadores dos direitos humanos”.

Assim como o PCU, o FA também é acusado de totalitarismo, especialmente pelas suas propostas de implementar uma renda básica e de diminuição da mobilidade dos indivíduos, devido à pandemia da Covid-19. Domenech, em 6 de julho de 2020, criticou essas propostas no senado, porque considera que a “renda básica e o confinamento (...) são ideias do globalismo autoritário de direita e esquerda”. Agregou, também, que cumprem “o sonho dos grandes plutocratas: ter a todo mundo dependendo de uma renda servida pelas instituições financeiras internacionais e a todo mundo confinado”.

Segundo o senador, “isso aconteceu na União Soviética; ali existia renda básica e confinamento. Isso acontece em Cuba, país que visitei em muitas oportunidades”. Sobre esse último país, considera que experimenta o maior mal, a falta de liberdades. Domenech, na sua audição de 9 de agosto de 2021, alerta para a periculosidade de que políticos uruguaios justifiquem o que lá acontece. Adverte que isso mostra os “perigos que podem afrontar um país democrático como o nosso quando existem muitas pessoas que acreditam nos cantos de sereia do igualitarismo comunista”.

Além disso, define o comunismo como “uma casta burocrática que dirige o país no seu benefício, como o fazem os Castro, os Diaz Canel e um povo submerso”. Culmina essa seção chorando e citando um livro que narra a história de cubanos, para os que, segundo ele, “a invocação de deus era o último recurso desses jovens que iam ser cruelmente assassinados, Viva Cristo rei!”. A mobilização de valores morais e liberdade ameaçados e o medo e sentimentalismo são outra das ferramentas que utilizam essas direitas que procuram mostrar um perigo iminente e real de seus inimigos.

O partido, como foi visto, define o estado atual como de “inquietação política”. Manini Ríos, em 13 de abril de 2021, considera que isso ocorre após “anos de aplicar a lógica de dividir os uruguaios nos bons e nos ruins, nos que pensam como um, os solidários, os que têm nossas mesmas preocupações e sensibilidades” e, por outro lado, “os que pensam diferente, os egoístas, os que somente pensam nos seus interesses, os vendedores da pátria ao serviço dos grandes centros de poder”.

Segundo o senador, isso leva ao “enfrentamento político e cultural generalizado, caracterizado por uma alta dose de irracionalidade, ódio, prejuízo, intolerância e fanatismo”. E finaliza afirmando que “para quem se comporta validando essa divisão, o próprio grupo é o único que tem legitimidade, enquanto o outro deve ser descalcificado de maneira completa”. Novamente, acusa o partido da esquerda de dividir entre um “nós” e um “eles”, considerando que é uma estratégia para causar divisionismo e ganhar rédito político.

A mesma visão aparece na audição de 19 de novembro de 2021, na qual Sodano se refere aos dirigentes do “Frente Amplio”, que, segundo ele, “querem dividir o povo uruaio para conseguir gerar crises econômicas e sociais, para

conseguir voltar ao governo; o seu principal objetivo é machucar os orientais (...).”.

Por um lado, Manini Ríos, na sua audição de 15 de março de 2022, apresenta o governo atual como defendendo os mais frágeis, enquanto “o que defendeu os poderosos tem sido o Frente Amplio, que lhe colocou um tapete vermelho a toda empresa multinacional que chegou pedindo benefícios”; “bancarização obrigatoriamente a toda a sociedade uruguaia (...) obrigando os uruguaiois a dar lucros à banca internacional”. Isso porque, segundo Manini Ríos, na audição de 6 de julho de 2021, “o Frente Amplio busca ficar bem parado, fazer boa letra com os centros de poder, com as políticas do poder global, com quem se deu bem nos seus 15 anos de governo”.

4.4.5 A ameaça dos grandes centros de poder

Como aparece em todas as dimensões aqui abordadas, um dos problemas do país, segundo os representantes de *Cabildo Abierto*, é a ameaça à autodeterminação, a perda da soberania devido ao que chamam de grandes centros de poder, que, segundo eles, estariam ocultos.

Essa ameaça se estabelece no Uruguai, segundo Domenech, na intervenção no senado, em 30 de novembro de 2020, por causa do gasto e da dívida. Esta, segundo ele, leva a que se instalem “esses grandes grupos econômicos que centralizam seu poder nos ganhos da exploração dos recursos da América Latina”. Por isso, para ele, “hoje vemos os pequenos e medianos produtores rurais encurralados pelas multinacionais”.

Domenech coloca como exemplo a sua própria realidade: “os que temos pequenas explorações agropecuárias conhecemos a pressão que essas multinacionais exercem sobre os produtores”. A afirmação de que existe uma ameaça ao campo é importante, porque, como se abordará na seção 4.6.1, o mundo rural representa o modelo de país que o partido propõe, com um tipo de família, de forma de trabalho e de organização produtiva.

A defesa desse modelo de país vem relacionada à defesa do trabalho nacional. Na sua audição de 10 de março de 2021, Manini Ríos afirmou: “acreditamos que temos que discutir as políticas que levam a nos ajoelhar como Estado diante de uma multinacional em detrimento do trabalho uruguaio”.

Ante a suposta intervenção internacional e ameaça à soberania, na audiência de 27 de abril de 2021, Manini Ríos defendeu a aplicação da Constituição que é a “máxima norma do Uruguai, que dá garantias a todos”. Por isso, o partido se opõe a medidas “de organizações internacionais, seja a ONU, a OEA ou a que for, às vezes estão integradas por 6 ou 7 membros que nunca na vida estiveram no Uruguai (...)”, que são contrárias ou diferem daquelas estabelecidas na Constituição.

Um desses centros de poder, segundo o partido, é a União Europeia. Essa é definida por Domenech na intervenção no senado, em 30 de novembro de 2020, como uma “plêiade de burocratas que, entrincheirados em espaços internacionais bem pagos, dedicam-se a destruir uma civilização milenária [cristianismo]”.

O senador entende que essa organização atualmente pretende instalar uma “modernidade” contrária aos valores tradicionais. Para apoiar sua afirmação, coloca um exemplo de “uma obscura funcionária de eliminar das comunicações da União Europeia toda referência ao Natal, que aconselha, também, que deixem de ser utilizados os nomes José e Maria”.

Para além da ameaça aos valores, um dos principais problemas do país, segundo o partido, é a baixa natalidade que acentua a queda demográfica do Uruguai. Para Manini Ríos, segundo manifestou no senado, em 17 de agosto de 2021: “a classe política, os dirigentes sociais, os referentes das diversas atividades que formam o fazer nacional” segundo o senador, “parecem olhar para outro lado e ignorar esse tremendo problema, ou, pelo contrário, se unir ao agir de organizações que têm como objetivo declarado reduzir a população mundial”.

Refere-se, dessa forma, à *Planned Parenthood* e à *Open Society Foundation*, organizações que define como “sempre dispostas a financiar projetos que nos dividam, debilitem e deixem-nos fracos e incapacitados, que nos impeçam opor aos seus objetivos (...) que não necessariamente coincidem com os do país”.

Assim, o partido denuncia como os políticos que formam parte do “eles” não têm interesse no bem nacional e sim em receber financiamento dessas organizações; enquanto o partido, o “nós”, busca defender o país, seus valores e sua soberania. Cabe destacar que essa suposta ameaça que busca debilitar o

povo para dominá-lo apareceu na JUP e inclusive na divisão antagônica defendida pelo *pachequismo* e pela ditadura cívico-militar.

4.5. Retomar o verdadeiro ser nacional

O verdadeiro sentir nacional, para os dirigentes desse partido, é construído a partir da mistificação de um passado que consideram glorioso. Esse aparece vinculado às lutas pela independência, onde consideram que nasceu o sentimento de nacionalidade. Ao mesmo tempo, partem das releituras do ser nacional de Rodó que lhes permitem integrar esse passado histórico à convergência apresentada no capítulo anterior dos interesses dos conservadores contra o *batllismo*. Para esses conservadores e para os conservadores que vieram depois, Artigas foi uma ferramenta de reivindicações patrióticas e Rodó um intelectual de referência.

4.5.1 Hispanismo e americanismo, releituras de Rodó

Rodó é uma figura que aparece muito nas referências de como interpretar a atualidade, do ser nacional vinculado à América Latina e ao hispanismo. Esse será um referente ideológico desse sentir nacional e cabe rememorar o seu enfrentamento com o *batllismo*.

Durante a homenagem a Rodó, em 7 de dezembro de 2021, Domenech afirma que o entendeu a partir da sua “amizade com Hugo Manini Ríos, um *rodoniano enragé*”. Após citar um livro de Manini Ríos, afirma “temos que recuperar o orgulho de ser hispano-americanos”. Para Domenech, o legado de Rodó foi “nos chamar a ser orgulhosos da nossa cultura, da nossa cultura greco-latina-cristã e ter chamado à unidade da América, que continua em perigo”.

Essa visão da cultura uruguaia como herdeira das culturas grega, latina e cristã e associada com o hispanismo mostra similitudes com movimentos que se percebem na direita que compõe a autodefinida *iberoesfera*¹³². Apesar de não encontrar uma menção direta a essa última, há uma coincidência na forma de definir a cultura e de enfrentar as identidades. Também coincide com as

¹³² A *iberoesfera* é um conceito criado pelo partido ultradireitista Vox, como forma de união de todos os líderes de fala hispana, como os supostos defensores da liberdade frente ao totalitarismo comunista.

releituras de um nacionalismo americanista que buscou estabelecer outrora o *ruralismo* e foi retomado com ênfase no hispanismo pelo governo ditatorial.

Em sentido similar, Manini Ríos, em 14 de julho de 2021, no senado, define esse pensador como o que pretende “dar sentido de identidade americana às letras do continente, mostrando seu apoio à língua de Cervantes porque sabe que, sem hispanismo, não há identidade”. Assim define o autor como “pensador idealista, predicador moralista e americanista desconfiado, censor e zelador da cultura”.

O senador também defendeu a vigência de Rodó a partir do chamado à juventude: “são tempos em que nossos jovens parecem ter perdido sua motivação para viver, parecem não ter um caminho a seguir”. E agrega: “a pior pandemia que hoje sofre nosso país não é a do coronavírus, mas a falta de motivação e confiança em si mesma de grande parte das pessoas”. Para ele, essa “pandemia” se agrava na juventude, decidindo, então, “convocar as forças da esperança, transmitir o potencial que significa ser jovem, essa força capaz de transformar o mundo”.

Rodó foi “insígnia da República uruguaia, reconhecido em todo o mundo que realizou uma obra importantíssima”, afirma Lozano, na audição de 25 de outubro de 2021. Exalta a “visão desde o ponto de vista filosófico da importância da juventude para o desenvolvimento do mundo”.

O chamado *rodoniano* à juventude, a ser parte do futuro, apareceu no passado em alguns integrantes da JUP. Já foi citada a relação de Hugo Manini Ríos com essa organização, no passado e com o centro de estudos sobre Rodó, no presente. A juventude como a vanguarda dos valores tradicionais é fundamental para os grupos conservadores que pretendem disputar, com a esquerda, a mobilização desse grupo.

Rodó, para esse partido, continua vigente porque seus dirigentes consideram vigente a ameaça de divisão nacional propugnada por organizações internacionais e atores locais. Assim, segundo Domenech, na audição de 1 de outubro de 2021, Rodó é “obviamente hoje esquecido nos programas de literatura do nosso ensino”. Para o senador, essas ideias revigoram “num mundo em que são necessárias a concordância e a verdade e não verdades pela metade, nem conflitos fratricidas que tanto têm nos separado”.

4.5.2 A retomada e releitura do *artiguismo*

Cabildo Abierto, ao se chamar *artiguista*, busca “levantar essas velhas bandeiras um pouco corroídas, gastas e muitas vezes esquecidas, levantar essas bandeiras com novos braços, com novos ventos, com nova força”, como declarou Manini Ríos na audição de 5 de abril de 2022. Essas bandeiras são as do *artiguismo*, que adquire diferentes formatos segundo como se realiza a releitura.

Uma releitura é feita a partir da ideia de integração regional. Assim, Lozano, na audição de 20 de junho de 2021, menciona a “Pátria Grande” e cita uma frase de Artigas: “no futuro, que seja uma grande família de irmãos, que nada seja capaz de contrariar nossa união”. Essa forma de entender a tradição, para além do território uruguaio, como se verá em breve, vai em consonância com a releitura de Rodó, do que é ser latino.

A nacionalidade no Uruguai, para esse partido, encontra-se entrelaçada às lutas pela independência, como busca de retomar uma tradição própria e afastada dos partidos políticos, com os quais concorre no cenário político. Na audição de 19 de maio de 2021, Manini Ríos referiu-se ao aniversário da batalha de Las Piedras, onde se “consolidou o prestígio do então Tenente Coronel de Milícias José Gervasio Artigas”. Segundo ele, “nesse dia nascia o exército nacional que, com o passo dos anos, se transformaria na instituição vertebral do nosso país”. Considera que o exército é “instituição fundadora da nossa nacionalidade”.

Assim, o sentimento de nacionalidade, segundo Manini Ríos, em 1 de setembro de 2021, no senado, é originado no *artiguismo*, nas lutas que “o povo oriental empreendeu, seguindo seu caudilho contra espanhóis, portenhos¹³³ e portugueses”. Na continuação, pergunta a si próprio se realmente o Uruguai é independente e se são honrados aqueles que lutaram pela independência.

O senador define independência como “defender nosso patrimônio, pensar no país que deixaremos às futuras gerações, preservar as terras para os desenvolvimentos produtivos do futuro, resolver os grandes problemas do país”. Por sua vez, esses grandes problemas seriam, para o senador, “o tema demográfico, a dívida externa e a inserção comercial do Uruguai no mundo”.

¹³³ Portenhos é a forma de se referir, neste caso, ao governo centralista de Buenos Aires.

Também estariam dentro da discussão os grandes problemas, o “não aplicar políticas criadas em outras latitudes, que tendem a nos dividir, enfrentar e debilitar e a nos deixar fracos frente aqueles interessados nos nossos recursos” e o “não renunciar a ser sujeitos da nossa história, não negar nosso passado, nossa história, nossa fé, nossa língua, tudo aquilo que em definitiva dá identidade nacional”.

Resume-se que essa independência se retomaria voltando à essência do *artiguismo*, que seria “respeitar a vontade do povo uruguaio, que se reflete principalmente na Constituição da República e em não apoiar decisões que se tomam em organismos internacionais, que às vezes são diferentes”. Isso porque o partido tem como elemento fundamental dessa releitura a defesa da soberania nacional. Em respeito a isso, Domenech, na audiência de 25 de fevereiro de 2022, refere-se à frase de Artigas: “não esperemos mais que de nós mesmos”, para alertar sobre como povos como o uruguaio ou ucraniano, cujos solos são ricos pela agricultura, “devem se cuidar dos vorazes apetites que circulam no mundo e que sem piedade não duvidam em desatar violência e ódio”.

Como manifesta Manini Ríos, na sua audiência de 30 de novembro de 2021, o “*artiguismo*, que tem a mesma vigência que há dois séculos, se baseava em dois elementos fundamentais, a sensibilidade pelos mais fracos (...) e o respeito à soberania dos povos”. Por isso, entendem que ser *artiguista* hoje é “respeitar o que os uruguaios dispuseram para si mesmos, é não aceitar a ingerência de gente que, desde fora ou de organizações internacionais, pretendem que apliquemos”.

4.5.3 O que retomam do passado

A utilização que o partido faz do *artiguismo* lhe permite negar a dicotomia esquerda e direita. Assim, Domenech, no dia 2 de dezembro de 2020, afirmou “não nos consideramos nem liberais nem socialistas; nenhum dos nossos *próceres* teve que fazer profissão de fé liberal e muito menos socialista”.

Em referência à importância dos valores do *artiguismo*, Capillera, em 30 de julho de 2021, afirmou que ele mesmo trabalha “como o *prócer*, caminhando junto a vocês sem medir as capacidades, mas os valores, a dignidade, a honradez e o amor pela Pátria, sem cálculos, condições nem parabenizações, porque assim somos”.

Como foi aqui mencionado, a partir das releituras do passado é que o partido busca se legitimar no sistema de partidos. Assim, em 16 de junho de 2021, homenageando a Artigas, Manini Ríos pontuou “pensamos que as ideias de quem forjaram nossa pátria às vezes nos iluminam o caminho para enfrentar os desafios do presente”.

Aquilo que resgata do *artiguismo* aparece na citação na fala do líder da independência de abril de 1815: “A vitória da liberdade não é garantia enquanto existam entre nós esses inimigos ocultos ou descobertos, sempre inflexíveis, sempre irreconciliáveis”. A ameaça atual são as divisões e enfrentamentos internos “generosamente financiadas por quem nos quer inertes, apoiados em ideologias pseudocientíficas que nem sequer admitem opiniões diferentes”.

Segundo o senador, em *Cabildo Abierto*, “consideramos importante lembrar que já o *prócer* há dois séculos nos alertava desses inimigos irreconciliáveis, incapazes de um gesto que busque a unidade dos uruguaios”. Essa retomada do passado heroico como forma de explicação dos problemas do presente ajuda na construção do “eles”, que vai contra a tradição do ser nacional, e do “nós”, *Cabildo Abierto*, que defende a unidade assim como o fazia o líder da independência.

Esse enfrentamento com quem não é continuador da tradição aparece quando, lembrando outra batalha das lutas do passado, Manini Ríos, na audiência de 20 de abril de 2021, afirmou que essa parte da história uruguaia não é realmente valorada. Isso, segundo ele, é “fruto de anos de diminuir a importância dos eventos históricos, daquilo que significam as raízes do nosso país, da nossa pátria”.

Para o partido, essa diminuição do sentimento nacionalista é intencional e relacionada com a ameaça desintegradora dos centros de poder. Manini Ríos, na audiência de 13 de abril de 2021, lembra a frase de Artigas: “união, caros compatriotas, e ter certeza da vitória”. A partir dessa frase, que o líder utilizou para animar o povo a lutar contra os impérios, Manini Ríos destaca que “hoje os orientais, já uruguaios, enfrentam um inimigo diferente, que não é o vírus [covid-19] (...) o pior inimigo é o estado de inquietação política de confrontação, divisão e fragmentação”.

Esse passado, além de lembrado, é exaltado; para o partido, deveria ser motivo de homenagem e inspiração. Assim, Manini Ríos, na sua audiência de 30

de março de 2021, propõe honrar os “milhares de orientais que deram seu sangue pela liberdade desta terra e que jamais imaginariam que seus descendentes estariam absorvidos em lutas mesquinhas”.

A tradição que o partido pretende retomar é, como foi apresentado no capítulo anterior, baseada também nos partidos tradicionais, especialmente nos legados dos líderes que consideram abandonados atualmente. Mediante uma citação de Luis Alberto de Herrera, Domenech, em 7 de dezembro, na câmara, exaltou a Itália e especialmente a Espanha como as “mães latinas da cristandade”, como aquelas que forjaram a identidade nacional uruguaia. Isso para se referir à comemoração do Natal e questionar que, no Uruguai, essa data se chama legalmente Dia da Família¹³⁴, “como se as denominações legais mudassem a natureza de uma festividade que celebra a maioria dos nossos compatriotas”.

Continua referindo-se à festividade como aquela que comemora o nascimento, segundo ele, de um protagonista da história. Afirma que esse “impôs na história universal uma página indelével, estabelecendo no universo bases morais que regem a sociedade nos nossos dias”. Cabe lembrar que esse senador, como foi mencionado, entende que o cristianismo é uma das matrizes do pensamento ocidental – ou universal – e se encontra ameaçado, como argumentou ao se referir ao comunismo ou às mudanças que procura realizar a UE.

Sobre a matriz da nacionalidade, como aborda Manini Ríos na audição de 12 de outubro de 2021, referindo-se a dois sucessos comemorativos, tem tanto um aspecto global quanto um aspecto nacional. Sobre o global: “em 1492, se unia a geografia do mundo, e o mundo passava a ser um só”. Sobre o nacional, refere-se a uma batalha de 1825, na qual “estavam juntos os orientais, Lavalleja, Rivera e Oribe¹³⁵, que, juntos, conseguiram a façanha [vencer o exército imperial brasileiro]”. Considera que isso demonstrou “que quando os orientais se unem não existem obstáculos nem objetivos que não possam ser cumpridos”.

¹³⁴ Em 1919, modificaram-se as festividades cristãs reconhecidas pelo Estado por laicas, apesar de que se sancionou, durante o governo de Viera, uma política impulsionada pelo *batllismo*.

¹³⁵ Três líderes das lutas pela independência e presidentes do país, Lavalleja e Oribe, *blancos*, e Rivera *colorado*.

Essas referências ao passado e à união dos diferentes líderes busca, ao mesmo tempo, atribuir para si esse espírito de independência, como uma forma de mostrar a importância da união contra um inimigo comum. Esses também são utilizados como referencial de estilo de cidadão, fato que, como foi apresentado no capítulo anterior, também ocorreu com a primeira fração conservadora. Domenech, em 6 de outubro de 2021, referiu-se aos caudilhos originais dos partidos tradicionais, no senado: “Rivera encarnou, como também Aparicio Saravia, na outra tradição partidária, ao gaúcho, ao paisano, ao homem simples, ao homem da terra, ao verdadeiro oriental”.

Essa caracterização da tradição política e cultural, a ideia de nacionalidade e a definição do “verdadeiro oriental” serão um pilar fundamental da construção do “nós” desse partido.

4.6 A construção do “nós”

Como foi apresentado, no capítulo anterior, esse novo partido se mostra como diferente e especialmente como necessário no sistema de partidos uruguaio. Segundo Manini Ríos na audição de 11 maio de 2021, Cabildo Abierto “aportou no senso comum na política”, definindo o partido como “garantidor dos direitos dos uruguaios com a firme defesa da aplicação da Constituição da República”.

Finaliza essa audição afirmando que Cabildo Abierto é diferente, todos sabem isso, sobretudo aqueles uruguaios que ainda mantêm certa capacidade de crítica, que analisam e percebem qual é a realidade”. Essa será a principal característica do grupo “nós” segundo Cabildo Abierto. Para o partido e seus líderes, aqueles que acreditam no partido são os que pensam por si mesmos.

Uma das características do partido que os líderes pretendem transmitir coincide com os motivos do surgimento do MSA, apresentados por Lozano na audição radial, em 4 de dezembro de 2021. Segundo ele, o MSA surge “para dizer as coisas como são, para falar com a verdade, como se vê, como se sente e como foram na realidade”.

Além de “dizer as coisas como são”, esse partido parte de uma linguagem que apela ao senso comum e não ao estilo político que criticam. Um exemplo disso é quando Capillera, na sessão de 3 de outubro de 2020, no debate sobre

o orçamento, começou expressando “como ainda me falta conhecer aspectos técnicos, vou falar desde o local de uma cidadã comum, que é o que eu sou”.

Em um sentido similar, Testa se mostrou contrário, no dia 10 novembro de 2021, ao discurso “politicamente correto” na câmara de deputados, pronunciando: “eu sou dos que dizem o que pensam. Às vezes, cai bem, e muitas outras não”. Também o fez na sua audição de 27 de dezembro de 2022, diferenciando-se dos partidos tradicionais e do “Frente Amplio”: “pessoalmente, admito não ter a capacidade de medir tudo o que expresso com a vara da correção política”. Os outros líderes, segundo ele, “se conduzem com perfeição, com a imprensa, com o público, com a negociação com os partidos”. Segundo ele, “são quem integram a classe política que todos conhecemos, nós em Cabildo, não temos essa *expertise*, nisso que chamo de jogo político”. Sobre essa falta de *expertise*, afirmou que “não temos nem queremos ter, não queremos entrar nele [jogo político], essa nunca foi nossa forma de nos comunicar com as pessoas”.

Assim, Testa afirma que ele e os outros líderes “Manteremos aquilo que nos fez diferentes, por isso aqui estamos, não vou ser arrogante e falar que somos melhores, mas sim que somos outra coisa”. Assim, acaba se constituindo Cabildo Abierto como um partido que representa o “nós” na política.

Realizando uma avaliação da atualidade, Capillera, no dia 3 de março de 2020, pontua: “existe um grande afastamento entre os representantes e os representados, que muitas vezes acaba produzindo indiferença, raiva e até rancor”. Para modificar essa situação, “me comprometo com honra a trabalhar incansavelmente pela nossa pátria, fiel aos nossos princípios (...)”, e finaliza afirmando que é guiada pelas palavras de Artigas: “os cargos que a pátria dá a seus filhos são de honra e empenho pela felicidade pública”.

Também criticando o sistema político e se mostrando diferente na sua intervenção na câmara, em 13 de outubro de 2021, Sodano falou: “é muito simples discutir em palavras e no papel se a vírgula vai mais pra lá, se uma palavra vai com acento ou não, se é sentido de uma maneira ou outra”. No entanto, o que, segundo ele, é realmente difícil, é “ter um guri perdido na rua, sem saber onde está, se está ou não preso, se foi morto, se me roubou pra ir na boca (...) essa é a única realidade”.

Assim, ambas as falas apresentam os partidos políticos como afastados da realidade do povo, enquanto eles se mostram próximos e cientes. Assim como foi apresentado no capítulo teórico, a direita tende a apresentar soluções simples aos problemas complexos e a acusar da não resolução dos mesmos o afastamento dos políticos da realidade popular.

Assim, como expressa Domenech, na sua audição em 13 de junho de 2021, para eles, *Cabildo Abierto* vem a defender os verdadeiros interesses da Nação, tantas vezes esquecidos em benefício de interesses espúrios ou por falta de responsabilidade”. Nesse argumento, *Cabildo Abierto* significa ventos de ares novos nas velas da nave do país” que “marcou o caminho a seguir e o sistema político tem reagido”. Essa reação ocorreu, por sua vez, porque “agiram como devem agir os bons orientais”.

4.6.1 O modelo de país

O modelo de país de *Cabildo Abierto* tende a aparecer com frequência nos discursos dos líderes aqui analisados. Esse modelo se constituiu, de um lado, como continuador das velhas tradições da direita uruguaia, como pode ser a visão do *riverismo*, do *ruralismo* e do *herrerismo*, também como reivindicou a JUP. De outro lado, constitui-se como reação às mudanças advindas com a globalização; e, especialmente, às implementadas pelo governo de esquerda no Uruguai, em tempos recentes.

Como resposta a essas mudanças, *Cabildo Abierto* tende a apresentar uma espécie de reação cultural. Isso se verifica na fala de Capillera, na câmara, em 8 de junho, argumentando sobre a necessidade de a sociedade ter “uma nova consciência, não somente com o Estado proporcionando recursos, mas também com o vizinho, se comprometendo, estando alerta, enfatizando os valores familiares, o respeito e os deveres como cidadãos”. Um dos valores desse modelo de país que já apareceu no decorrer deste capítulo é a meritocracia. Esse aparece na intervenção de Capillera na câmara, no dia 3 de março de 2021, quando critica os planos sociais¹³⁶ implementados desde o Estado. Segundo ela, “necessitamos de ações e ferramentas que os façam

¹³⁶ Nessa intervenção, criticam-se os planos sociais em geral. Trata-se de uma crítica geral à assistência do Estado a pessoas em situação de vulnerabilidade social, quando a deputada prioriza o trabalho à intervenção estatal.

[pessoas em situação de vulnerabilidade] se sentir úteis para sair em frente e dar a suas famílias a melhor qualidade de vida, quiçá a que eles mesmos não tiveram”.

A meritocracia se relaciona com outra ideia que também apareceu nos outros temas, a de que “o trabalho dignifica”. Domenech, na intervenção no senado, em 12 de maio de 2021, esclarece essa relação entre trabalho e dignidade, partindo do argumento de que Jesus era trabalhador, sendo que “a partir da sua prédica, o trabalho se converteu em um elemento de dignificação porque faz o homem parecido com um deus, que pode criar e o homem também”.

A partir dessa e de outras passagens, pode-se verificar a importância que o cristianismo tem para esse grupo. É a partir da releitura do trabalho como elemento que aproxima o deus cristão que esse partido critica tanto os sindicatos quanto as políticas sociais.

Outro elemento característico é a visão das relações internacionais, que derivam do que entendem como modelo de país produtivo. Ao mesmo tempo, esse modelo de país produtivo se vincula com as velhas direitas. Assim, Domenech, na audição de 29 de maio de 2021, lembrou a frase de Nardone, “ao trabalho e avante”, que, para o senador, continua sendo uma guia política.

O modelo de país se relaciona com o velho antagonismo campo-cidade. Assim, Cabildo Abierto seria o único real defensor atual do “campo” enquanto os políticos em geral continuariam afastados dessa região do país. Apresentando-se em uma relação direta com a população rural, Manini Ríos conta, na sua audição de rádio, em 31 de agosto de 2021, sobre a chegada do partido em “localidades desconhecidas para a imensa maioria dos uruguaios, localidades que nunca tinha visto um legislador, a não ser em época eleitoral”.

O mesmo antagonismo se observa na intervenção do senador Lozano, em 1 de dezembro de 2021, para quem “a globalização não chegou a todos por igual, sendo que o interior foi levado a ser o grande perdedor na hora de conseguir melhores oportunidades”. Para o senador, trata-se de uma dívida histórica, já que “sempre que o país passa por uma crise global ou nacional, o campo, o país produtivo, sempre está pronto para contribuir com o desenvolvimento, para trabalhar e para produzir”.

Para Lozano, no Uruguai, verifica-se “um histórico sistema que gera cidadãos de primeira e de segunda categoria, num mesmo país, e que alimenta

uma fratura entre a capital e o interior”. Para superar essa suposta fratura, propõe “políticas focalizadas em fazer crescer a indústria e o comércio no interior, como alguma vez nossos pais e avós puderam fazer”.

As direitas do passado, especialmente o *herrerismo* e os representantes atuais dessas direitas (como apresentado pelos autores que as estudam), tendem a ocultar as diferenças sociais no campo. O mesmo se verifica em *Cabildo Abierto*. Durante a votação, em 13 de julho de 2021, no senado, pela criação do dia do peão rural, Domenech definiu o produtor rural, que admira, como aquele “que come com seus peões; esse produtor rural que tem o mesmo estilo de vida que seus trabalhadores e que é o que impede que no campo exista realmente luta de classes”. E continua: “é um estilo de vida que tem de perdurar no tempo, pois é bom para a sociedade se queremos uma sociedade integrada e pacífica”. E conclui: “acredito que produtores e trabalhadores rurais são uma mesma coisa, são todos trabalhadores rurais”.

Esse senador, no dia 1 de dezembro de 2020, afirma se identificar como trabalhador rural, por ter uma vida de “experiência no trabalho rural porque dirigimos um trator, percorrido a cavalo e arreando gado”.

Para esse partido, como apresenta Manini Ríos, no dia 15 de dezembro de 2021, no senado, “uma das grandes tragédias do país é o despovoamento do interior porque, desde suas origens, desde *Hernandarias*¹³⁷ até os dias de hoje, tem o centro da sua economia no campo”.

Dessa forma, para o partido e os líderes aqui apresentados, o campo é o modelo de país que se baseia na tradição. O campo é por eles entendido como um estilo de vida a ser resgatado. Como relata Manini Ríos na audição de 15 de março de 2022, a “Festa da Pátria Gaúcha, que recria algumas das instalações de outra época do campo, ranchos, povoados”, assim, segundo ele, “relembra um pedaço da nossa história, que parece que quer voltar a ser contemplado, rememorado pelos uruguaios de hoje tantas vezes de costas a essa realidade”.

Um grupo importante para o partido que nucleia e defende esse “estilo de vida de campo” é, como foi apresentado, “*Un Solo Uruguay*”. Manini Ríos, na sua audição de 25 de janeiro de 2022, o definiu como “representante daqueles trabalhadores do meio rural que são os que geram em definitiva a maior parte da

¹³⁷ *Hernandarias*, cujo nome oficial era *Hernando Arias de Saavedra*, primeiro governador não espanhol do *Río de la Plata*. Esse introduziu o gado bovino no Uruguai.

riqueza nacional”. Cabe ressaltar a importância simbólica que esse partido outorga às passeatas de USU. Uma foi descrita por Manini Ríos, na sua audição de 9 de março de 2022, demonstrando “entusiasmo que não era visto desde 2019, as pessoas gritando, pulando, cantando o hino a todo pulmão, realmente uma festa popular, uma festa patriótica”.

Dessa maneira, além de unido e homogêneo, o meio rural é entendido como patriota. A ideia de festa patriótica, de energia e felicidade dessas passeatas lembra a dos antigos grupos das direitas uruguaias, especialmente daqueles de juventude do interior.

A ideia de unidade, como foi visto, é central para esse partido, sendo transversal a cada um dos temas aqui desenvolvidos. Essa ideia é apresentada por Manini Ríos na audição de 30 de março de 2021, na proposta de criação de um Conselho de Economia Nacional, cujos integrantes devem ter “sentido comum, certo espírito de patriotismo, certa vontade de levar o país pra frente, por cima dos nossos partidos”.

Essa união é entendida por Manini Ríos como parte do *artiguismo*:

falamos uma e outra vez que em Cabildo pretendemos ser *artiguistas*, que pretendemos gerar um espaço de união de todos aqueles uruguaios interessados em chegar a soluções, aos verdadeiros problemas que afligem a todos, acabar com a fragmentação, com o ódio, com o enfrentamento ao que nos levaram intencionalmente (MANINI RÍOS, 7 de outubro de 2020).

Cabe destacar que a visão de estilo de vida rural e de união aparece atravessada pela ideia de defesa dos valores tradicionais, de respeito à autoridade, de importância da família e da ordem constitucional; tudo o que consideravam perdido. Manini Ríos, na audição de 23 de dezembro de 2020, define a família como “uma comunidade natural e universal, com base afetiva que influi na formação do indivíduo e tem verdadeiro interesse social”, que “constitui a primeira e mais importante defesa que tem uma pessoa”. Por isso, associá-la ao mundo rural, que consideram homogêneo e sem conflito, é fundamental para a configuração do nacionalismo.

4.6.2 Uma relação direta com o povo

Os líderes afirmam que as propostas e a visão de mundo do partido não têm influência externa. Manini Ríos, em sua audição de 18 de março de 2021, afirmou que esse “é um partido que claramente não tem as mãos amarradas, não tem compromisso com ninguém, é um partido *orejano*¹³⁸”. Por isso, considera que é o único partido que “pode dizer as coisas como são, sem medir outras consequências”.

Como se pôde verificar no decorrer deste capítulo, o partido se apresenta em relação direta com o povo. Como explica Capillera na audição de 3 de dezembro de 2021, “as propostas [do partido] surgem da participação de todos nos *cabildos*”. Define a esses como um centro de reunião ao qual concorrem autoridades locais e cidadãos, “são um centro de informação e debate dos temas da atualidade, ali surgem as propostas que depois, desde que correspondam, tentamos cumprir com a participação de todos”.

4.7 Cabildo Abierto, uma direita reinventada

As dimensões que surgem das falas dos representantes vêm a apresentar tanto a visão de mundo de Cabildo Abierto como a explicar seu surgimento, num momento que entendem como de crise.

A seguinte figura explica como esse partido incorpora e adequa ao momento atual as características orgânicas das direitas mais conservadoras. Começa pelo momento no qual surge, marcado pelo desgaste da esquerda no governo e da direita conservadora sem representação política nos partidos, e com a queda no apoio à democracia e a suas instituições.

A partir desse momento inicial, o partido se apresenta como o defensor do sistema democrático que caracteriza a política uruguaia, mas se distanciando dos partidos que se encontram em crise. Ao mesmo tempo, mostra-se como uma reação às mudanças, especialmente à agenda de direitos, à justiça transicional e aos partidos e organizações que a apoiam.

A partir dessa reação ao “eles”, que entende como não nacional e com base numa releitura do nacionalismo *artiguista*, é que o partido apresenta sua visão de mundo, seu modelo de país. Esse será baseado na referência ao “campo”, o qual entende como caracterizado por um estilo de vida naturalmente

¹³⁸ Expressão que provém daquele gado que não tem marcação, assim, *orejano* seria aquele que não tem dono.

unido, desconhecendo os conflitos que nele ocorrem. Esse aparece ainda como o modelo de país idealizado, que retoma os valores patrióticos, os quais estariam presentes nas lutas pela independência, em alguns caudilhos dos partidos tradicionais, em líderes das velhas direitas – sem utilizar esse termo – e, atualmente, retomado em Cabildo Abierto.

Essas características são apresentadas na seguinte figura:

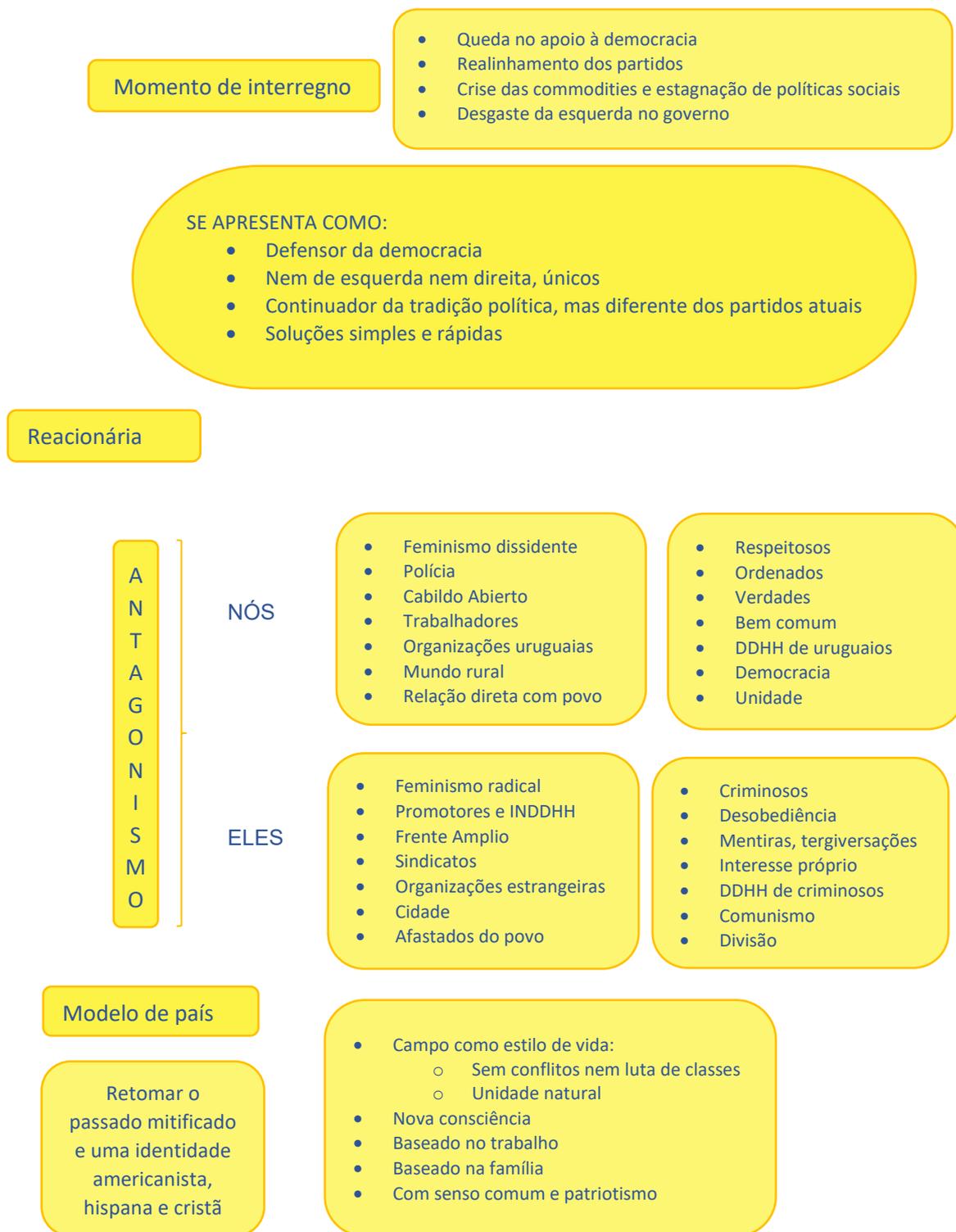


Figura 5: Cabildo Abierto como uma direita reinventada

Fonte: Elaboração própria a partir das figuras 1, 2, 3 e 4.

4.8 Conclusão parcial

Após tudo aqui apresentado, pode-se concluir que o partido Cabildo Abierto e seus líderes são o novo na direita uruguaia ou uma direita reinventada. A partir das falas aqui apresentadas, os líderes, seja dentro do parlamento seja fora dele, pretendem unificar aquele discurso da velha direita, incorporando elementos da atualidade.

Assim, cabe destacar que uma das novas características é a linguagem, que continua sendo combativa, buscando criar uma identidade nacionalista e associada a expressões do mundo rural, mas apresentando características do tempo presente, como pode ser a tendência à utilização menos radical e violenta daquela, pelo menos, em alguns casos.

Também, nas falas, pode-se observar a utilização da chamada janela de *overtone*, a partir da qual alguns discursos, mais radicais e às vezes sem fundamento, ajudam a ampliar a janela do aceitável. Assim, a partir do aparecimento de alguns discursos muito radicais, outros discursos conservadores parecem mais aceitáveis. Um exemplo podem ser as intervenções de Monzillo, cuja exageração e acusações a suas companheiras de câmara fazem que outros discursos conservadores pareçam mais aceitáveis.

Um elemento que é orgânico, mas que aparece adaptado ao tempo atual, é a revisão do passado. Isso porque se agregam elementos que ajudam a sustentar o renovado relato da direita. Assim, aparece a referência aos caudilhos dos outros partidos e a Rodó, que antes não tinham tanta força, mas que na atualidade aparecem necessários, reforçando o desgaste dos partidos políticos, entre os quais Cabildo Abierto busca construir seu espaço.

À revisão do passado descrita agrega-se a referência ao passado recente como ponto fundamental para mostrar a esquerda como manipuladora e seguidora de lemas internacionais, ou seja, uma esquerda “não nacional”. A mesma releitura dá um marco histórico à importância da ordem em um suposto combate ao que é de fora e desagregador. Um detalhe importante dessa releitura é que os fatos não se referem à ditadura e sim aos anos prévios ao golpe militar,

já que esses estão menos presentes na memória coletiva como elemento negativo e permitiriam mais facilmente disputar esse relato.

Finalmente, cabe destacar que tanto os elementos orgânicos quanto os novos podem ser entendidos como uma reação a todas as mudanças – especialmente a agenda de direitos – e aos grupos que as defendem. Apesar de que a ideia de “ideologia de gênero”, por seu caráter recente, não aparece nas velhas direitas uruguaias aqui estudadas, a ideia de família e ordem hierárquica sim, mostrando que os antagonismos se adaptam aos tempos atuais.

Essa reação também enfrenta os setores sindicais, especialmente o da educação, já que, como se mostrou no capítulo anterior, esse grupo social é o que permite a socialização das visões de mundo. Assim, um sindicato da educação mobilizado dificulta a busca de implementação de visão de mundo desse partido.

Desse modo, é possível afirmar que *Cabildo Abierto* é uma direita reinventada a partir das suas características e ferramentas orgânicas adaptadas ao novo tempo. Assim, vem a reunir uma direita reacionária que estava latente e sem uma representação clara, com um discurso conservador, tradicional e nacionalista que busca atribuir para si a representação de todas as ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal conclusão desta dissertação é que o partido uruaio *Cabildo Abierto* é uma direita reinventada. Isso porque o partido, mediante a adaptação do orgânico das direitas, conseguiu unificar, adaptado ao contexto atual, um grupo diverso, disperso e pouco representado nos partidos.

No percurso da pesquisa, os objetivos foram atingidos na sua totalidade. Conseguiu-se definir o que permanece na direita, isto é, o orgânico. Também aquele componente orgânico que permanece em *Cabildo Abierto*. Finalmente, demonstrar como o partido unifica, dá forma e representa esse nacionalismo conservador.

As hipóteses, por sua vez, acabaram sendo enriquecidas pelo material empírico analisado. Isso porque, apesar de concluir que *Cabildo Abierto* unifica, dá forma e representa uma direita latente, não o faz unicamente a partir do nacionalismo conservador *artiguista*. O nacionalismo conservador não é o único

elemento orgânico da direita conservadora uruguaia. Esse é um elemento significativo que atravessa todas as outras características, mas não é o único nem é suficiente como explicativo de como Cabildo Abierto unifica, dá forma e representa o sentimento conservador latente no Uruguai.

Em suma, Cabildo Abierto, que se apresenta como mais novo da política uruguaia, possui elementos orgânicos da direita adaptados ao contexto atual. Esse partido surge para disputar hegemonia, não somente propondo um modelo econômico, mas também buscando instaurar sua cosmovisão. Assim, aparece no momento do interregno como forma de aproveitar o velho que ainda não morreu e o novo que ainda não nasceu para, no meio tempo, surgir como uma opção viável.

A eleição de 2019 se caracterizou por um momento de realinhamento dos partidos políticos, que, como foi apresentado no capítulo 2, começou em 2014. Apesar do surgimento de novos líderes, existia o sentimento latente dessa direita ou daqueles descontentes não se sentiam representados, o que foi aproveitado por CA.

A situação econômica desfavorável para o país, após a crise das *commodities* e a redução das políticas sociais, representou um elemento favorável para a consolidação de Cabildo Abierto, fomentando um descontentamento nas periferias urbanas e rurais. Também foi o momento de surgimento de novos movimentos representando os interesses *ruralistas*, que não se sentiam contemplados pelos setores políticos existentes.

Esse momento também foi propício para que Cabildo Abierto fizesse aliança com as outras direitas, uma vez que conseguiu coordenar e complementar as direitas tradicionais no enfrentamento à esquerda, a partir de sua integração à coalizão que reuniu a todas essas. Isso tudo em que pese à sua constante crítica aos partidos políticos e aos políticos, mostrando o que poderia se chamar de contradições internas.

Na disputa pela hegemonia, CA promoveu um antagonismo entre o “nós” e “eles”. Isso lhe permitiu criar uma identidade por oposição e se constituir, ao mesmo tempo, em uma forma de reação que combina as velhas direitas com as da atualidade. O “eles” é formado, assim como faziam as anteriores direitas e as direitas globais, especialmente por aqueles grupos que representam âmbitos de

socialização de ideias e se encontram em mobilização constante, impedindo a implementação do seu relato.

Assim como as anteriores direitas, CA afirma que os políticos, em geral e os de esquerda em particular, somente buscam o interesse próprio; os sindicatos também, incentivando fraturas econômicas para aumentar seu poder; e os educadores são vistos como doutrinadores.

Surge como novidade o enfrentamento ao feminismo e aos movimentos de minorias sexuais e à justiça transicional, especialmente àqueles que conseguiram que suas reclamações fossem institucionalizadas.

CA afirma que todos esses grupos respondem a interesses e financiamento de centros estrangeiros. Segundo os *cabildantes*, os mesmos buscam debilitar o país para colonizá-lo. Para isso, segundo eles, esses centros de poder procuram: a) acabar com a ordem tanto da segurança quanto dos valores morais; b) com a economia, ao incentivar o agir contrário ao interesse nacional; e c) com a família, isolando os indivíduos para que dependam do Estado. Além disso, esses centros de poder tentam, nesse argumento, debilitar o Estado e manipular a opinião pública, mediante a imprensa, para se apropriar do território e extrair seus recursos naturais. Segundo eles, esses centros de poder também modificam, mediante relatos, o passado e a visão do presente, para aumentar o enfrentamento nacional.

Em oposição aos grupos definidos como “eles”, CA elabora um “nós” que é definido como o *demos*, associado à identidade nacional. Esse é elaborado e projetado mediante uma linguagem e uma simbologia próprias, assim como pela mitificação do passado; elementos que apareceram tanto nas direitas uruguaias quanto nas globais.

Os representantes políticos de CA utilizam uma linguagem que parte de elementos da democracia social, colocando-se como os defensores dos direitos humanos e dos valores tradicionais. Conseguem, dessa forma, combinar a linguagem das direitas pós-ditaduras, as demandas ruralistas e a reação às agendas políticas que enxergam como ameaçadoras. Essa linguagem que se mostra combativa e defensiva do “nós” permite ao partido unir, mediante os valores comuns, os diferentes setores que o compõem.

A simbologia nacionalista e patriota aparece em Cabildo Abierto desde o seu nome, que remete ao *artiguismo*. Assim como as direitas atuais, esse partido

se apresenta como superador das ideologias e como representante do verdadeiro sentir nacional. E como as direitas antigas, o *artiguismo* funciona como elemento de identidade que permite, ao mesmo tempo, posicionar o partido como o herdeiro da tradição nacionalista supostamente esquecida e da unidade para a direita latente, mas dispersa.

O *artiguismo* permite a esse partido se mostrar como uma identidade que antecede e se diferencia dos partidos políticos. Uma característica nova do partido é que aproveita o momento de realinhamento dos partidos para se mostrar como o continuador de tradições, que, argumenta, esses esqueceram. Consegue, assim, colocar-se como o representante de todas as ideias nacionais. Essa identidade nacional é a base com a qual o partido unifica a reação ante tudo o que ameaça a visão conservadora da sociedade.

Essa simbologia também é utilizada em referência à família e ao mundo rural, dois pilares fundamentais da construção do “nós”. A família é entendida, pelo partido, como o principal sustento do homem e, por extensão, do que chamam tecido social. Essa é, para eles, o primeiro elemento socializador, pelo que é entendida como uma representação favorável à visão de mundo do partido.

Já o mundo rural é também associado com o nacionalismo, a hierarquia e a ordem. O partido tende a comemorar as datas das batalhas e lutas pela independência que ocorreram no mundo rural, associando-o fortemente às tradições nacionais. Por sua vez, apoiado nos relatos do mundo rural como puro, unido e homogêneo, desconhecendo os conflitos, hierarquias e diferenças, projeta-o como o microcosmo ideal e pacífico do modelo de sociedade proposto.

Assim, o partido vale-se da mitificação do passado, mostrando esse como glorioso e nacionalista. Da mesma forma que as velhas direitas, o partido realiza uma releitura do passado *artiguista*, mas adiciona o *rodonianismo*, considerando vigente seu hispanismo americanista e chamado às juventudes. Esse passado mítico também remete a uma época dourada, que não define, mas à qual se refere como sendo a época dos “nossos pais”, na qual, aliás, os *ruralistas* governaram.

Assim, o “nós” representa a totalidade do nacional e, por isso, aqueles que se opõem são considerados não nacionais ou antipatriotas. Imprensa, políticos, movimentos sociais e educadores que criticam o partido são

deslegitimados por serem considerados contrários ao interesse nacional. A agenda de gênero, a justiça transicional e outras mudanças são entendidas pelo partido como uma afronta ao modelo de sociedade homogênea e hierárquica que projeta.

Essa diferenciação entre nacionais e antipatriotas já se verificava nas anteriores direitas, mas, na atualidade, *Cabildo Abierto*, como as direitas globais, modifica sua linguagem para unificar, dar forma e representar uma direita latente. Consegue, assim, aglutinar os diferentes grupos que o compõem a partir dessa reinvenção da direita.

Para a direita renovada uruguaia, a retomada de alguns elementos do passado seria uma solução aos problemas atuais. *Cabildo Abierto* pretende, assim, disputar o sentido do ser popular vinculado ao ser nacional, especialmente o sentimento e a identidade do ser uruguaio. Realiza isso mediante suas propostas políticas e desde seus relatos, que retomam os do passado, sendo reforçado pelo meio de imprensa próprio, “*La Manaña*”.

Finalmente, cabe destacar que o surgimento desse partido, neste momento, condiz com a finalidade de buscar criar hegemonia. Por isso, cabe a futuras pesquisas estudar se CA conseguirá atingir o objetivo de consolidar um lugar próprio no sistema de partidos. Contudo, o que é claro é que esse partido se utilizou do momento de desgaste para buscar instaurar sua cosmovisão, seja desde o governo, seja desde fora dele.

A partir do aqui abordado, surgem outras possibilidades de estudos a futuro, como a importância do religioso nessa direita, inclusive em se tratando de um país laico e secular, como o Uruguai. Também pode resultar de interesse a questão da territorialidade, uma vez que se observou que *Cabildo Abierto* registrou uma maior votação na fronteira com o Brasil e nas áreas rurais. A relação da reemergência dessa direita com a construção da identidade e com o papel dos intelectuais, seja na construção da cosmovisão como no enraizamento dela, também pode ser um objeto de estudo relevante. Isso resulta interessante, uma vez que o partido anunciou a criação de centros de estudo de revisionismo histórico ou de questões relacionadas com as mulheres. Outra derivação desta pesquisa pode ser estudar os vínculos com outras direitas, apesar do partido reivindicar o elemento da tradição nacional. Apesar de não ter sido aqui abordado, Manini Ríos afirmou ser amigo pessoal de Vilas Boas, general

conselheiro de Jair Bolsonaro, e participar de atividades do Instituto com o nome do mesmo. Por sua vez, Domenech fez um discurso de forma similar ao do partido ultradireitista espanhol, Vox. A análise dessas relações pode ser aprofundada em futuras pesquisas, que permitam fazer um balanço mais adequado do orgânico e do novo nas direitas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ANSALDI, Waldo. Arregladitas como para ir de boda, nuevo ropaje para las viejas derechas. **Theomai**, n. 35, p. 22–51, 2017. Disponível em: http://revistatheomai.unq.edu.ar/NUMERO_35/2.Ansaldi.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021

ANSALDI, Waldo; GIORDANO, Verónica. **América Latina**, la construcción del orden: de las sociedades de masas a las sociedades en proceso de reestructuración. Buenos Aires: Ariel, 2012. *E-Book*.

AYÇAGUER, Ana María. **Un pequeño lugar bajo el sol**: Mussolini, la conquista de Etiopía y la diplomacia uruguaya. 1935-1938. Montevideo: Banda Oriental, 2009.

BANCO MUNDIAL. **Fin a la violencia en América Latina**. 2018. Disponível em: <https://www.bancomundial.org/es/results/2018/05/17/fin-a-la-violencia-enamerica-latina-una-mirada-a-la-prevencion-desde-la-infancia-hasta-la-edad-adulta>. Acesso em: janeiro 2021.

BARRÁN, José. **Los Conservadores Uruguayos (1870-1933)**. Montevideo: Ediciones Banda Oriental, 2004.

BAYCE, Rafael. **Cultura política uruguaya**: desde Batlle hasta 1988. Montevideo, Fondo de Cultura Universitaria, 1989.

BÉRTOLA, Luis. La dictadura ¿un modelo económico? In: MARCHESI, Aldo et al. (org.). **El presente de la Dictadura**. Montevideo: Trilce, 2004.

BOBBIO, Norberto. **Derecha e izquierda**. Razones y significados de una distinción política. Madrid, Taurus, 1995.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; BROQUETAS, Magdalena. Las derechas en América Latina tras la salida de las últimas dictaduras. **Contemporánea**, v. 11 n 2, 2019.

BOITO, Armando. **O caminho brasileiro para o fascismo**. Caderno CrH, Salvador, v. 34, p. 1-23. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/35578/24872>

BROQUETAS, Magdalena. Los frentes del anticomunismo. Las derechas en el Uruguay de los tempranos sesenta. **Contemporánea**. Montevideo, v. 3, 11-29, 2012.

BROWN, Wendy. **El pueblo sin atributos**, la secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona: Malpaso, 2015. *E-book*.

BRUNO, Mauricio. **La caza del fantasma**. Benito Nardone y el anticomunismo en Uruguay (1960-1962). Montevideo: FHCE-Udelar, 2007.

BUCHELI GABRIEL. **O se está con la patria o se está contra ella:** una historia de Juventud Uruguaya de Pie. 2. ed. Montevideo: Fin de Siglo, 2020.

BUGIATO, Caio. Para entender el neofascismo en Brasil: un ensayo a partir de las contribuciones de Nicos Poulantzas, Chile, 2019, **Actuel Marx** n.27, p. 121-139 Acceso em: 12 nov, 2012.

Cabildo Abierto. **Audiciones.** Disponível em:
<https://cabildoabierto.uy/category/audiciones/>

_____. **Conceptos Programáticos del Social Artiguismo.** Disponível em:
<https://cabildoabierto.uy/conceptos-programaticos-del-social-artiguismo>

CAETANO, Gerardo. **El liberalismo conservador.** Montevideo: Ediciones Banda Oriental, 2021.

CAETANO, Gerardo; RILLA, José; PÉREZ, Romeo. La partidocracia uruguaya. Historia y teoría de la centralidad de los partidos políticos. **Cuadernos del Claeh**, Montevideo, n. 44, p. 37-61, 1987.

CAINFO. Que es CAINFO. Disponivel em: cainfo.org.uy/sitio/que-es-cainfo/

CIFRA. **El perfil de los votantes de los distintos partidos.** 31 octubre, 2019. Disponível em: <https://www.cifra.com.uy/index.php/2019/10/31/el-perfil-de-los-votantes-de-los-distintos-partidos/> Aceso em: julho 2020

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). Datos online. Disponível em: <https://cepalstat-prod.cepal.org/cepalstat/> Acceso em: junho 2020.

_____. **La matriz de la desigualdad social en América Latina.** 2016. Disponível em:
https://www.cepal.org/sites/default/files/events/files/matriz_de_la_desigualdad.pdf Acceso em: junho 2020.

CORPORACIÓN LATINOBARÓMETRO. **Informe 2018.** [Chile?], 2018. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/lat.jsp> Acceso em: junho 2020.

_____. Datos online. Disponível em: <https://www.latinobarometro.org/lat.jsp> Acceso em: junho 2020.

Corte Electoral, Elecciones Nacionales. Disponivel em:
<https://www.corteelectoral.gub.uy/estadisticas/nacionales/elecciones-nacionales-oct-2019>

COSSE, Isabella; MARKARIAN, Vania. **1975: año de la orientalidad:** identidad, memoria e historia durante una dictadura. Montevideo, Trilce, 1996.

DEMASI, Carlos. La figura de Artigas en la construcción del primer imaginario nacional (1875-1900) In: Ana Frega y Ariadna Islas, eds., **Nuevas miradas en torno al artiguismo**. Montevideo: FHCE, 2001, p 341 – 351.

_____. El preámbulo: los años 60. In: APPRATTO, Carmen. et al. (org.). El Uruguay de la dictadura (1973-1985). Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004. p. 7–40.

_____. Los partidos más antiguos del mundo”: el uso político del pasado uruguayo. Revista Encuentros Uruguayos. n 1, 2008. Disponible em: <http://www.encuru.fhuce.edu.uy/images/revistas/revista-encuentros-uruguayos-2008-diciembre.pdf>. Acceso em: setembro 2021.

_____. ¿Qué hay de nuevo en Cabildo Abierto? la diaria | Uruguay, [s. l.], 2 nov. 2019. Disponible em: <https://ladiaria.com.uy/opinion/articulo/2019/11/que-hay-de-nuevo-en-cabildo-abierto/>. Acceso em: 22 jul. 2021.

Diarios de Sesiones. Disponible em:

<https://parlamento.gub.uy/documentosyleyes/documentos/diarios-de-sesion>

DOMENECH, Guillermo. Entrevista cedida a: El nuevo partido Cabildo Abierto impulsa la candidatura de Manini Ríos porque «es un buen timonel para el barco de la República», pero aclaran: «No somos un partido militar». Montevideo, Radio En perspectiva, 14 de marzo de 2019. Disponible em: <https://enperspectiva.uy/especiales/elecciones-en-perspectiva/partido-cabildo-abierto-impulsa-candidatura-de-manini-rios-porque-es-un-buen-timonel-para-el-barco-de-la-republica-pero-aclaran-no-somos-un-partido-militar/>

El Observador. [¿En cuáles y cuántas localidades ganó cada partido? Mirá el mapa pueblo a pueblo](https://www.elobservador.com.uy/nota/-cuantas-y-cuales-localidades-gano-cada-partido-en-el-interior-del-pais--2019117195218) Disponible em: <https://www.elobservador.com.uy/nota/-cuantas-y-cuales-localidades-gano-cada-partido-en-el-interior-del-pais--2019117195218>.

ESTOP, Juan. Notas sobre el «fascismo del siglo XXI» Chile, 2019, **Actuel Marx** n.27, p. 121-139 Acceso em: 12 nov, 2012.

FERREIRA, André Lopes. A unidade política das esquerdas no Uruguai: das primeiras experiências à Frente Ampla (1958-1973). 2011. 430 Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011. Disponible em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103150>

GADEA, Carlos. El Estado y la izquierda política en el Uruguay: la recuperación de la “matriz institucional”. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 33, n. 96, 2018. Disponible em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/hM4qMyqXRcPN45rp9TCtTdN/abstract/?lang=es>

Galeria. **La Sub 35 Del Poder Legislativo**. Quiénes son los diputados más jóvenes del Parlamento. Montevideo, 03 de setembro de 2020. Disponible em:

<https://galeria.montevideo.com.uy/Revista-Galeria/Quienes-son-los-diputados-mas-jovenes-del-Parlamento-uc763323>

GIORDANO, Verónica. ¿Qué hay de nuevo en las «nuevas derechas»? **Nueva Sociedad**. n 254, 2014, Disponible em:

https://static.nuso.org/media/articles/downloads/4068_1.pdf

HIRSCHMAN, Albert. A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo, **Companhia das Letras**, 1992.

ISLAS, Ariadna. Ciudadano Artigas notas a propósito de la construcción de la ciudadanía en el Uruguay, 1888-1897. In: Ana Frega y Ariadna Islas, eds., **Nuevas miradas en torno al artiguismo**. Montevideo: FHCE, 2001 p 353 – 366.

JACOB, Raúl. Benito Nardone, el ruralismo hacia el poder (1945-1958). Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1981.

_____. El Uruguay de Terra, 1931-1938. Una crónica del terrismo. Montevideo: Ediciones Banda Oriental, 1983.

_____. Brevísima historia del Partido Ruralista. Montevideo: Arpoador, 2006.

JUNG, Maria Eugenia. **La educación superior entre el reclamo localista y la ofensiva derechista**: el movimiento pro universidad del norte de salto (1968-1973). 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciencias Humanas, Facultad de Humanidades y Ciencias de La Educación, Universidad de La República, Montevideo, 2014. Disponible em:

<https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/9257>

La diária. **Receta para un partido político: orígenes y proyección de Cabildo Abierto**. **La Diaria**. Montevideo, 4 abr. 2020. Disponible em:

<https://ladiaria.com.uy/politica/articulo/2020/4/receta-para-un-partido-politico-origenes-y-proyeccion-de-cabildo-abierto/>

La Mañana. ¿Quiénes Somos? Disponible em: <https://www.xn--lamaana-7za.uy/quienes-somos/>

_____. El Movimiento Social Artiguista, el sector que podría ser el más votado del país. Para entender a Cabildo Abierto, 16 de octubre de 2019. Disponible em: <https://www.xn--lamaana-7za.uy/politica/el-movimiento-social-artiguista-el-sector-que-podria-ser-el-mas-votado-del-pais/>

LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, 2005.

LANZARO, Jorge. Continuidad y cambios en una vieja democracia de partidos: 1910-2010. **Cuadernos del clae**, Montevideo, v. 2, n. 100, 2012.

LOSURDO, Doménico. **Contra-história do Neoliberalismo**. São Paulo: Ideias e letras, 2006. *E-book*.

LUNA, Juan Pablo; ROVIRA, Cristóbal. Castigo a los oficialismos y ciclo político de derecha en América Latina. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, v. 30, 135-155. Disponível em:

<http://rucp.cienciassociales.edu.uy/index.php/rucp/article/view/482>

MANINI RÍOS, Hugo entrevista cedida a Semanario Voces. Director de La Mañana: Mi nacionalismo es de la Patria Grande, 6 de novembro de 2020.

Disponível em: <http://semanariovoces.com/hugo-manini-rios-director-de-la-manana-mi-nacionalismo-es-de-la-patria-grande/>

MANNHEIM, Karl. **Ensayos sobre sociología y psicología social**. Buenos Aires, Fundación de Cultura Económica, 1953.

MARCHESI, Aldo. **El Uruguay inventado**: la política audiovisual de la dictadura, reflexiones sobre su imaginario. Montevideo, Trilce, 2001.

METHOL, Marcos. El artiguismo y la doctrina de Cabildo Abierto. **Extramuros**. Montevideo, 6 setembro 2020. Disponível em: <http://extramurosrevista.com/el-artiguismo-y-la-doctrina-de-cabildo-abierto>

_____. Entrevista cedida a: Fundador de Cabildo Abierto Yo no entiendo el nacionalismo sin las Fuerzas Armadas. Semanario Voces. 18 jul. 2020. Disponível em: <http://semanariovoces.com/marcos-methol-fundador-de-cabildo-abierto-yo-no-entiendo-el-nacionalismo-sin-las-fuerzas-armadas/> Acessado em: julho 2021.

_____. Carta abierta a Pedro Bordaberry. Las raíces de nuestro árbol. La Mañana. Montevideo, 22 dezembro 2021. Disponível em: <https://www.xn--lamaana-7za.uy/opinion/carta-abierta-a-pedro-bordaberry-las-raices-de-nuestro-arbol/>

Montevideo Portal. Domenech: “Dentro de poco nos van a imponer una ley de homosexualidad obligatoria”. 26 de agosto de 2019. Disponível em:

<https://www.montevideo.com.uy/Noticias/Domenech--Dentro-de-poco-nos-van-a-imponer-una-ley-de-homosexualidad-obligatoria--uc728072>

MOREIRA, Constanza. **Final de Juego**. Del Bipartidismo tradicional al triunfo de la izquierda en Uruguay. Montevideo, Ediciones Trilce, 2004

MOUFFE, Chantal. **La paradoja democrática**, el peligro del consenso en la política contemporánea Barcelona: Gedisa, 2012.

MOUNK, Yascha. **O Povo Contra a Democracia**: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. *E-book*.

Movimiento Social Artiguista. Carta de Principios. Disponível em:

<https://www.msartiguista.uy/Principios>

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. **Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism**. Nueva York: Cambridge University Press, 2019.

NOTARO, Jorge. Estrategia de desarrollo, política económica y actores sociales. Uruguay 1968-1984. **Boletín de Historia económica**, [s. l.], v. n9, 2010.

PANIZZA, Francisco. **Uruguay, batllismo y después**: Pacheco, militares y tupamaros en la crisis del Uruguay batllista. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1990.

PINTO, Antônio. **Regresso das Ditaduras?**. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021. *E-book*.

PIVEL DEVOTO, Juan. **Historia de los partidos políticos en el Uruguay**. Montevideo, Tipografía Atlántida, 1942.

Programa de Gobierno. Compromiso del partido Cabildo Abierto con Uruguay y su gente, Disponible em: <https://manini.uy/programa.pdf>

PRZEWORSKI, Adam. **Crises da democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *E-book*.

RIBEIRO, Ana; CAETANO, Gerardo. Tierras, reglamento y revolución. Montevideo: Planeta, 2015.

RICO, Alvaro. Como nos domina la clase gobernante. Montevideo, Trilce, 2005.

SANAHUJA, José; LÓPEZ, Camilo. La nueva extrema derecha neopatriota latinoamericana: el internacionalismo reaccionario y su desafío al orden liberal internacional. **Conjuntura Austral**, v. 11, n.55, 2020 Disponible em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/106956/58612>

SINGER, Andre. Após marcha troll de Bolsonaro sobre São Paulo, democratas precisam isolar direita lunática. **Ilustríssima**, Folha de São Paulo. 2021. Disponible em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/09/apos-marcha-troll-de-bolsonaro-sobre-sao-paulo-democratas-precisam-isolar-direita-lunatica.shtml>

SOUYRIS, Maria. El auge de los nacionalismos: la violencia metafórica como forma contemporánea de nacionalismos. Chile, 2019, **Actuel Marx** n.27, p. 121-139 Acceso em: 12 nov, 2012.

Subrayado. Verónica Alonso prometió "erradicar la ideología de género". 2019. Disponible em: <https://www.subrayado.com.uy/veronica-alonso-prometio-erradicar-la-ideologia-genero-si-es-presidenta-n523403>

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: LPM, 2018. *E-book*.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. Base de datos corruption perception index. Disponible em: <https://www.transparency.org/en/cpi/2020/index/nzl>

YAFFÉ, Jaime. La izquierda uruguaya y el pasado revolucionario oriental ¿Una leyenda roja del artiguismo?. In: Ana Frega y Ariadna Islas, eds., **Nuevas miradas en torno al artiguismo**. Montevideo: FHCE, 2001 p 411 – 421.

ŽIŽEK, Slavoj. **Primero como tragedia, luego como farsa**. Madrid, Akal, 2011. *E-book*.